

Educação e Cidade: o Espaço Público como Espaço de Aprendizagem

O caso de estudo da Cidade de Setúbal

Mariana dos Santos Sarmento

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

Orientadores: Prof.^a Doutora Teresa Frederica Tojal de Valsassina Heitor

Prof.^a Doutora Maria Alexandra de Lacerda Nave Alegre

Júri

Presidente: Prof.^a Doutora Ana Paula Filipe Tomé

Orientador: Prof.^a Doutora Teresa Frederica Tojal de Valsassina Heitor

Vogal: Prof. Doutor Sérgio Claudino Loureiro Nunes

Dezembro 2021

DECLARAÇÃO

Declaro que o presente documento é um trabalho original da minha autoria e que cumpre todos os requisitos do Código de Conduta e Boas Práticas da Universidade de Lisboa.

*“(...) reconhecer o potencial educativo da cidade
implica uma transformação no modo de olhar.”*

(Sardenberg & Ribeiro, 2015, p. 53)

À minha família.
Pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Teresa Valsassina Heitor e Professora Alexandra Alegre pelo apoio, motivação, empenho e disponibilidade incríveis. Pela oportunidade de investigação no tema e por me acompanharem neste grande desafio.

Agradeço ainda ao Eng.º Orlando Paraíba, Dra. Cristina Coelho, Dra. Márcia Pacheco e a equipa da Câmara Municipal de Setúbal pelo entusiasmo em que se envolveram no trabalho.

Às minhas queridas amigas Matilde, Susana, Ana e Adelina pela inspiração e motivação. Ao Tiago pela paciência. Obrigada por acreditarem em mim.

Aos meus pais e avós por me educarem a persistir e por todo o apoio neste longo percurso.

RESUMO

Segundo os princípios da Carta das Cidades Educadoras (2020), a Cidade Educadora deve comprometer-se a apoiar e desenvolver oportunidades e ferramentas que promovam a educação integral dos seus cidadãos, através da colaboração entre município, entidades/organizações e comunidade locais. Neste enquadramento, a presente dissertação tem como objetivo principal discutir o espaço público urbano sob o tema dos espaços de aprendizagem, explorando-o enquanto agente educativo inserido na estratégia do movimento das Cidades Educadoras.

Explora-se o potencial educativo inerente aos espaços públicos, analisando como estes podem refletir a nível das suas condições morfológicas e espaço-funcionais os princípios das Cidades Educadoras. A investigação foca-se na Cidade de Setúbal, uma das 88 Cidades Educadoras portuguesas, e como estudo de caso o Jardim Multissensorial das Energias, uma iniciativa educativa estabelecida pelo município em 2018. A metodologia aplicada ao caso de estudo teve como base a Avaliação Pós Ocupação que permitiu realçar as oportunidades e problemáticas do espaço, considerando a perspetiva do utilizador, bem como formular respostas interventivas adequadas à realidade.

Verifica-se que olhar para o espaço público como um espaço de aprendizagem é entender o espaço público enquanto elemento potenciador da oferta educativa urbana, a nível formal e informal. Considerando-se um lugar de encontro e partilha de valores entre toda a comunidade, o espaço público tem também a capacidade de ser palco educativo quer a partir das suas características morfológicas como do ambiente educativo que proporciona.

Palavras-Chave: Espaço Público, Cidades Educadoras, Setúbal, Jardim Multissensorial das Energias, Avaliação Pós Ocupação

ABSTRACT

According to the principles of the Charter of Educating Cities (2020), the Educating City must commit to support and develop opportunities and tools that promote the integral education of its citizens, through collaboration between the municipality, entities/organizations and the local community. In this framework, this dissertation has as its main objective to discuss the urban public space under the theme of learning spaces, exploring it as an educational agent within the strategy of the Educating Cities movement.

The educational potential inherent to public spaces is explored by analyzing how they can reflect, in terms of their morphological and space-functional conditions, the principles of Educating Cities. The investigation focuses on Setúbal city, one of the 88 portuguese Educating Cities, and as a case study the Jardim Multissensorial das Energias, an educational initiative established by the Municipality in 2018. The methodology applied to the case study was based on the Post Occupation Evaluation that allowed to emphasize the opportunities and problems of the space, considering the perspective of the user, as well as formulating interventional strategies appropriate to reality.

Perceiving the public space as a learning space is to understand the public space as a potentiating element of the urban educational offer, both formal and informal. Considering itself as a place for meeting and sharing values between the community, the public space also can be an educational platform, both from its morphological characteristics and the learning environment it provides.

Keywords: Public Space, Educating Cities, Setúbal, Jardim Multissensorial das Energias, Post Occupancy Evaluation

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE DE FIGURAS	vi
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Objeto de estudo	1
1.2. Objetivos do Trabalho	1
1.3. Justificação do tema	1
1.4. Justificação do estudo de caso	2
1.5. Metodologia de Investigação	3
1.6. Organização da Dissertação	4
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
2.1. A Aprendizagem e os Espaços Educativos	5
2.2. A Cidade Educadora	9
3. ESTUDO DE CASO: SETÚBAL, A CIDADE EDUCADORA	17
3.1. ATLAS DE INICIATIVAS EDUCATIVAS	20
3.2. CASO DE ESTUDO: JARDIM MULTISSENSORIAL DAS ENERGIAS	37
3.2.1. Metodologia de Análise	37
3.2.2. Caracterização do Jardim Multissensorial das Energias (JME)	42
3.2.2.1. Contexto geral / Modo de produção	42
3.2.2.2. Condições morfológicas	45
3.2.2.3. Condições de uso e tipos de utilizadores	54
3.2.3. Síntese da Análise / Propostas de intervenção	63
3.2.3.1. Ponto de vista dos utilizadores	63
3.2.3.2. Diagnóstico	71
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
BIBLIOGRAFIA	79
ANEXOS	82

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Enumeração dos 20 princípios da Carta das Cidades Educadoras. Adaptado de AICE (2020).	11
Figura 2: Diagramas do desenvolvimento das relações cidade-escola. Adaptado de Coachman (2020).	13
Figura 3: Esquema da evolução urbana da cidade de Setúbal entre 1600 e 1800. Adaptado de Barroso (2020). Marcação da localização do caso de estudo a vermelho.	17
Figura 4: Esquema da evolução urbana da cidade de Setúbal entre 1900 e a atualidade. Adaptado de Barroso (2020). Marcação da localização do caso de estudo a vermelho.	18
Figura 5: Mural “Fauna Marítima do Rio Sado”, a ponte da Avenida Luísa Todi (Google Maps).....	21
Figura 6: Mural dos Peixes, vista a sul (Fonte: CMS)	21
Figura 7: Detalhe do mural - descrição de espécies marítimas (Fonte: CMS)	21
Figura 8: Escultura “Charroco Frigideira” (Fonte: CMS)	21
Figura 9: Skate Park da Algodeia (Google Maps).....	22
Figura 10: Skate Park, vista superior do projeto (Fonte: www.onsk8.com)	22
Figura 11: <i>Skaters</i> a utilizarem o espaço (Fonte: osetubalense.com)	22
Figura 12: Elementos urbanos (Fonte: www.onsk8.com)	22
Figura 13: Festival de Música de Setúbal – edição 2019 (Google Maps)	23
Figura 14: Momento musical na escadaria do Auditório José Afonso, ao ar livre (Fonte: www.festivalmusicadesetubal.com.pt)	24
Figura 15: Apresentação musical no Convento de São Paulo (Fonte: www.festivalmusicadesetubal.com.pt)	24
Figura 16: Concerto na Igreja do Convento de Jesus (Fonte: www.festivalmusicadesetubal.com.pt) .	24
Figura 17: Jardim Multissensorial das Energias (Geoportal de Setúbal)	24
Figura 18: Turma de alunos a percorrer o circuito interpretativo numa visita de estudo realizada pela ENA (Fonte: CMS).....	25
Figura 19: Requalificação dos espaços, introduzindo as estações das energias. Em primeiro plano a estação geotérmica e ao fundo o miradouro/estação das ondas do mar	25
Figura 20: O JME como espaço verde de excelência e ponto panorâmico. Vista a partir da entrada nascente	25
Figura 21: Localização dos Bairros inseridos no Programa “Nosso Bairro, Nossa Cidade” (Google Maps).....	26
Figura 22: Peça de teatro no Parque Verde da Bela Vista, do projeto Férias no Bairro (Fonte: CMS) 27	
Figura 23: Reunião sobre a inauguração do novo Estúdio de Som e Imagem da Bela Vista (Fonte: CMS).....	27
Figura 24: Sessão de técnicas de relaxamento e combate ao stress (Fonte: CMS)	27
Figura 25: Localização dos bairros em intervenção.....	27
Figura 26: Sessão estratégica COLAB	28
Figura 27: Pintura de mural (Fonte: www.edcities.org/pt)	28
Figura 28: Localização de algumas intervenções feitas no programa	28
Figura 29: Requalificação do percurso Rua do Senhor Jesus do Bonfim e Batalha do Viso (Fonte: https://www.uf-setubal.pt/)	29
Figura 30: Pintura da calçada da Rua Arronches Junqueiro, na Baixa de Setúbal (Fonte: CMS)	29
Figura 31: Pintura de um mural na Avenida Manuel Maria de Portela	29
Figura 32: Localização de algumas intervenções feitas no programa	29
Figura 33: Arranjo de espaços públicos exteriores	30
Figura 34: Sessão de aprendizagem sobre as espécies de plantas (Fonte: www.distritionline.pt).....	30
Figura 35: Roteiro “A presença Negra na Cidade de Setúbal” (Geoportal de Setúbal).....	30
Figura 36: Casa do Corpo Santo, que contém um azulejo com uma aguadeira negra e uma fonte cerâmica da cabeça de um homem negro (Fonte: www.portugaldenorteasul.pt)	31
Figura 37: Pelourinho de Setúbal na Praça Marquês do Pombal (Fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/)	31
Figura 38: Principais locais da Semana do Mar e do Pescador (Geoportal de Setúbal)	32
Figura 39: Mostra fotográfica “Labores do Mar” de Márcia Moço, na Avenida José Mourinho	32

Figura 40: Monumento ao Homem do Mar, do escultor António Pacheco, situado no jardim da Praia da Saúde (Fonte: ena.com.pt).....	32
Figura 41: Jardim do Bonfim (Google Maps)	33
Figura 42: Aula de yoga/relaxamento (Fonte: www.distritionline.pt)	34
Figura 43: Jogos desportivos realizados nos percursos pedonais do jardim (Fonte: www.distritionline.pt)	34
Figura 44: Realização de jogos tradicionais nos espaços ajardinados (Fonte: CMS).....	34
Figura 45: Mural pintado na empena de A Nossa Casinha, situada na Alameda das Palmeiras	34
Figura 46: Pintura das montras da Baixa de Setúbal (Fonte: CMS)	35
Figura 47: Exposição de sombrinhas suspensas sobre as ruas da Baixa (Fonte: www.adn-agenciadenoticias.com).....	35
Figura 48: Suspensão de chapéus para embelezar as ruas (Fonte: www.adn-agenciadenoticias.com)	35
Figura 49: Espetáculo de multimédia na fachada do Convento de Jesus - vídeo mapping “Convento de Jesus” (fonte: CMS).....	35
Figura 50: Quadro-síntese de tipologias de iniciativas educativas.	36
Figura 51: Caracterização da amostra	41
Figura 52: Vista a partir da zona do posterior Jardim Camilo Castelo Branco, década de 1940 (Fonte: Fotógrafo Artur Pastor).....	42
Figura 53: Vista sobre a cidade antes das obras do porto, a partir do jardim. As chaminés antigas das fábricas, hoje em dia só resta a chaminé do centro da imagem (Fonte: CMS)	42
Figura 54: Avenida Luísa Todi, 1930 (Fonte: CMS).....	42
Figura 55: Localização do Jardim Multissensorial das Energias e enquadramento nos Bairros Fontaínhas e Bairro Santos Nicolau (Google Maps).....	43
Figura 56: Localização do Jardim Multissensorial das Energias e principais pontos de interesse na cidade (Google Maps)	43
Figura 57: Sistema de vistas panorâmicas e orientação do JME (Fonte: Geoportal de Setúbal)	46
Figura 58: Planta de identificação de áreas verdes principais no interior do JME	47
Figura 59: Variedade de algumas flores e ervas aromáticas presentes do JME.....	48
Figura 60: Desenho técnico da escadaria – alçado	48
Figura 61: Percurso alternativo – passadiço	48
Figura 62: Percursos pedonais antes da requalificação	49
Figura 63: Percursos pedonais depois da requalificação (Fonte: CMS).....	49
Figura 64: Escadaria junto à entrada a sul do jardim.....	49
Figura 65: Rede de espaços de circulação do JME.....	49
Figura 66: Rampa de acesso ao miradouro	50
Figura 67: Percursos pedonais em rampa – entrada nascente	50
Figura 68: Estação Biomassa. Diferença entre os pavimentos dos percursos e estações	50
Figura 69: Rede de espaços de permanência do JME	50
Figura 70: Desenhos técnicos – alçados e cortes	51
Figura 71: Zona de lazer/descanso	51
Figura 72: Mobiliário urbano antes da requalificação (Fonte: CMS).....	52
Figura 73: Mobiliário urbano após a requalificação	52
Figura 74: Sistema de iluminação (Fonte: CMS)	52
Figura 75: Descrição das estações contidas no percurso interpretativo das energias (Fonte: CMS e autor)	53
Figura 76: Tempo médio de estadia.....	56
Figura 77: Frequência de estadia e passagem	56
Figura 78: Atividades e usos principais do JME (número de pessoas observadas e questionadas) ...	57
Figura 79: Atividades estacionárias (observação <i>in loco</i> – período da manhã)	57
Figura 80: Atividades estacionárias (observação <i>in loco</i> – período da tarde)	57
Figura 81: Muro que delimita o miradouro	58
Figura 82: Muro que acompanha os percursos pedonais.....	58
Figura 83: Zona de estar/núcleo de bancos junto à escadaria central	58
Figura 84: Fluxos e zonas de maior movimentação (observação <i>in loco</i>).....	59
Figura 85: Percurso em escadaria central	59

Figura 86: Percursos em rampa	59
Figura 87: Quadro-síntese dos perfis dos utilizadores do JME	62
Figura 88: JME antes da requalificação (Fonte: CMS)	63
Figura 89: JME depois da requalificação	63
Figura 90: Vista do miradouro sobre o rio e cidade	64
Figura 91: Vulcão da Estação Geotérmica.....	64
Figura 92: Barreira sonora – vegetação	65
Figura 93: Fonte da Estação Solar.....	65
Figura 94: Sinalética. Placas direcionais e informativas	67
Figura 95: Vedação do JME	67
Figura 96: Teatro “Sonho de uma noite de verão” (Fonte: Facebook JME)	68
Figura 97: Concerto Fado Bicha (Fonte: www.teatroestudiofontenova.com)	68
Figura 98: Aula de Educação Visual (Fonte: https://blogdaprofessoradeev.home.blog)	68
Figura 99: Apresentação do projeto EnerNetMob (Fonte: http://www.ena.com.pt)	68
Figura 100: Material EXTRUPLÁS, aplicado em pavimentos e mobiliário urbano	69
Figura 101: Matriz de Descobertas e Recomendações	73
Figura 102: Mapa-síntese da Matriz de Descobertas dos resultados obtidos	74
Figura 103: Mapa-síntese das estratégias e iniciativas educativas propostas	75

NOTA: Caso não seja especificado, considere-se que a fonte é a própria autora.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Objeto de estudo

O principal objeto de estudo desta dissertação é o espaço público urbano enquanto agente educativo, enquadrado nos princípios e estratégias do movimento das Cidades Educadoras.

1.2. Objetivos do Trabalho

É objetivo desta dissertação aprofundar o potencial educativo inerente aos espaços públicos e explorar como estes podem refletir a nível das suas condições morfológicas e espaço-funcionais os princípios das Cidades Educadoras, tomando como exemplo a Cidade de Setúbal e constituindo como estudo de caso o Jardim Multissensorial das Energias.

1.3. Justificação do tema

O direito a uma cidade educadora é proposto na Carta das Cidades Educadoras (1990) como uma extensão do direito fundamental à educação. Esta dissertação é justificada pelo compromisso da cidade com a educação e, portanto, pela necessidade de entender o potencial dos espaços públicos urbanos como espaços de aprendizagem, procurando formas de intervenções que transformem estes espaços em alternativas ou complementos aos espaços interiores educativos. Pretende-se desenvolver uma análise crítica destes espaços segundo uma perspetiva do arquiteto/especialista, que é capaz de confrontar a sua interpretação e a opinião da comunidade para, de seguida, formular uma resposta adequada.

O conceito de Cidade Educadora foi consolidado em 1990, no 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, em Barcelona. O documento oficializado, a Carta das Cidades Educadoras, enumera os 20 princípios básicos “pelos quais se deve reger o impulso educativo da cidade” (AICE, 2020, p. 3).

Quando se fala de uma cidade educadora, estamos a olhar para uma cidade que procura construir uma comunidade consciente, inclusiva e participativa, educando-a para que pratique os valores éticos e cívicos, mas também para que desenvolva as suas capacidades e conhecimento enquanto indivíduos. Para além de enriquecer o desenvolvimento do indivíduo, está também a promover a sua contribuição e envolvimento para a comunidade em que está inserido.

De uma forma ou de outra, a cidade apresenta elementos importantes para uma educação integral: é um sistema complexo e, ao mesmo tempo, um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de potencializar os fatores educativos e de transformação social. (AICE, 2020, p. 4)

A cidade deve então promover a educação permanente, ou seja, uma educação ao longo da vida (UNESCO, 2015), através de meios e oportunidades acessíveis a todos os cidadãos.

De facto, outros autores defendiam que a aprendizagem não se deveria limitar aos espaços do edifício escolar, podendo estender-se aos espaços urbanos de uma cidade que é capaz de oferecer as ferramentas para satisfazer e completar as necessidades educativas das crianças e adolescentes. Herman Hertzberger afirma:

At the end of the day, education, besides being about reading, writing and arithmetic, is about exploring the world. It is not just obtaining insight that is important but, increasingly, accumulating interest and love for the riches our world has to offer. (Hertzberger, 2008, p. 46)

Mas como se caracterizam os espaços públicos palco desta missão? Quais as suas características morfológicas, tipológicas, ambientais, entre outras, que potenciam a cidade educadora?

Atualmente, o trabalho realizado pelo conjunto das cidades educadoras tende a desenvolver-se maioritariamente em torno de projetos e eventos programados com foco na promoção das literacias e qualidade de vida da população, recorrendo para o efeito aos recursos existentes nas redes institucionais de equipamentos escolares e culturais através de iniciativas educativas dinamizadas pelas entidades administrativas. No entanto, não se verifica o aproveitamento do potencial dos espaços públicos urbanos enquanto agentes educativos e elementos potenciadores da oferta educativa urbana a nível da aprendizagem quer formal quer informal, tirando partido tanto dos seus valores históricos e territoriais como da relação com o ambiente construído, nomeadamente os espaços públicos enquanto lugares de encontro e trocas de experiências.

Merlin e Queiroga (2011) elaboram um artigo introdutório neste tema, afirmando servir como um início de uma pesquisa reveladora que relaciona Espaço e Educação, dentro das Cidades Educadoras. Estes autores e ainda Queiroz (2014) introduzem conceitos sobre os espaços públicos potencialmente educadores, estruturando-os em cinco pontos fundamentais a considerar para o estudo dos espaços de aprendizagem: relação com a envolvente; história do lugar; encontros humanos; suscitar perceções; e qualidade do design. Entre estes pontos, realçam a promoção da história que é inerente aos espaços e que os torna agentes educadores de uma comunidade que se sente integrada e conhecedora do seu território.

1.4. Justificação do estudo de caso

O estudo de caso centrou-se na cidade de Setúbal, uma das 88 cidades educadoras que integram a Rede Territorial Portuguesa Das Cidades Educadoras (RTPCE) desde 2012. No âmbito desta participação e em concordância com os princípios da Cidade Educadora, a Câmara Municipal de Setúbal tem assumido uma estratégia de edificar uma cidade que possa igualmente ser utilizada como recurso educativo ao serviço das escolas, das famílias e de toda comunidade.

Desde o final da primeira década do século XXI a Câmara Municipal de Setúbal tem vindo a apostar em estratégias integradas de revitalização urbana através do desenvolvimento de processos de reabilitação, atuando nos domínios do espaço público, do edificado, da economia, do património, da cultura, da educação e da ação social.

As intervenções passaram pela reestruturação viária, reformulação dos espaços públicos existentes e beneficiação das infraestruturas e equipamentos urbanos, e pela concretização de um conjunto de projetos âncora em que se destaca o investimento em equipamentos culturais, desportivos, escolares e sociais e em espaços de lazer, valorizando, assim, a oferta e a qualidade do espaço público.

1.5. Metodologia de Investigação

A metodologia adotada para a realização desta investigação assentou em três fases:

- I. Pesquisa teórica (*desk research*)
- II. Análise do caso de estudo – a Cidade de Setúbal
- III. Síntese da análise realizada e elaboração de respostas interventivas.

FASE I

Na primeira fase realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre as premissas da Cidade Educadora e que tipo de espaços estas solicitam. O principal foco centrou-se no levantamento de situações que refletem oportunidades do espaço público para se estabelecer como elemento potenciador da oferta educativa urbana a nível da aprendizagem formal, não formal e informal.

Para chegar a resultados específicos e facilmente mensuráveis, foi elegido como caso de estudo, a cidade de Setúbal.

FASE II

A segunda fase da investigação focou-se na análise prática do caso de estudo, em colaboração com a Câmara Municipal de Setúbal (CMS). A análise foi estruturada pelos seguintes componentes:

- Levantamento das iniciativas educativas propostas e realizadas pelo município de Setúbal, no contexto das Cidades Educadoras;
- Análise e caracterização do Jardim Multissensorial das Energias (JME), elegido como estudo de caso. Esta análise teve como foco a relação entre o ambiente construído do espaço público, o seu potencial educativo e a comunidade que o frequenta;

A caracterização apoiou-se na aplicação dos procedimentos metodológicos de Avaliação Pós Ocupação (APO) tendo como objetivo obter um entendimento do espaço a partir da perceção do utilizador, identificando as realidades do uso do espaço público assim como as suas problemáticas e oportunidades.

A APO é definida como um processo “interativo, sistematizado e rigoroso”¹ desenvolvido para a avaliação de edifícios e espaços já construídos e ocupados, procurando dar informação sobre o seu desempenho atual bem como a opinião dos seus utilizadores e agentes envolvidos através de instrumentos de recolha de dados e análise. Entre as fases de realização de uma APO² encontram-se a fase de planeamento, onde se pretende estabelecer critérios de avaliação, calendarização e preparação da investigação; a fase de realização, onde se aplicam

¹ Rheingantz e al. (2009, p. 16)

² Preiser et al. (2002, p. 11)

os métodos e instrumentos de análise estabelecidos na fase anterior; e por fim, a fase de aplicação, onde se efetua a análise dos dados recolhidos e procede-se à sistematização e proposta de recomendações para futuros projetos.

Na análise do JME foram aplicados os seguintes instrumentos de análise:

- Observação direta do espaço
- Questionários e entrevistas aos seus utilizadores e técnicos

FASE III

Síntese da análise realizada e elaboração de um conjunto de estratégias de intervenção, no âmbito do espaço público como espaço educativo.

1.6. Organização da Dissertação

A dissertação divide-se em 4 capítulos. Tem-se em atenção que o **primeiro capítulo** se refere à introdução do tema e objeto de estudo, onde se apresentam os objetivos e a justificação do tema bem como a metodologia adotada na investigação e a organização da mesma.

O **segundo capítulo** está dividido em dois subcapítulos que têm como objetivo contextualizar o tema e apresentar conceitos importantes para o decorrer da dissertação. No primeiro subcapítulo dedica-se à apresentação de conceitos no âmbito da educação, reconhecendo as suas diferentes formas sob uma perspetiva mais abrangente e como os espaços urbanos poderão ser reflexão das mesmas, lugares de aprendizagem para além do espaço escolar. No segundo subcapítulo é introduzido o movimento das Cidades Educadoras, destacando os seus princípios e aprofundando a relação entre a cidade e educação.

O **terceiro capítulo** está dividido em duas fases de investigação:

- [1] Numa primeira fase caracteriza-se a **cidade de Setúbal** - a nível das iniciativas que promove enquanto Cidade Educadora. Deste modo elabora-se um atlas de iniciativas educativas dividido em três partes, correspondendo às três dimensões da cidade: 1) Aprender na cidade: espaço urbano como contexto educativo; 2) Aprender pela cidade: espaço urbano como agente educativo; 3) Aprender a cidade: espaço urbano como conteúdo educativo.
- [2] Na segunda fase é apresentado como caso de estudo o **Jardim Multissensorial das Energias**, uma das iniciativas educativas da cidade. Procede-se à caracterização do caso de estudo, descrevendo o seu contexto e enquadramento geral bem como as suas condições morfológicas e de uso, i.e atividades, fluxos e modos de apropriação através da criação de mapas e síntese de tipos de utilizadores. Face a esta análise e à aplicação de instrumentos da APO, é realizada uma síntese das condições morfológicas e espaço-funcionais bem como um diagnóstico do ponto de vista técnico e proposta de intervenções educativas no JME.

Por fim, o **quarto capítulo** refere-se à exposição das principais conclusões retiradas da dissertação.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. A Aprendizagem e os Espaços Educativos

Este capítulo visa discutir os conceitos de educação formal, não formal e informal. Pretende-se refletir sobre estes conceitos para a partir daí explorar a forma como a cidade se pode constituir numa entidade educadora e promover oportunidades de aprendizagem. Adota-se uma perspetiva sobre educação que não se restringe à aprendizagem praticada em ambientes institucionais. Reconhece-se uma visão humanista e holística de educação, assente em processos de aprendizagem flexíveis, sejam formais, não formais ou informais.

EDUCAR VERSUS ENSINAR

Portella (2012) distingue os conceitos de educar e ensinar, afirmando que “Educar é muito mais que ensinar. Ensinar é transmitir conhecimentos (...). Educar é uma coisa muito mais profunda” (p. 2).

Para o autor, ensinar refere-se à transmissão de conhecimentos, à apresentação de conteúdos formais e à instrução de saberes regulados por normas e currículos, em regra, praticada em ambientes escolares enquanto que educar se foca na transmissão de valores e na capacidade de potencializar a identidade própria dos indivíduos, os seus comportamentos e valores culturais. Educar é, portanto, muito mais que a aquisição de saberes. É um processo ativo e transformador orientado quer para a aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, quer para a ação, participação e colaboração.

Como tal, Portella (2012) defende que os meios educadores se estendem para além do ambiente escolar, para incluir o contexto envolvente, desde a família, à cidade e ao bairro e à comunidade alargada passando pelos media. Nesta perspetiva, a educação não está associada diretamente nem é dependente de nenhum espaço físico em particular. É um processo de aprendizagem contínuo, em que a comunicação, a convivência e a experiência compartilhada, que Paulo Freire designa de “experiência existencial”, assumem um papel relevante.

A TRILOGIA: EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

Canário (2006) partindo de uma definição simples e global, define educação formal como as aprendizagens que têm lugar num ambiente organizado e estruturado, associadas aos sistemas de ensino regular e de formação profissional, conferindo uma qualificação. Associa a educação não formal a aprendizagens intencionais que ocorrem fora do sistema de ensino geral, i.e, fora da escola, principalmente em espaços e ações coletivas quotidianas e ambientes de trabalho. Gadotti (2012), considera haver complementaridade entre educação formal e não formal, destacando a importância desta como meio de proporcionar modos alternativos de aprendizagem.

Trilla Bernet (2003) associa a educação informal a um processo de aprendizagem não estruturado, baseado na experiência, realizado em contextos da vida quotidiana em ambientes de socialização com amigos, família e comunidade e assente nos seus valores e culturas próprias.

Maria Gohn utiliza 6 questões para delimitar a diferenciação da trilogia de modalidades educativas, que se podem resumir em: “*Quem é o educador (agente do processo de construção do saber)?; Onde se educa (local/espço/ território)?; Como se educa (contexto/situação)?; Porquê (finalidades/objectivos)?; Quais as características mais pertinentes?; Quais os resultados esperados?*” (Bruno, 2014, p. 13).

Neste sentido, a **educação formal** é entendida como aquela que é representada pelo espaço escolar, aprendida por meio dos currículos e matérias regulamentados (Gohn, 2014; Gadotti, 2005). É então caracterizada pelo estabelecimento de objetivos claros e específicos, dependentes de uma diretriz nacional que se baseia num sistema hierárquico progressivo. (Gadotti, 2005).

A **educação não formal** é definida como uma articulação entre os saberes herdados e os adquiridos, partindo de processos socioculturais e históricos característicos do meio onde o indivíduo está inserido. Maria Gohn (2014) destaca a participação cultural, social e política como palco das experiências não formais e, portanto, importantes na produção do conhecimento para o crescimento dos indivíduos enquanto cidadãos. A educação não formal ocorre no quotidiano, através da partilha de experiências e o envolvimento na coletividade; para Gohn, a educação não formal está associada à participação social, entendida como um processo educativo e produtora de saber, incentivando a participação e interesse coletivo por parte dos indivíduos.

(...) o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não-formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade. A educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal. (Gadotti, 2005, p. 2)

Gadotti (2005) acrescenta que a educação não formal é menos hierárquica que a formal e não se verifica a necessidade de um sistema sequencial. Desta forma, é realizada fora do sistema formal de aprendizagem. Sugere então o espaço da cidade como cenário deste tipo de educação, para além de outros espaços como a escola, ONGs, igrejas, sindicatos, partidos, media, associações de bairros, etc. Para além disto, considera que na educação não formal a dimensão espaço-temporal é valorizada, ou seja, valoriza-se a flexibilidade do tempo e o respeito pelo ritmo e capacidades de aprendizagem específicas de cada indivíduo.

Por outro lado, Gohn defende “a **informal** como aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc.- carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados” (2006, p. 28). A educação informal é marcada pela sua espontaneidade, um processo permanente de transmissão de valores pela prática e experiência. Assim, destaca-se dos demais por não ocorrer de forma intencional, sendo que não é estruturada, mas sim proporcionada espontaneamente e informalmente pelo ambiente envolvente.

Assim sendo, a educação integra processos formais, não formais e informais, que funcionam em conjunto e em articulação (Gohn, 2014). Sob o mesmo ponto de vista, Bruno (2014, p. 22), defende que esta terminologia serve apenas para distinguir “modos predominantes de aprendizagem” mas não

exclusivos. A autora ainda acrescenta que é necessário ter uma abordagem “aberta e flexível” para entender estas modalidades educativas, assim como Gadotti (2005) que também aponta a necessidade de encarar este tema sem “fronteiras muito rígidas”. Com isto, conclui-se que a educação e os espaços educativos são mais vastos e abrangentes, na medida em que o desenvolvimento do indivíduo é também estimulado fora do espaço escolar e através de situações não normalizadas. Pode-se olhar para o mundo com uma visão mais ampla, para além dos espaços educativos convencionais: “*Where do we share knowledge? The answer is, simply, anywhere and everywhere—in residential and commercial settings, indoors and outdoors.*” (Scott-Webber, 2004, p. 2).

APRENDER NA CIDADE

In fact, learning arguably happens everywhere—on city sidewalks, in airplanes, in restaurants, in bookstores, and on playgrounds. Human beings—wherever they are—have the capacity to learn through their experiences and reflections. (Chism, 2006, p. 2.2)

Os processos educativos e o espaço que os difunde e proporciona têm vindo a evoluir, acompanhando a evolução da humanidade e suas características envolventes (Gohn, 2014).

Silva et al. (2011) afirmam que “o espaço livre público surgiu nas cidades gregas e romanas, onde o centro da cidade se apegava a um espaço vazio, tendo a Ágora e o Fórum como referências” (p. 198).

A Ágora na Grécia antiga era um espaço criado como recurso constante para os cidadãos; era um cenário interativo do cotidiano, lugar de conversa, reunião, discussão política. As Ágoras das cidades gregas eram organismos vivos que se modificavam de acordo com novas necessidades e novas formas de organizar o cotidiano, a realidade vivida pelas pessoas. (Florenzano, 2015, p. 14)

Na Ágora era reunida a assembleia dos cidadãos, tornando-se um espaço dedicado à deliberação e debate das decisões políticas, como também um local de troca de bens e mercadorias. É, então, um espaço marcado pela reunião de conhecimento e troca de ideias, contribuindo significativamente para a construção do homem ideal grego, a *areté*, um cidadão capaz de participar na vida política, ciente das suas responsabilidades perante a sua cidade (Mineia, 2012).

Indo mais além, e ainda tendo como foco a civilização grega, é de destacar a sua perspetiva sobre a educação do ser humano. Os gregos distinguiam os termos “formação” e “educação”, pelo que defendiam que a formação era “um processo continuado, interior e exterior, calcado em virtudes e que visavam a totalidade do homem” (Freitas, 2018, p. 294). Para além disto, Aristóteles introduziu o termo filosófico *práxis* que, proveniente do grego significava “ação” e denominava a aprendizagem construída a partir do saber quotidiano da experiência e processo de reflexividade. A educação integral do homem focava-se na sua vida social e política e, portanto, era no espaço público onde “o homem grego encontrava o sentido de sua formação e a expressão prática de sua existência” (Freitas, 2018, p. 298).

Segundo Minea (2012), a Ágora, ou até mesmo o Fórum Romano, são exemplos de que o espaço público tem as capacidades necessárias para tomarem a forma de espaços educativos, ou seja, espaços abertos à comunidade, disponíveis, atrativos, que proporcionam níveis adequados de conforto, e ainda capazes de promover certeza e novidade com segurança.

Nesta perspectiva, o espaço público torna-se um espaço educativo por ser o espaço que acolhe a prática política, o debate, a reflexão e discussão de ideias e, assim, dando lugar ao desenvolvimento do cidadão, da sua ética e participação na vida social e comunitária. É neste espaço público que a população se assume como uma comunidade orgânica, reconhecendo a cidade como um todo unificado (Benevolo, 2003). Neste sentido, também é fortalecido o sentimento de pertença do indivíduo na comunidade.

Gadotti (2005) oferece ainda mais pistas para desvendar caminho em direção do entendimento da cidade e seus espaços públicos como espaços de oferta educativa. Para o autor, devemos devolver a cidade às crianças pois é através do brincar que elas também aprendem: “Brincar é um dever para a criança. (...) É a extensão do direito de aprender. Porque a criança aprende brincando” (p. 5). É através desta atividade e do envolvimento com a cidade que a criança se desenvolve enquanto indivíduo com uma identidade própria, dando os primeiros passos para a cidadania, participação e convivência em comunidade. Neste sentido, apresenta uma proposta de extensão da escola para a cidade, que defende ter grande potencial educativo não formal.

O desenvolvimento social das crianças baseia-se na observação do ambiente social que as rodeia (Gehl, 1989), conseqüentemente, tal como a comunidade escolar, também na cidade se pode encontrar uma comunidade que troca ideias e experiências (Hertzberger, 2008). Hertzberger oferece uma perspectiva que aborda a escola como uma microcidade, ao possibilitar uma integração de várias valências e atividades que se sobrepõe, tal como se verifica em contexto urbano. Em comparação com os espaços centrais dos equipamentos escolares, também a cidade oferece espaços ricos de significado e instruídos de experiências. Assim, afirma que devemos abandonar o edifício escolar tradicional e tirar inspiração na cidade. Neste seguimento Paulo Freire ainda acrescenta que:

se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aulas das escolas, nos pátios dos recreios (...) em que variados gestos (...) que se cruzam cheios de significação (Freire as cited in Bruno, 2014, p. 20)

2.2. A Cidade Educadora

Neste capítulo aprofundam-se os conceitos abordados no capítulo anterior, destacando o papel educativo da cidade. Introduce-se o conceito de “Cidade Educadora”, impulsionado pelo movimento das Cidades Educadoras, referem-se os princípios e ideais pelos quais estas cidades se devem reger e aborda-se a relação entre cidade, espaço e educação, com exemplos práticos de como a cidade pode ter um papel ativo na educação.

O MOVIMENTO DAS CIDADES EDUCADORAS

O conceito de “cidade educativa” é introduzido pela primeira vez na década de 1970 por Edgar Faure, no relatório “Apprendre a Être” publicado em 1972, descrevendo-o como um “processo de ‘compemtração íntima’ entre educação e ‘vida cívica’” (Gadotti, 2005, p. 7). Uma década mais tarde, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) adota o conceito de Cidade Educadora (UNESCO Institute of Lifelong Learning, 2015).

Em 1990 é realizado o 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, em Barcelona e é criada a AICE, Associação Internacional de Cidades Educadoras, visando defender o papel da cidade como educadora intencional e assumindo que, para além das suas funções tradicionais, pode também oferecer formação pela e para a cidadania.

De acordo com o Instituto para a Aprendizagem ao Longo da Vida da UNESCO,

A Learning City is a city which effectively mobilizes its resources in every sector to promote inclusive learning from basic to higher education; revitalize learning in families and communities; facilitate learning for and in the workplace; extend the use of modern learning technologies; enhance quality and excellence in learning; and foster a culture of learning throughout life.

In so doing it will create and reinforce individual empowerment and social cohesion, economic and cultural prosperity, and sustainable development.
(UNESCO Institute of Lifelong Learning, 2015, p. 9)

Segundo Portella (2012), as Cidades Educadoras assentam em duas premissas significativas. A que todos nós somos educados pelo ambiente envolvente assim como fazemos parte desse mesmo ambiente, sendo elementos capazes de educar os outros. Sob o mesmo ponto de vista, pode-se afirmar que o cidadão se desenvolve de forma autónoma, produzindo conhecimento e alterando a sua vida ao mesmo tempo que contribui para a vida da sua comunidade (Singer, 2015).

A Cidade Educadora é a aquela que se compromete, em conjunto com as suas organizações e administração local, a desenvolver e dispor políticas, mecanismos e oportunidades que apoiam e promovem a educação integral dos seus cidadãos. Coachman (2020) afirma que educação integral se refere “a holistic educational process that both perceive the human being in all its dimensions - intellectual, physical, emotional, social, and cultural - and provides the conditions for the full

development of humans in all their dimensions” (p. 17). Assim, a educação integral não pode estar apenas confinada ao ambiente escolar, requer a participação de outros espaços e territórios bem como a inclusão dos vários modos de educação: formal, informal e não formal (Coachman, 2020; AICE, 2020).

Para além disto, a cidade deve educar e fornecer as ferramentas educativas adequadas a qualquer pessoa, independente do seu género ou idade. Surge então o conceito de educação ao longo da vida, ou por outras palavras, uma educação que nunca termina e, portanto, está presente em todas as fases da vida dos cidadãos.

A Cidade Educadora deve, ainda assim, ter como parâmetro a criança (Gadotti, 2005; Mourão & Lopes, 2020; Hertzberger, 2008):

Na Cidade Educadora, a criança e suas necessidades são o parâmetro para o planeamento do espaço urbano e de ações culturais na cidade. Compreende-se que, se a criança está bem, todos estarão. Uma cidade que possibilita autonomia às crianças para estar e se locomover nos espaços públicos com acessibilidade e segurança, é uma cidade bem planeada para todos. (Mourão & Lopes, 2020, p. 34)

De facto, Hertzberger (2008) afirma que uma cidade pensada para as crianças é um bom ponto de partida para todos, não havendo limites entre crianças e adultos pois estes possuem uma grande dependência entre si. Neste sentido, é de realçar que a Carta das Cidades Educadoras defende que os direitos das crianças e jovens devem ser respeitados, podendo interagir e participar na comunidade como protagonistas das suas próprias vidas.

OS PRINCÍPIOS DAS CIDADES EDUCADORAS

Em 1994 foi elaborada e aprovada a Carta das Cidades Educadoras, no III Congresso Internacional, em Bolonha. Com o apoio da UNESCO, pretendia formalizar os princípios orientadores das Cidades Educadoras. Este documento, atualizado em 2020, baseia-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); na Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965); no Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966); na Convenção sobre os Direitos da Criança (1989); na Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990); na 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher celebrada em Pequim (1995); na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2001); na Carta Mundial pela Direito à Cidade (2005); na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006); no Acordo de Paris sobre o Clima (2015) e na Agenda 2030 sobre o Desenvolvimento Sustentável (2015) (AICE, 2020, p. 3).

Na figura 1, podem-se observar os 20 princípios, organizados em 3 grupos, através dos quais a Carta das Cidades Educadoras dirige as várias cidades que se juntaram ao movimento.

O DIREITO À CIDADE EDUCADORA	1. Educação inclusiva ao longo da vida
	2. Política educativa ampla
	3. Diversidade e não discriminação
	4. Acesso à cultura
	5. Diálogo intergeracional
O COMPROMISSO DA CIDADE	6. Conhecimento do território
	7. Acesso à informação
	8. Governança e participação dos cidadãos
	9. Acompanhamento e melhoria contínua
	10. Identidade da cidade
	11. Espaço público habitável
	12. Adequação dos equipamentos e serviços municipais
	13. Sustentabilidade
AO SERVIÇO INTEGRAL DAS PESSOAS	14. Promoção da saúde
	15. Formação de agentes educativos
	16. Orientação e inserção laboral inclusiva
	17. Inclusão e coesão social
	18. Corresponsabilidade contra as desigualdades
	19. Promoção do associativismo e do voluntariado
	20. Educação para uma cidadania democrática e global

Figura 1: Enumeração dos 20 princípios da Carta das Cidades Educadoras. Adaptado de AICE (2020).

Em suma, segundo estes princípios as Cidades Educadoras devem:

- (1) Garantir a todos o direito à educação, visto como uma extensão do direito à Cidade Educadora. Assim, a cidade, em conjunto com as administrações locais, compromete-se a assegurar a formação ao longo de toda a vida dos seus cidadãos, tendo em conta as suas necessidades. Deste modo, os municípios devem propor uma política educativa que seja ampla e inspirada nos “princípios de justiça social, igualdade, cidadania democrática, sustentabilidade, qualidade de vida e promoção de seus habitantes” (AICE, 2020, p. 10), devendo assim envolver as modalidades educativas formais, não formais e informais. Deve-se assegurar o acesso à cultura e o envolvimento de todos os cidadãos na vida cultural da cidade, dando especial atenção os grupos mais vulneráveis, tanto a nível da fruição dos equipamentos e atividades como na participação da gestão dos mesmos. É necessário o estímulo e investimento na educação das artes e cultura. E deve, ainda, ter em atenção a promoção do combate à discriminação e correção de desigualdades, procurando educar no sentido da igualdade, liberdade de expressão e diversidade cultural.

- (2) Conhecer as condições de vida dos cidadãos e o território que os compreende, podendo assim oferecer respostas adequadas para os mesmos. Neste sentido, é fundamental a realização de estudos, acompanhamento regular e melhorias contínuas das políticas educativas municipais, valorizando a opinião de todos os habitantes que devem ter uma participação ativa na gestão municipal. A cidade deve então comprometer-se a disponibilizar a informação necessária aos seus cidadãos, sendo transparente na divulgação de tomadas de decisão.

A identidade urbana deve ser preservada, devendo valorizar-se o património material e imaterial da cidade bem como a sua memória histórica. Com isto, é essencial que a cidade garanta a manutenção dos espaços e equipamentos bem como dos serviços que disponibiliza. Deve contar com o apoio e envolvimento dos cidadãos e artistas locais no ordenamento do espaço público e ainda, com o suporte de profissionais especializados no apoio a crianças, adolescentes, jovens, idosos e pessoas com deficiências. "O ordenamento do espaço público deverá ter em conta as necessidades de acessibilidade, cuidado, saúde, convívio, segurança, jogo, esparecimento e conciliação da vida pessoal, familiar e profissional" (AICE, 2020, p. 14). Assim, o planeamento urbano e o espaço público devem estar em conformidade com as necessidades específicas dos seus utilizadores, promovendo o contacto com a natureza, as relações pessoais e a fruição de espaços amigáveis, qualificados esteticamente e atrativos. Para além disto a cidade deve ter em conta a sustentabilidade, ou seja, garantir uma vida justa e digna dos seus habitantes atuais e futuros, protegendo os seus bens e promovendo estilos de vida e de consumo com base na justiça, distribuição e suficiência.

- (3) Promover estilos de vida saudáveis, facilitando o acesso aos cuidados de saúde e oferecendo espaços saudáveis e seguros. Deve tomar especial atenção ao combate da solidão e isolamento assim como apoiar o envelhecimento ativo.

A Cidade Educadora deve desenvolver estratégias formativas para que as famílias e outros agentes educativos tenham os conhecimentos e capacidades de apoiar as crianças, adolescentes e jovens. Assim como garantir a orientação pessoal e profissional dos seus cidadãos, acompanhando grupos vulneráveis e facultando a criação de postos de trabalho inclusivos. Desta forma, deve incluir políticas que contribuam para o combate à marginalização, violação de direitos, violência e assédio, facilitando a integração de grupos mais frágeis como os recém-chegados, migrantes ou refugiados pelo que estes grupos devem sentir-se apoiados e valorizados pela comunidade. Esta ação deverá contar então com a ajuda das várias organizações e entidades locais.

Por fim, deve promover o associativismo e voluntariado como veículos educativos da participação comunitária e corresponsabilidade cívica, procurando formar indivíduos voltados para uma comunidade democrática e conhecedores dos seus valores e normas.

Segundo a Carta das Cidades Educadoras (AICE, 2020), procura-se então a construção de uma comunidade consciente e participativa, onde se valoriza a liberdade, a reflexão e o pensamento crítico. É na Cidade Educadora que se encontra uma sociedade baseada na cidadania democrática, que possui as competências necessárias para resolver conflitos e desafios, segundo os valores éticos e cívicos, e capaz de criar soluções que visam o bem de todos. Ainda, deve ser da sua responsabilidade combater todas as formas de exclusão, criando um ambiente de respeito e igualdade entre todas as pessoas, como também promover o cuidado em especial dos grupos estigmatizados, das crianças, idosos e pessoas com doenças ou incapacitadas.

RELAÇÃO ESCOLA-CIDADE

Assim, mais do que afirmar a importância da escola, o Movimento de Cidades Educadoras confere centralidade à educação como elemento norteador de ações e políticas de todas as áreas, basilar para o desenvolvimento humano e social. (Singer, 2015, p. 16)

A Cidade Educadora pretende encontrar a sinergia entre a escola e os espaços que tem para oferecer à comunidade que procura aprender. A cidade é percebida como um espaço de cultura, capaz de educar a escola e os seus espaços; e, por sua vez, a escola torna-se um novo palco educativo, educando a cidade numa troca de conhecimentos e de competências (Gadotti, 2005). Note-se que não é a preferência pela educação na cidade, mas sim o equilíbrio entre estas duas realidades que se unem e suprem, contribuindo para o crescimento pleno e adequado dos seus cidadãos.

A relação entre a escola e cidade foi aprofundada por Coachman (2020), que conclui existirem três ações para gerar esta sinergia (figura 2), tanto para criar ligações entre eles como transformar fisicamente o território de cada um: (1) ações que levam as crianças da escola para a Cidade Educadora; (2) que recriam os "ambientes" da cidade dentro da escola; e (3) que criam ligações físicas entre as duas.

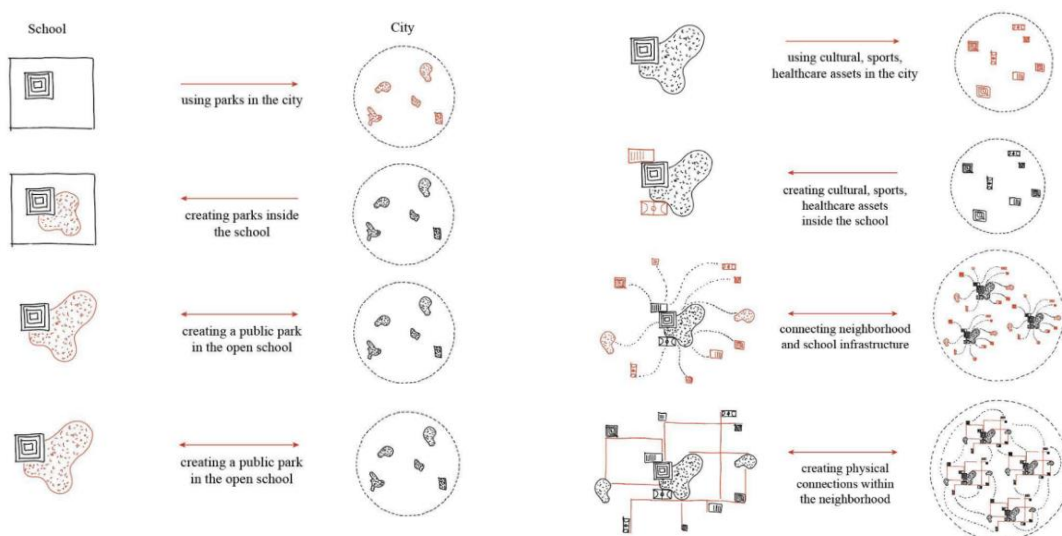


Figura 2: Diagramas do desenvolvimento das relações cidade-escola. Adaptado de Coachman (2020).

The idea is that by opening the school's cultural and sports facilities to the community and exploring the few infrastructures and public places in the area would generate the conditions for educational and human development in the territory. (Coachman, 2020, p. 86)

Estas ações traduzem-se na criação de parques na cidade e dentro da escola, como recreios que eram utilizados para efeitos educacionais e integrados no currículo, e não só como espaços de recreio utilizados em tempo de intervalo. Assim como a criação de parques públicos na “open school”³, que visa ultrapassar os limites da escola e utilizar os equipamentos culturais e desportivos perto do parque público.

Promove-se a utilização dos recursos culturais, desportivos e de saúde disponíveis na cidade; assim como a criação deste tipo de recursos dentro das escolas, onde possam ser acedidos pela comunidade escolar e o público em geral.

E, por fim, criar um sistema integrado entre as escolas e os equipamentos urbanos, tirando partido das suas ligações no âmbito dos serviços, funcionários/trabalhadores, canais de comunicação e conteúdo programático desenvolvido entre eles. Entre estas devem ser criadas ligações físicas dentro do bairro onde a comunidade se insere, melhorando pavimentos, ruas ou outras intervenções, tendo em consideração a visão e opinião da comunidade.

As Cidades Educadoras, com suas instituições de ensino formal e as suas intervenções não formais (com fins educativos fora da educação regulamentada) e informais (não intencionais ou planeadas), colaborarão entre si, bilateral ou multilateralmente, para tornar a troca de experiências uma realidade. (AICE, 2020, p.5)

Singer (2015) acrescenta que a escola, ao passar a ser um agente ativo da comunidade e da dinâmica social, contribui para a melhoria das condições de vida e desenvolvimento da comunidade onde está integrada.

TERRITÓRIO EDUCATIVO

Assumindo a definição de “território” como o “produto da dinâmica social na qual se tensionam sujeitos sociais; apropriação no sentido simbólico, domínio no sentido político-económico e espaço socialmente partilhado; construção a partir dos percursos diários trabalho-casa, casa-escola e das relações que se estabelecem no uso dos espaços ao longo dos dias e da vida das pessoas” Singer (2015) denomina Território Educativo ao espaço que cumpre os seguintes quatro requisitos:

³ Segundo Coachman (2020, p. 58), o conceito de “open school” remete à necessidade de os equipamentos escolares não possuírem limites físicos com a envolvente urbana, surgindo como polos de interesse público na cidade, um destino para a aprendizagem ao longo da vida e abertos à comunidade.

1. pressupõe uma articulação entre diferentes setores – poder local, associação privada e comunidade - e diferentes áreas – educação, saúde, cultura, etc. – em prol do desenvolvimento de um plano educativo local;
2. integra escolas que desenvolvem projetos alinhados com os princípios da educação integral, entendendo a sua comunidade-alvo e reconhecendo o seu papel transformador numa cidade que é um espaço de apropriação e aprendizagem;
3. possui uma rede sociopedagógica (assistência social, educação, saúde, etc.) que funciona de forma articulada e define estratégias coerentes e comuns;
4. reconhece o papel educativo dos vários agentes e multiplica as oportunidades educativas para todas as idades, construindo um projeto educativo para o território e para as pessoas do mesmo.

Coachman (2020) defende ainda que a definição de território se prende não só na sua dimensão física, mas também cultural, social, histórica, relacional e espiritual. E, portanto, para a autora o território educativo é um sistema comunitário que procura proporcionar as condições necessárias para o desenvolvimento integral dos seus cidadãos, crianças e jovens. Neste sentido, é importante a expansão das escolas para o território e a envolvimento de todos os cidadãos como agentes educadores desta transformação.

Com o movimento das Cidades Educadoras, é então reforçada a ideia de que a cidade pode ser considerada como território educativo. Tal como a Cidade Educadora é descrita na Carta das Cidades Educadoras e segundo Arroyo (Singer, 2015), um território educativo é aquele que oferece condições dignas e justas para a qualidade de vida dos cidadãos: ambientes saudáveis, limpos e seguros, espaços dedicados ao exercício físico, acessibilidade, serviços de saúde, condições de estadia adequadas, entre outros fatores importantes. Deste modo, também “oferece as condições para que as pessoas queiram aprender, conhecer o mundo e se desenvolverem” (Singer, 2015, p. 14).

MAS COMO PODE A CIDADE EDUCAR?

Trilla Bernet (1990), defende numa perspectiva educadora, que a cidade pode ser considerada a partir de três dimensões distintas, mas complementares: “Em primeiro lugar como entorno, contexto ou contida de instituições e acontecimentos educativos: “educar-se ou aprender na cidade” seria o lema que descreve esta dimensão. Em segundo lugar, a cidade é também um agente, um veículo, um instrumento, um emissor de educação (aprender da cidade). E em terceiro lugar, a cidade constitui em si mesma um objeto de conhecimento, um objetivo ou conteúdo de aprendizagem: aprender a cidade. De fato se trata de três dimensões conceitualmente diferentes e que em algumas ocasiões convém diferenciar por motivos metodológicos, mas que na realidade se dão notavelmente mescladas: quando aprendemos de e na cidade aprendemos simultaneamente a conhecê-la e a usá-la”.

1. APRENDER NA CIDADE A cidade como contexto educativo

Pressupõe-se que o meio urbano serve como contexto de acontecimentos educativos, ou por outras palavras, são utilizadas as estruturas educativas que configuram a malha urbana - “escolas, centros de educação no tempo livre, educadores de rua, educação familiar e toda a rede cívica, cultural e comercial” (Trilla Bernet, 1997, p. 9) – como recursos e estímulos educativos. Considere-se que quando se mede a capacidade educativa da cidade, não é pela qualidade ou quantidade de equipamentos escolares que oferece, mas também de todos os outros equipamentos e instituições que contribuem para a formação do indivíduo.

Olha-se para a cidade como um sistema, onde quando um elemento é modificado ou introduzido, este tem a capacidade de modificar os restantes. Neste sentido, revela-se a importância das políticas articuladas entre as estruturas educativas, ou seja, deve existir coordenação entre a criação de políticas educativas urbanas e facilitar a complementaridade e cooperação entre as diferentes instituições, recursos e programas, no mesmo bairro e território (Trilla Bernet, 1997, p. 11).

Para o autor, esta organização aliada a uma diversidade dos elementos culturais e ofertas educativas constituem um fator de educabilidade das cidades.

2. APRENDER DA CIDADE A cidade como veículo da educação

Nesta valência são considerados os efeitos educativos que a cidade consegue produzir por ela própria, a cidade como fonte geradora de formação e socialização (Trilla Bernet, 1997, p. 12).

É nas ruas que se aprende. Tal como foi abordado no capítulo anterior, e neste enquadramento, vários autores⁴ defendem que estes espaços são elementos essenciais para o desenvolvimento, em particular, das crianças. Trilla Bernet (1997) refere ainda que é na rua que as crianças podem estabelecer relações entre si e também entre as gerações.

Aprender da cidade é mais que procurar instrução na sua rede de equipamentos formais, é dar valor aos momentos, vivências e situações informais dos vários espaços que a cidade contém e que têm capacidade de instruir.

3. APRENDER A CIDADE A cidade como conteúdo educativo

Trilla Bernet (1997, p. 11) afirma que "O conhecimento informal gerado pelo ambiente urbano também é o conhecimento sobre o próprio ambiente. Aprende-se com a cidade e, ao mesmo tempo, aprende-se a cidade".

A educação informal, tal como descrita no capítulo anterior, baseia-se na capacidade educativa das relações e atividades quotidianas, ou seja, ao andar de transportes públicos ou estar no café ou noutros equipamentos urbanos. Desta forma, é na cidade que se pode encontrar espaço para aprender sobre a vida cívica, os seus valores, as suas histórias.

⁴ Gehl (1989), Trilla (1993), Gadotti (2005), Hertzberger (2008)

3. ESTUDO DE CASO: SETÚBAL, A CIDADE EDUCADORA

CONTEXTO GERAL

A cidade de Setúbal tem uma área territorial de cerca de 171,9 km² e pertence à Área Metropolitana de Lisboa com a função de capital de distrito. Setúbal é delimitada a norte pelo concelho de Palmela, a noroeste pelo concelho do Barreiro, a oeste pelo concelho de Sesimbra, a este pelo Estuário do Sado e Sul pelo Estuário do Sado e Oceano Atlântico. O concelho de Setúbal possui cinco freguesias: Gâmbia, Pontes e Alto da Guerra; Sado; São Sebastião; União das Freguesias de Azeitão (São Lourenço e São Simão); e União das Freguesias de Setúbal (Nossa Senhora da Anunciada, Santa Maria da Graça e São Julião).

A ocupação urbana da cidade de Setúbal está desde os seus primórdios associada à exploração e ao comércio do sal e à atividade piscatória na dependência económica do estuário do Sado. A expansão urbana ocorreu longitudinalmente em relação à frente ribeirinha, nos sentidos nascente e poente. Foi inicialmente condicionada pela muralha medieval erguida no século XIV, posteriormente reforçada no século XVII por uma segunda muralha, que define o que hoje se considera como o Centro Histórico.

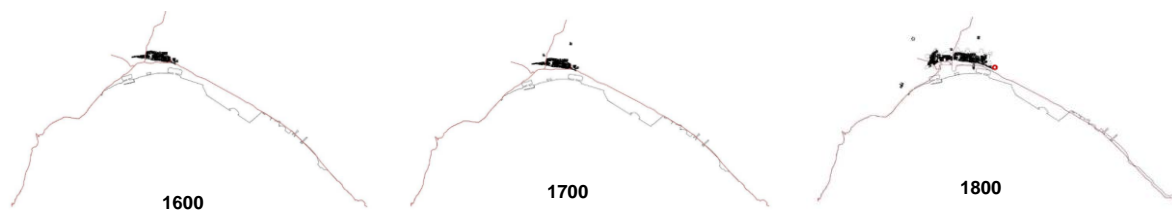


Figura 3: Esquema da evolução urbana da cidade de Setúbal entre 1600 e 1800. Adaptado de Barroso (2020). Marcação da localização do caso de estudo a vermelho.

Setúbal apresenta um crescimento progressivo a partir do século XIX, expandindo-se para nascente e norte do centro histórico seguindo uma estrutura radio-concêntrica. São construídos aterros sobre o rio, é introduzido o caminho de ferro e traçada a Avenida Luísa Todi, resultando no crescimento do porto, na migração da população para a cidade e no conseqüente afastamento da frente ribeirinha. Até à década de 1960, a cidade desenvolve-se predominantemente para nascente e ao longo do rio, onde se concentram as principais unidades industriais e atividades empregadoras. O surto industrial verificado entre finais da década de 1960 e início da década de 1970 levou à expansão da cidade para norte, com a construção de novas zonas habitacionais, coincidente com o desenvolvimento de promoção imobiliária.

A decadência da economia baseada na produção industrial ocorrida no final do século XX levou à degradação acentuada dos espaços portuários e ao desinvestimento nas zonas históricas da cidade. Tal levou a cenários de despovoamento e degradação física e de desqualificação social e funcional principalmente visíveis no centro histórico e na zona ribeirinha. Desde o final da primeira década do século XXI a Câmara Municipal de Setúbal tem vindo a inverter esta situação, apostando em estratégias

de revitalização urbana através do desenvolvimento de processos de reabilitação, atuando nos domínios do espaço público, do edificado, da economia, do património, da cultura, da educação e da ação social.

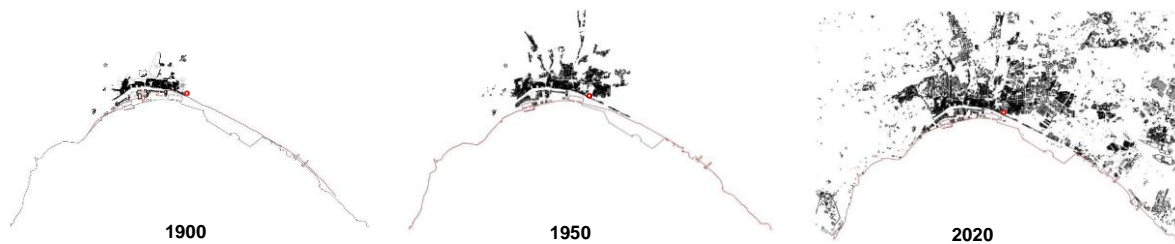


Figura 4: Esquema da evolução urbana da cidade de Setúbal entre 1900 e a atualidade. Adaptado de Barroso (2020). Marcação da localização do caso de estudo a vermelho.

De acordo com os resultados preliminares dos Censos de 2021 do Instituto Nacional de Estatística (INE), a cidade tem uma população de 123 684 habitantes, verificando-se um crescimento de cerca de 2.500 habitantes desde os Censos 2011, composta por 16,1% com 0-14 anos, 65,8% com 15-64 anos e 18,1% com 65 e mais anos. A evolução populacional caracteriza-se pelo aumento do envelhecimento da população na generalidade do concelho com 20,6% de idosos e apenas 16,7% de jovens (dados de 2011). As freguesias que possuem população mais jovem são Gâmbia-Pontes-Alto da Guerra, São Sebastião e a União das Freguesias de Azeitão.

As estratégias de planeamento urbano da cidade de Setúbal enquanto território educativo propõem o envolvimento da comunidade como elemento-chave, comprometendo-se a disponibilizar a informação dos seus processos e dinâmicas urbanas à população. Destaca-se o acesso público à informação e a importância de fomentar uma cidadania participativa que se envolve, discute e resolve as questões de gestão urbana. Nos últimos anos foram desenvolvidos vários programas, regulamentos e processos de participação pública que pretendem fomentar a discussão entre administração e comunidade sobre várias temáticas. Neste sentido, o município pretende também investir em plataformas e bases de dados que disponibilizam informação e dados sobre o território à população, através de uma estrutura de dados municipal que também visa monitorizar e criar indicadores de avaliação da concretização do Plano Diretor Municipal.

A estratégia territorial proposta na revisão do Plano Diretor Municipal, aprovada em setembro de 2021, divide-se em 4 eixos nomeadamente (1) tornar Setúbal num centro urbano competitivo e de nível superior, procurando a requalificação urbana, equipamentos e infraestruturas, promovendo a acessibilidade e mobilidade; (2) fortalecer e diversificar as economias empresariais, industriais e logísticas e reforçar a atividade portuária em articulação com as funções urbanas; (3) promover o turismo cultural e da natureza, investindo nas suas estruturas de apoio, património cultural e nos recursos naturais já existentes; (4) assegurar a qualificação ambiental, apostando na criação de uma

rede ecológica articulada com a malha urbana, na redução de riscos ambientais e na implementação de planos de resposta às alterações climáticas.

Para além disto, o município de Setúbal procura combater o insucesso escolar e melhorar o seu acesso através da implementação de projetos e planos inovadores nomeadamente o Programa Municipal de Educação pela Arte e pelas Ciências Experimentais, iniciado no ano letivo de 2019/2020. Este projeto é destinado a jardins de infância e escolas do 1º ciclo da rede escolar pública, onde se procura educar as crianças estimulando o seu pensamento crítico e criativo, valorizando a educação através dos sentidos, psicomotricidade ou ainda a regularização emocional, atenção e concentração.

O Programa Municipal de Complemento da Ação Educativa inclui ainda a realização de projetos e atividades desenvolvidos e direcionados a várias áreas, entre as quais, a Educação para a Cidadania, a Educação para as Ciências e Tecnologias, a Educação pela Arte, a Saúde e Bem-estar, a Educação Patrimonial, a Educação Ambiental, a Educação para a Segurança e Prevenção de Riscos, e o Desporto e Atividade Física. O programa conta com o apoio de diversos equipamentos municipais como bibliotecas, galerias, museus, bens patrimoniais, mercados, parques e jardins, centros desportivos, entre outros, que servem de palco a esta missão.

De forma a caracterizar a dinâmica espaço-funcional da cidade de Setúbal foi elaborado um mapa esquemático, onde se destaca a localização dos equipamentos escolares, culturais e religiosos, desportivos, de ação social e ainda os espaços verdes representativos da Cidade de Setúbal (anexo I).

3.1. ATLAS DE INICIATIVAS EDUCATIVAS

Neste capítulo é feito o levantamento das iniciativas desenvolvidas na cidade de Setúbal, inseridas no movimento das Cidades Educadoras. São apresentadas doze iniciativas que se destacam na cidade de Setúbal, pela sua abrangência tanto nas suas áreas de atuação como no território que envolvem. As iniciativas são descritas tendo como referência as três dimensões da Cidade Educadora:

- I. **APRENDER NA CIDADE** A cidade como contexto educativo
 1. Mural dos peixes
 2. Skate Park da Algodeia
 3. Festival de Música de Setúbal
 4. Jardim Multissensorial das Energias

- II. **APRENDER DA CIDADE** A cidade como veículo da educação
 5. Programa “Nosso Bairro, Nossa Cidade”
 6. COLAB – Oficinas Colaborativas
 7. Setúbal Mais Bonita
 8. Seja Jardineiro por um dia

- III. **APRENDER A CIDADE** A cidade como conteúdo educativo
 9. Roteiro para uma educação antirracista
 10. Semana do Mar e do Pescador
 11. Há Festa no Parque!
 12. Arte Urbana

No levantamento elaborado caracterizaram-se as diferentes iniciativas tendo em consideração: 1) localização do evento na cidade; 2) a periodicidade em que decorre; 3) a tipologia de espaço público onde ocorre; 4) a modalidade educativa; 5) faixa etária; 6) princípios da cidade educadora⁵ que lhe estão subjacentes.

Apresenta-se ainda um mapa esquemático da cidade e a localização das iniciativas educativas destacadas (anexo II).

⁵ Ver p. 10

INICIATIVAS EDUCATIVAS

I. APRENDER NA CIDADE A cidade como contexto educativo

1. MURAL DOS PEIXES

LOCALIZAÇÃO | Avenida Luísa Todí

DATA | fevereiro, 2021

TIPOLOGIA DE ESPAÇO PÚBLICO | Espaço informal

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 7, 10

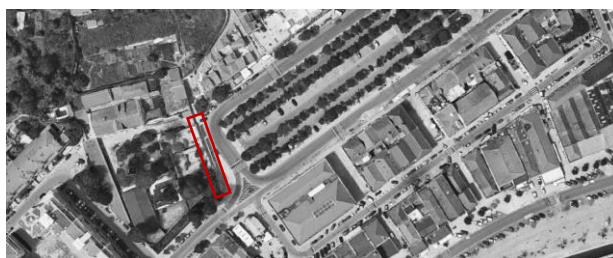


Figura 5: Mural “Fauna Marítima do Rio Sado”, a poente da Avenida Luísa Todí (Google Maps)

O Mural “Fauna Marítima do Rio Sado” é um projeto de arte urbana desenvolvido pela Câmara Municipal de Setúbal, localizado na Avenida Luísa Todí, uma das zonas principais da cidade. Com esta intervenção, procurou-se criar um espaço de celebração tanto do Estuário do Sado como da diversidade de espécies que o habitam. Esta obra é constituída pela exposição das espécies da fauna e flora do Rio Sado, representadas através de elementos escultóricos e textos explicativos que replicam e caracterizam as espécies marítimas sadinas (figura 6 e 7). O Mural dos Peixes surge acompanhado pela estátua “Charroco Frigideira”, uma escultura do artista setubalense Zé Nova e elemento representativo da cidade (figura 8).

Este projeto contribui para o enaltecimento da gastronomia, imagem urbana e identidade da cidade de Setúbal. Logo, defende princípios orientadores das Cidades Educadoras como a promoção da habitabilidade do espaço público e a preservação da identidade própria da cidade, valorizando o património imaterial e o sentimento de pertença da comunidade. Ainda assim, é a promoção do acesso à informação que o distingue como iniciativa educativa. A utilização de um muro como tela expositiva, permite a descoberta e o acesso fácil dos habitantes e visitantes à informação disponibilizada. É um exemplo que ilustra a adaptabilidade do espaço público como elemento capaz de espelhar a identidade urbana e contribuir em simultâneo para a difusão do conhecimento.



Figura 6: Mural dos Peixes, vista a sul (Fonte: CMS)



Figura 7: Detalhe do mural - descrição de espécies marítimas (Fonte: CMS)



Figura 8: Escultura “Charroco Frigideira” (Fonte: CMS)

2. SKATE PARK DA ALGODEIA

LOCALIZAÇÃO | Algodeia

DATA | fevereiro, 2021

TIPOLOGIA DE ESPAÇO PÚBLICO | Parque

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 8, 11



Figura 9: Skate Park da Algodeia (Google Maps)

O **Skate Park de Setúbal** (figura 9) é um dos projetos mais recentes da cidade, localizado entre o acesso de saída da cidade e o Parque da Algodeia. Projetado pelo arquiteto e *skater* Francisco “França” Lopez, esta intervenção teve o propósito de construir um espaço dedicado aos jovens e praticantes desta modalidade desportiva e dar resposta à solicitação de um novo espaço de socialização e encontro para a comunidade. Este projeto está também inserido numa zona mais abrangente prevista para requalificação do espaço público e prevenção de cheias. Além da prática de skate, tem a capacidade de servir outras modalidades como o BMX e patins em linha, apto a diferentes níveis de experiência (figura 10). O Skate Park possui obstáculos que simulam elementos urbanos (figuras 11 e 12), como muretes, corrimões, escadas, rampas e uma grande depressão convexa, a *bowl*. É de destacar o processo de planeamento e conceção do projeto do Skate Park, pois contou com a inclusão da comunidade de *skaters* de Setúbal desde o início do projeto, dando sugestões e contributos das suas necessidades e características que, para eles, o espaço deveria ter. Neste sentido, para além da promoção de espaços habitáveis e saudáveis, este projeto cumpre os princípios das Cidades Educadoras ao também envolver os cidadãos numa colaboração com a administração pública. Deve-se ainda reconhecer a compreensão do território por parte do município, entendendo as condições e necessidades da comunidade, dando atenção especial aos jovens e adolescentes. O Skate Park surge igualmente como uma substituição da antiga zona de skate, situada no Largo de Jesus, espaço público que faz frente ao Convento de Jesus que, entretanto, foi requalificado. Após as construções do espaço público do Convento de Jesus, os jovens setubalenses ficaram sem o seu lugar para a prática de desporto e do skate. Assim, a CMS decidiu construir este espaço, ouvindo o pedido dos jovens e comunidade locais. Pode-se, então, considerar que o projeto contribuiu para um aumento da gestão dos espaços públicos e do sentimento de pertença da comunidade na cidade, tendo a participação comunitária um papel importante.



Figura 10: Skate Park, vista superior do projeto (Fonte: www.onsk8.com)



Figura 11: *Skaters* a utilizarem o espaço (Fonte: osetubalense.com)



Figura 12: Elementos urbanos (Fonte: www.onsk8.com)

3. FESTIVAL DE MÚSICA DE SETÚBAL

LOCALIZAÇÃO | vários locais da cidade

DATA | anualmente, desde 2011

TIPOLOGIA DE ESPAÇO PÚBLICO | vários

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal, informal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 4, 5

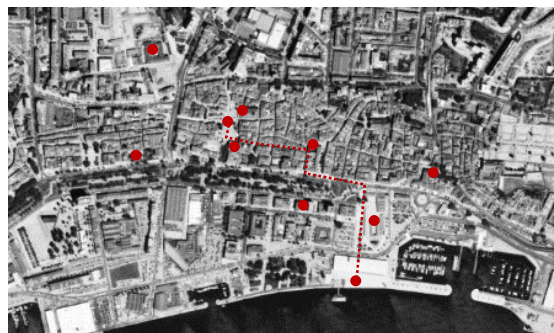


Figura 13: Festival de Música de Setúbal – edição 2019 (Google Maps)

O **Festival de Música de Setúbal** é um dos maiores eventos musicais da cidade, tanto pelo elevado número de pessoas que envolve como pela sua grande extensão no território sadino. Ao longo das suas edições, este festival já contou com a presença de inúmeros artistas portugueses e internacionais como também milhares de jovens e artistas locais, entre os quais artistas amadores e com necessidades especiais, de organizações e escolas como a APPACDM.

O objetivo desta iniciativa é proporcionar aos espectadores momentos musicais nos mais variados espaços da cidade, locais históricos e espaços públicos, como concertos ou desfiles musicais que percorrem a cidade. Para além disso, o Festival serve como apoio aos vários artistas, associações ou escolas de música que aproveitam este momento para mostrar o seu trabalho e valor. Alguns dos locais escolhidos para a realização das apresentações musicais são a Igreja São Julião, a Escola de Hotelaria e Turismo de Setúbal, o percurso entre o Porto de Setúbal e a Praça do Bocage (no centro histórico), o Largo da Misericórdia, o Fórum Municipal Luísa Todi, o Auditório José Afonso, o Museu do Trabalho Michel Giacometti, o Convento de São Paulo e, ainda, o claustro e igreja do Convento de Jesus, entre muitos outros. Na edição de 2019, os jovens tiveram a oportunidade de visitar casas de repouso para idosos, num momento de partilha de histórias e ideias para a criação de novas canções. E, ainda, também foi realizado o Simpósio Internacional de Música, Saúde e Bem-Estar com apresentações e conversas entre especialistas e profissionais das áreas.

Segundo o diretor artístico Ian Ritchie, “a aprendizagem criativa e a participação dos nossos jovens foram sempre um objetivo e um pilar fundamental do Festival”⁶. Neste sentido, o Festival de Música de Setúbal, destaca-se pelo seu carácter instrutivo e participativo, onde é valorizada a participação da comunidade na vida cultural da cidade e ao mesmo tempo na gestão das iniciativas culturais. Tem a capacidade de promover o trabalho realizado pela comunidade e promove significativamente o acesso e fruição dos equipamentos culturais. O evento também proporciona momentos intergeracionais, tanto pelas atividades que organiza dedicados ao público sénior ou mais jovem, como também pelas trocas de experiência e conhecimento que ocorrem informalmente durante todo o processo de ensaio e exposição dos espetáculos.

⁶ Retirado de www.festivalmusicadesetubal.com.pt/edicoes-2011-2019/

A cidade é então entendida como um grande palco musical, onde os seus espaços e equipamentos culturais abrem portas à comunidade que apresenta e observa a sua musicalidade. A arquitetura tem um contributo crucial na realização destas apresentações na medida em que é palco das mesmas assim como são exploradas as propriedades acústicas e morfológicas dos vários espaços, mesmo que estes não tenham sido projetados para este fim. Tome-se como exemplo, a utilização de escadas interiores ou exteriores (figura 14) que são muitas vezes apropriadas como patamares para a posição do grupo musical ou ainda como anfiteatro onde o público se senta a observar a atuação; as *mezzanines* no interior de edifícios que proporcionam aos espectadores pontos de vista privilegiados. E, ainda, a utilização do claustro (figura 15) que possui ótimas condições de privacidade e acústica, invocando espiritualidade, como também a acústica e organização espacial das igrejas (figura 16) que permitem simular um palco e um espaço para o público.



Figura 14: Momento musical na escadaria do Auditório José Afonso, ao ar livre (Fonte: www.festivalmusicadesetubal.com.pt)



Figura 15: Apresentação musical no Claustro do Convento de São Paulo (Fonte: www.festivalmusicadesetubal.com.pt)



Figura 16: Concerto na Igreja do Convento de Jesus (Fonte: www.festivalmusicadesetubal.com.pt)

4. JARDIM MULTISSENSORIAL DAS ENERGIAS

LOCALIZAÇÃO | Escarpas de Santos Nicolau

DATA | junho, 2018

TIPOLOGIA DE ESPAÇO PÚBLICO | Parque

MODALIDADE EDUCATIVA | formal, não-formal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 1, 11, 13, 17



Figura 17: Jardim Multissensorial das Energias (Geoportal de Setúbal)

O Jardim Multissensorial das Energias (JME) é um projeto pioneiro que visa a requalificação do antigo Jardim Camilo Castelo Branco (Jardim das Escarpas de Santos Nicolau) através da melhoria dos seus espaços e percursos pedonais. O projeto promove a aprendizagem sobre as energias renováveis e a eficiência energética a partir da definição de um circuito interativo de estações que representam cada uma das energias renováveis – biomassa, geotérmica, oceânica, solar, hídrica e eólica – através da instalação de equipamentos espalhados sobre a extensão do território. Por se situar na Encosta de Santos Nicolau, o jardim possui ainda pontos de vista panorâmicos sobre a cidade, o rio Sado e a

Arrábida. É também acompanhado por um passadiço que permite outra forma de atravessamento da escarpa.

Inaugurado em junho de 2018, o projeto do JME foi liderado pela Câmara Municipal de Setúbal com o apoio da Agência de Energia e Ambiente da Arrábida (ENA) que procuraram tornar o jardim um espaço dedicado à sustentabilidade e educação, direcionada a todas as idades e pessoas. Segundo Maria das Dores Meira, presidente da Câmara Municipal de Setúbal da altura, “O Jardim Multissensorial das Energias é um projeto muito especial porque foi concebido para ser acessível a todos, sem exceção. Queremos que este seja um espaço para todos, um jardim inclusivo”⁷. Foi com este objetivo que os espaços do JME foram adaptados às necessidades de pessoas com deficiências, tanto a nível motor como de aprendizagem. Os percursos pedonais são aptos a pessoas com mobilidade reduzida assim como as próprias estações e espaços foram pensados para estimular os vários sentidos humanos através da sua interação, cores e cheiros.

Inserido nas iniciativas educativas de Setúbal, o JME promove os princípios das Cidades Educadoras da Sustentabilidade, tendo como base a construção de um espaço que promove ensinamentos sobre o ambiente tanto pelos seus espaços como pelo seu modo de construção e funcionamento – pelo que toda a energia consumida no jardim provém da energia produzida no mesmo a partir da estação eólica e um gerador de eixo horizontal situado na cobertura do edifício da ENA. Para além disto, proporciona uma oportunidade de aprendizagem e utilização do espaço a todas as pessoas, promovendo a inclusão e educação a todos os indivíduos. Deste modo, o JME constitui um exemplo representativo da cidade educadora, sendo que é a partir das características morfológicas e ideais promovidos pelo espaço urbano que é possibilitada a educação e conscientização da população que interage com o mesmo.



Figura 18: Turma de alunos a percorrer o circuito interpretativo numa visita de estudo realizada pela ENA (Fonte: CMS)



Figura 19: Requalificação dos espaços, introduzindo as estações das energias. Em primeiro plano a estação geotérmica e ao fundo o miradouro/estação das ondas do mar



Figura 20: O JME como espaço verde de excelência e ponto panorâmico. Vista a partir da entrada nascente

⁷ Retirado de <http://www.ena.com.pt/>

II. APRENDER DA CIDADE A cidade como veículo da educação

5. PROGRAMA “NOSSO BAIRRO, NOSSA CIDADE”

LOCALIZAÇÃO | Bairros Bela Vista (1), Alameda das Palmeiras (2), Forte da Bela Vista (3), Quinta de Santo António (4) e Manteigada (5)

DATA | desde 2012

TIPOLOGIA DE ESPAÇO | vários

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal, informal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 3, 5, 8, 16, 18, 19, 20

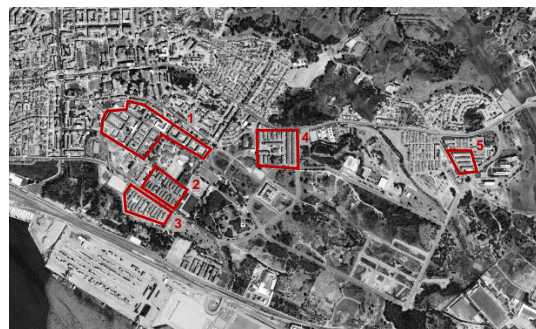


Figura 21: Localização dos Bairros inseridos no Programa “Nosso Bairro, Nossa Cidade” (Google Maps)

O projeto “**Nosso Bairro, Nossa Cidade**” foi criado em 2012 com o objetivo de construir uma comunidade participativa e integrada na gestão do território onde se insere. De acordo com o Boletim nº20 das Cidades Educadoras⁸, esta iniciativa é descrita como um programa que “oferece meios e oportunidades de formação, entretenimento e desenvolvimento pessoal, acolhe iniciativas de cultura popular e compreende todas as modalidades de educação e manifestações culturais, conhece as necessidades dos seus habitantes, valoriza costumes e está ao serviço integral das pessoas”. A estratégia desenvolve-se em várias áreas de intervenção – Educação, Saúde, Ambiente, Economia, Cultura, Segurança, Desporto e Comunidade - cujos eixos principais prendem-se na intervenção com jovens; a educação, formação e emprego; a imagem e a visibilidade; a vida em comunidade e a promoção da participação das pessoas. Tem como território-alvo os bairros sociais da Bela Vista, Alameda das Palmeiras, Forte da Bela Vista, Quinta de Santo António e Manteigada, onde se procura integrar os seus habitantes em equipas de trabalho que trocam ideias e criam soluções para a melhoria da qualidade de vida da comunidade e dos seus bairros. Entre as inúmeras atividades (figuras 22, 23 e 24) realizadas destacam-se aqui a reabilitação dos espaços urbanos, pintura de fachadas e murais e requalificação urbana dos espaços degradados, assim como a organização de equipas de limpeza dos espaços urbanos e as reuniões regulares de monitorização e discussão entre moradores. Como resultado, este programa veio fomentar as relações entre os moradores e a rede de apoio social do município, transformando em conjunto desafios em oportunidades, e a tornar as intervenções no território mais significativas e enquadradas nas suas necessidades. Este projeto foi reconhecido com o Prémio Internacional de Boas Práticas de Educação Cidadã atribuído pela Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE), em julho de 2018.

⁸ A Rede Portuguesa das Cidades Educadoras elabora um boletim regular que reúne as atividades destacadas pelas várias cidades educadoras portuguesas, com o objetivo de promover o movimento e dar a conhecer as ações e atividades realizadas.



Figura 22: Peça de teatro no Parque Verde da Bela Vista, do projeto Férias no Bairro (Fonte: CMS)



Figura 23: Reunião sobre a inauguração do novo Estúdio de Som e Imagem da Bela Vista (Fonte: CMS)



Figura 24: Sessão de técnicas de relaxamento e combate ao stress (Fonte: CMS)

6. COLAB - OFICINAS COLABORATIVAS

LOCALIZAÇÃO | Bairros dos Pescadores e Grito do Povo

DATA | desde 2017

TIPOLOGIA DE ESPAÇO | vários

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal, informal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 5, 6, 8, 18, 20



Figura 25: Localização dos bairros em intervenção (Geoportal de Setúbal)

As **Oficinas Colaborativas COLAB** são espaços de encontro entre a administração municipal, o Laboratório do Conhecimento – Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a população que em conjunto constroem um mapa coletivo do território, espaços de partilha e aprendizagem sobre a cidade. Esta iniciativa insere-se numa estratégia ampla de inclusão social e regeneração urbana de vários bairros da cidade, que tem como objetivo contribuir para um aumento da qualidade de vida dos seus habitantes, construir uma identidade intergeracional e valorizar os espaços públicos e históricos do território. As Oficinas Colaborativas seguem-se a uma fase de conhecimento e análise do território, decorrida entre 2014 e 2016, dirigida pelo município às organizações locais e moradores dos bairros históricos dos Pescadores e Grito do Povo, considerados territórios socialmente vulneráveis e de intervenção prioritária.

O município procurou envolver a comunidade na identificação dos problemas e potencialidades do território, desenhando em conjunto estratégias e soluções que dessem resposta às suas necessidades e que aumentassem a qualidade de vida destes bairros. Foram reconhecidas necessidades de intervenção nos sistemas de água e iluminação das infraestruturas públicas; melhorias no setor da mobilidade e no planeamento urbano, nomeadamente a falta de áreas públicas de lazer e espaços verdes. Para além disto, tomou-se como missão promover as intervenções que garantissem a melhoria dos espaços urbanos; criar iniciativas culturais e comerciais locais para melhorar a sustentabilidade económica, assim como roteiros históricos, culturais e naturais para os habitantes dos bairros e a comunidade em geral; preservar o património e a memória coletiva relacionada com os hábitos piscatórios; e ainda, promover a participação ativa da comunidade, como intuito de fortalecer as

relações com o município e criar um quadro colaborativo de governança territorial. Entre 2020 e 2023, verifica-se uma nova fase de intervenção, que pretende aprofundar o sistema de governança territorial colaborativa.



Figura 26: Sessão estratégica COLAB
(Fonte: www.edcities.org/pt)



Figura 27: Pintura de mural (Fonte: www.edcities.org/pt)

Estas iniciativas são, sobretudo, um exemplo de como o planeamento urbano pode ser um elemento agregador da comunidade com capacidade geradora do diálogo entre todos. Para além de contribuírem para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes, os projetos reconhecem a importância da participação comunitária na gestão e dinamização de atividades no território assim como o seu potencial educativo. A cidade é considerada um objeto de estudo, e, portanto, um espaço de aprendizagem e exploração. Note-se que, em simultâneo, é através do estudo do espaço urbano que se encontram as soluções para as necessidades dos seus utilizadores. Neste sentido, reconhece-se a importância do conhecimento do território para nele se intervir adequadamente.

7. SETÚBAL MAIS BONITA

LOCALIZAÇÃO | vários locais da cidade

DATA | evento anual - desde 2011

TIPOLOGIA DE ESPAÇO | vários

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal, informal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 8, 19



Figura 28: Localização de algumas intervenções feitas no programa
(Geoportal de Setúbal)

Considerado um dos maiores projetos de participação comunitária do país, “**Setúbal Mais Bonita**” tem como objetivo a melhoria dos espaços públicos através da colaboração entre CMS, voluntários e empresas na dinamização de iniciativas interventivas nas freguesias do concelho. Promovem-se ações de requalificação e embelezamento de espaços e edifícios públicos, como equipamentos escolares, e ainda são consideradas as propostas de projetos e locais a intervir feitas pela comunidade local e artistas. Algumas destas ações incluem a manutenção de mobiliário urbano, a limpeza de terrenos, o cuidado e arranjo de áreas verdes e ainda a pintura de murais, paredes exteriores, fachadas de habitações e muros (figuras 29, 30 e 31). Pode-se, ainda, destacar a intervenção que envolveu a EDP

e os artistas locais na pintura de graffiti's de várias caixas de eletricidade espalhadas pela cidade. A participação neste projeto permite, ainda, adquirir um diploma de participação, por exemplo, importante para questões curriculares.

Assim sendo, esta iniciativa educativa procura assegurar a melhoria do espaço público e consequentemente da qualidade de vida dos cidadãos, não descuidando da oportunidade formativa que é proporcionada. É a partir da envolvimento da comunidade e da participação de todas as idades que é fomentada a pertença ao território, a governança e a participação ativa dos habitantes na gestão da cidade. Pretende-se ainda realçar a promoção do voluntariado e da colaboração e cooperação entre o município, as empresas e a comunidade locais, para a concretização de uma missão maior que cada indivíduo, que é tornar o seu território mais bonito.

A requalificação dos espaços urbanos através do voluntariado, permite afirmar que a arquitetura pode ser um veículo educativo, na medida em que educa a comunidade a respeitar a cidade, aumentando a sua responsabilidade social e ambiental. Desta forma, a aprendizagem é incentivada a partir da experiência, ao mesmo tempo que em comunidade se contribui para a melhoria da imagem urbana.



Figura 29: Requalificação do percurso Rua do Senhor Jesus do Bonfim e Batalha do Viso (Fonte: <https://www.uf-setubal.pt/>)



Figura 30: Pintura da calçada da Rua Arronches Junqueiro, na Baixa de Setúbal (Fonte: CMS)



Figura 31: Pintura de um mural na Avenida Manuel Maria de Portela (Fonte: www.districtonline.pt)

8. SEJA JARDINEIRO POR UM DIA

LOCALIZAÇÃO | vários locais da cidade

DATA | anualmente, desde 2018

TIPOLOGIA DE ESPAÇO PÚBLICO | Espaço informal

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 13, 19



Figura 32: Localização de algumas intervenções feitas no programa (Geoportal de Setúbal)

A atividade **“Seja Jardineiro por um dia”** é uma ação inserida na estratégia municipal **“Setúbal: Cidade Verde, Rio Azul”**, que tem como objetivo, em conjunto com a população, tornar alguns dos espaços devolutos em pequenos espaços verdes, reconhecendo o papel da comunidade na transformação de uma cidade mais verde. Com dezenas de intervenções espalhadas pelo território setubalense, esta

iniciativa tem como missão plantar árvores e plantas de várias espécies, entre as quais oliveiras, laranjeiras, hibiscos, jacarandás, malmequeres, arbustos autóctones, por exemplo em taludes com o intuito de os embelezar e consolidar, e ainda a instalação de telas, estilhas e sistemas de rega. Estas ações também envolvem a comunidade escolar, ao participar nas intervenções que decorrem junto dos equipamentos de ensino. Destaca-se a realização de sessões de sensibilização ambiental sobre a importância das árvores e das florestas, orientada por técnicos dos departamentos de Ambiente e Atividades Económicas e de Educação e Saúde da CMS. Na edição de 2019, também foi feita uma requalificação dos espaços públicos para a criação de um percurso pedonal da Quinta da Amizade, na freguesia de Gâmbia-Pontes-Alto da Guerra, que envolveu os moradores, crianças e técnicos municipais.

No contexto das Cidades Educadoras, esta iniciativa respeita a participação ativa da comunidade na gestão municipal, envolvendo crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos na melhoria dos espaços urbanos e da qualidade de vida comunitária. Também é promovida a sustentabilidade, com a ajuda de profissionais na partilha de práticas ambientais exemplares e ensinamentos saudáveis, sustentáveis, assim como o voluntariado, aqui visto como uma forma de incitar o reconhecimento do papel da comunidade na transformação dos espaços urbanos. Pode-se apreender que o processo de transformação do espaço público, em específico os espaços verdes, pode ensinar a preservar o ambiente e os espaços da cidade, criando consciência e responsabilidade ambiental.



Figura 33: Arranjo de espaços públicos exteriores
(Fonte: www.rostos.pt)



Figura 34: Sessão de aprendizagem sobre as espécies de plantas
(Fonte: www.distrionline.pt)

III. APRENDER A CIDADE A cidade como conteúdo educativo

9. ROTEIRO PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

LOCALIZAÇÃO | vários locais da cidade

DATA | 2019

TIPOLOGIA DE ESPAÇO PÚBLICO | Praças e Espaço Público Interior

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 3, 10, 17



Figura 35: Roteiro “A presença Negra na Cidade de Setúbal” (Geoportal de Setúbal)

Entre janeiro e setembro de 2019, a Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), organizou atividades de reflexão sobre o racismo, escravidão e colonialismo, sob o tema dos seus legados na atualidade. Entre as várias atividades realizadas, como conferências, debates, seminários, formações para Professores do Ensino Básico e Secundário e ainda uma exposição “As Origens do Movimento Negro, 1911-1933”, destaca-se o roteiro “**A presença Negra na Cidade de Setúbal**”. Este roteiro é constituído por uma visita guiada a vários espaços urbanos, equipamentos públicos e pontos de interesse da cidade, que tenham sido marcados, de alguma forma, pela presença da comunidade negra entre os séculos XV a XVIII:

- (1) Casa da Alfândega de Setúbal, a atual Biblioteca Municipal
- (2) Igreja de Santa Maria da Graça
- (3) Casa do Corpo Santo, Museu do Barroco
- (4) Convento de Jesus
- (5) Igreja da Nossa Senhora da Anunciada e o busto de São Benedito
- (6) Praça do Bocage, outrora lugar de compra e venda de escravos
- (7) Largo da Ribeira Velha, onde se encontrava o antigo pelourinho (agora presente na Praça Marquês do Pombal) era um local de justiça - ou injustiça pois as penas eram mais pesadas para os negros
- (8) Galeria do Banco de Portugal, que possui obras onde estão representadas pessoas negras

Esta iniciativa destaca-se das demais pois representa com grande impacto os princípios das Cidades Educadoras, o dever de promover o combate à discriminação, incentivando a inclusão e coesão social. É através da educação e do debate de questões importantes que se torna possível a aproximação ao combate das desigualdades étnicas e promoção do respeito pelos outros.

A cidade e os seus espaços públicos têm um papel fundamental na realização do roteiro, pois é através da leitura do espaço urbano atual que a memória histórica dos espaços e as suas vivências são recuperadas. É através do percorrer os espaços da cidade, onde estão impressas as suas memórias coletivas, que se aprende sobre a sua identidade, a sua história e o seu valor. Estes debates em volta de equipamentos públicos e manifestações artísticas, como azulejos, pinturas, painéis ou ainda estatuária, resultam da descoberta da cidade.



Figura 36: Casa do Corpo Santo, que contém um azulejo com uma aguadeira negra e uma fonte cerâmica da cabeça de um homem negro (Fonte: www.portugaldenorteasul.pt)



Figura 37: Pelourinho de Setúbal na Praça Marquês do Pombal (Fonte: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>)

10. SEMANA DO MAR E DO PESCADOR

LOCALIZAÇÃO | vários locais

DATA | anualmente, desde 2015

TIPOLOGIA DE ESPAÇO PÚBLICO | vários

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal, informal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 10



Figura 38: Principais locais da Semana do Mar e do Pescador (Geoportal de Setúbal)

A **Semana do Mar e do Pescador** é uma iniciativa que procura dinamizar a cidade através de dezenas de atividades dedicadas à comunidade, de todas as idades com o intuito de servir como uma homenagem aos pescadores e à tradição piscatória da cidade de Setúbal. Neste sentido, as atividades incluem provas gastronómicas, demonstrações musicais e culturais, ateliers educativos, workshops, seminários, conferências e ainda educação marinha. O município tem como apoio as várias entidades, instituições e organizações locais.

Entre os vários espaços urbanos sadinos que servem de cenário desta iniciativa, destacam-se o Mercado do Livramento, o Mercado do Rio Azul ou a Lota de Setúbal, espaços de prática piscatória, assim como o cemitério de Nossa Senhora da Piedade, onde são depositadas flores no seu memorial, e a Igreja de São Sebastião, onde são realizadas missas de homenagem aos pescadores. No Parque Urbano de Albarquel inclui-se uma mostra gastronómica, onde é possível conhecer mais sobre a história e as tradições que unem Setúbal ao mar, são realizadas exposições de trabalhos (figura 39) e oficinas ou ainda passeios no rio na embarcação “Maravilha do Sado”.

Para além de oferecer acesso à cultura a todas as idades, esta iniciativa também permite dar a conhecer a história da cidade, fortalecendo o sentimento de pertença dos seus cidadãos e valorizando o seu património material e imaterial. Neste contexto, pode ser considerada a potencialidade da cidade como um palco de homenagem, aprendizagem e celebração da sua identidade. A cidade tem capacidade para dar visibilidade ao seu passado, dando conhecimento sobre a sua história.



Figura 39: Mostra fotográfica “Labores do Mar” de Márcia Moço, na Avenida José Mourinho (Fonte: CMS)



Figura 40: Monumento ao Homem do Mar, do escultor António Pacheco, situado no jardim da Praia da Saúde (Fonte: ena.com.pt)

11. HÁ FESTA NO PARQUE!

LOCALIZAÇÃO | Jardim do Bonfim

DATA | anualmente, desde 2010

TIPOLOGIA DE ESPAÇO PÚBLICO | Parque

MODALIDADE EDUCATIVA | não-formal, informal

FAIXA ETÁRIA | todas as idades

PRINCÍPIOS DA CIDADE EDUCADORA | 2, 7, 20



Figura 41: Jardim do Bonfim (Google Maps)

O evento “**Há Festa no Parque**” é uma iniciativa recorrente, promovida pela CMS, que decorre num dos espaços verdes mais importantes da cidade, o Jardim do Bonfim. Com acesso gratuito, este evento consiste na realização de atividades direcionadas a todas as idades que ocorrem durante o fecho do ano letivo. Apresenta um programa lúdico com uma componente pedagógica, onde se pode destacar a feira do livro e o cantinho da leitura, os jogos tradicionais, as instalações efémeras para a realização de escalada e arborismo, os espetáculos de dança e música, assim como a exposição de projetos escolares. Para além das atividades que promove, são expostas as ofertas educativas das escolas profissionais, ensino superior e empresas. E, ainda, são planeados espaços dedicados à saúde, educação alimentar, ciência, expressão artística, entre outros temas, que visam envolver e conscientizar as crianças e suas famílias.

Os valores das Cidades Educadoras são, sem dúvida, considerados. Repare-se que a iniciativa é realizada num espaço urbano público, emblemático, central, seguro e de fácil acesso, e que se mostra disponível a todas as pessoas. Além disso, considera o envolvimento de várias entidades, entre organizações, a comunidade escolar e o próprio município, na apresentação de um programa educativo amplo e diversificado, permitindo a promoção das formas de educação formal, não formal e ainda informal. Fomenta-se ainda a partilha de informação e a conscientização para a cidadania, participação cívica ativa e ética.

Para além das características deste espaço público – disponibilidade, acessibilidade, segurança - é reforçada a sua adequação em tempo de pandemia, por ser um espaço ao ar livre e de grandes dimensões, permitindo a dispersão e afastamento entre os participantes. Ainda assim, são os seus componentes arquitetónicos e naturais que possibilitam a apropriação e realização plena das atividades propostas. São utilizados os elementos arbóreos como apoios expositivos; as escadarias como palco de atuações musicais ou demonstrações interativas de atividades desportivas; os percursos pedonais asfaltados, são ocupados por equipas que disputam entre si os jogos tradicionais e outras modalidades desportivas, adaptados com a instalação de redes e pinturas no pavimento; e ainda, as zonas ajardinadas permitem a realização de várias atividades de expressão cultural, tanto ao ar livre como no interior de instalações temporárias.



Figura 42: Aula de yoga/relaxamento
(Fonte: www.distrionline.pt)



Figura 43: Jogos desportivos realizados nos percursos pedonais do jardim (Fonte: www.distrionline.pt)



Figura 44: Realização de jogos tradicionais nos espaços ajardinados (Fonte: CMS)

12. ARTE URBANA

Os murais - Graffiti e Stencil

Uma das formas mais comuns da Arte Urbana⁹ é a expressão artística através de graffiti e *stencil*. Estas manifestações foram incentivadas na cidade de Setúbal, por exemplo, através do projeto **CARA OU COROA – Street Art Festival**, iniciativa organizada pela associação ACUPARTE e a CMS, em 2017, inserida no Programa “Nosso Bairro, Nossa Cidade”. Este projeto visava o embelezamento de um dos bairros sociais setubalenses, o Bairro da Bela Vista, a partir da pintura de nove murais com temas alusivos à relação intergeracional, natureza, igualdade e multiculturalidade. Cada uma destas intervenções estava delegada a um artista local, que contou com o apoio da comunidade (figura 45).

Pode-se considerar que intervenções como estas no espaço público, promovem o direito à arte e à cultura, contribuindo em simultâneo para a melhoria dos espaços urbanos esquecidos ou deteriorados. Deve-se ainda ter em atenção que estas iniciativas contam com a presença ativa da comunidade, que observa, aprende e se envolve. Para além destes exemplos, podemos também encontrar manifestações de arte urbana em túneis, ruas, edifícios, murais e, ainda, paredes, marcados por artistas locais que embelezam os espaços públicos da cidade.



LEGENDA: A Nossa Casinha é um centro dedicado a desenvolver atividades lúdicas e educativas junto das crianças, jovens e idosos. A pintura na sua empena foi feita em graffiti com spray sobre acrílico e retrata um casal inter-racial de crianças a brincar e a ler, cuja inspiração derivou do crescimento educativo e social das crianças e jovens desse mesmo bairro.

Figura 45: Mural pintado na empena de A Nossa Casinha, situada na Alameda das Palmeiras (Fonte: CMS)

⁹ “**Arte urbana, urbanografia** ou **street art** é a expressão que se refere a manifestações artísticas desenvolvidas no espaço público, distinguindo-se das manifestações de caráter institucional ou empresarial.” (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_urbana). A arte urbana é uma das iniciativas mais observadas e muito apostadas pelo município de Setúbal.

Street Art na Baixa de Setúbal

A Baixa de Setúbal, o centro histórico da cidade, sempre foi um espaço de intervenções artísticas recorrentes. Tome-se como exemplo, a pintura de estores e gradeamentos das montras das cerca de 20 lojas da Baixa (figura 46), apenas visíveis quando estas se encontram fechadas. As pinturas envolveram vários artistas sadinos, que se inspiraram em temas da cidade ou da área de negócios das lojas, e transformaram o espaço comercial numa galeria de arte ao ar livre. Esta iniciativa insere-se no plano de ações do município, que pretende valorizar e atrair visitantes ao centro histórico, requalificando a imagem urbana do mesmo. As ruas da Baixa também são frequentemente decoradas com elementos efémeros, tais como sombrinhas, decorações de papel, flores, luzes de Natal ou outras decorações temáticas que embelezam a cidade, tornando-a mais atrativa, convidativa e estimulante.



Figura 46: Pintura das montras da Baixa de Setúbal (Fonte: CMS)



Figura 47: Exposição de sombrinhas suspensas sobre as ruas da Baixa (Fonte: www.adn-agenciadenoticias.com)



Figura 48: Suspensão de chapéus para embelezar as ruas (Fonte: www.adn-agenciadenoticias.com)

Projeções de vídeo (*video mapping*)

Outras formas de Arte Urbana como as projeções de vídeo, ou *video mapping*, foram também exploradas pelo município. Para exemplificar, tem-se a cerimónia de reabertura do Convento de Jesus e do espaço público envolvente, após as suas obras dirigidas pelo arquiteto Carrilho da Graça. Além de visitas guiadas à zona museológica e demonstrações musicais e cénicas, foi realizado um espetáculo multimédia noturno, o *video mapping* “Convento de Jesus” (figura 49). A fachada principal do monumento foi iluminada através da projeção de imagens alusivas à sua história e acompanhadas pela voz gravada de um narrador.

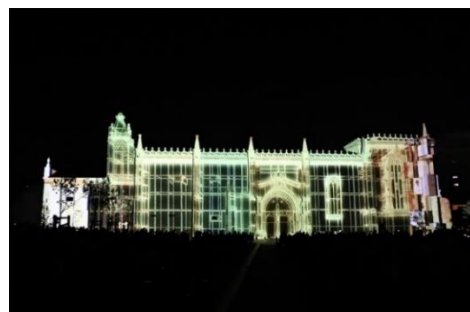


Figura 49: Espetáculo de multimédia na fachada do Convento de Jesus - vídeo mapping “Convento de Jesus” (fonte: CMS)

Em suma, considera-se que se pode olhar para a cidade como uma tela, uma galeria de arte a céu aberto ou ainda um mapa artístico. Para além de requalificar os espaços urbanos, estas iniciativas também têm a capacidade de fomentar o envolvimento da comunidade local na gestão do território, aumentando o sentimento de lugar e pertença, assim como estimulando o pensar sobre o futuro dos espaços e efetivamente executar o que a comunidade de alguma forma pretende alcançar.

De modo a sintetizar as várias iniciativas educativas, procurou-se realizar um quadro-síntese (figura 50) das temáticas analisadas. Este quadro não só serve de síntese do atlas realizado como também das tipologias do quadro educativo inserido no movimento das Cidades Educadoras da cidade de Setúbal.

INICIATIVA	TIPOLOGIAS DE INICIATIVAS EDUCATIVAS
1, 2, 4, (5), (7), (8)	Requalificação urbana, de equipamentos e espaços verdes
3, 11	Eventos lúdicos e festivais temáticos
9, (4)	Roteiros/visitas guiadas
(3), (10)	Conferências, debates, seminários
12, (7)	Exposições e manifestações de arte
(3)	Apresentações de artes performativas e musicais
(10), (7)	Cursos, formações e ateliers
10	Celebrações temáticas e políticas
5, 6, 7, 8	Programas colaborativos e voluntariado

LEGENDA: Como foram escolhidas iniciativas de ação abrangente, optou-se por indicar entre parêntesis a numeração das iniciativas que se enquadram em mais que uma tipologia.

Figura 50: Quadro-síntese de tipologias de iniciativas educativas.

3.2. CASO DE ESTUDO: JARDIM MULTISSENSORIAL DAS ENERGIAS

3.2.1. Metodologia de Análise

A metodologia aplicada na análise do caso de estudo baseia-se nos métodos da Avaliação Pós-Ocupação (APO) desenvolvidos por Preiser et al. (1988). A APO para além de avaliar as condições de uso específicas do ambiente construído considera a opinião dos utilizadores permitindo gerar respostas projetuais em conformidade com os mesmos.

De acordo com a metodologia proposta por Preiser et al. (1988) foram consideradas três etapas:

- (1) Contextualização e caracterização do Jardim Multissensorial das Energias
- (2) Levantamento de usos e tipos de utilizadores
- (3) Diagnóstico de usos e estratégias de intervenção

ETAPA 1: Contextualização e caracterização do Jardim Multissensorial das Energias

Esta etapa foi subdividida em 3 fases:

Fase 1: foi efetuado um enquadramento geral do estudo de caso baseado na caracterização do contexto urbano onde se insere, dando ênfase às estratégias delineadoras da zona e às condições físico-espaciais e sociais envolventes. Com base em informação de arquivo procedeu-se à descrição do projeto e do seu historial, do contexto temporal em que decorreu, dos diferentes atores envolvidos assim como dos objetivos, expectativas e pressões sociais e funcionais colocadas.

Fase 2: foram destacadas as características físicas dos elementos que constituem o sistema espacial do JME, as características da paisagem e dos elementos da composição urbana. Este levantamento teve como base a recolha de informação em arquivos e *in situ* bem como em entrevistas realizadas com técnicos envolvidos.

Fase 3: procedeu-se à análise das condições espaço-funcionais, baseada na abordagem proposta por Brandão (2002) em *O Chão da Cidade: Guia para Avaliação do Design do Espaço Público* e nos *Critérios de Avaliação de Projectos de Desenho de Espaço Público* (CCRLVT, 2001). Os parâmetros propostos pelos autores foram adaptados tendo em conta os princípios da Carta das Cidades Educadoras e o enquadramento dos espaços públicos na fase pós-ocupação. Estes critérios de análise apresentam-se como *guidelines* gerais que foram posteriormente aplicadas e adaptadas em função das condições específicas dos espaços públicos de aprendizagem.

Esta fase foi complementada por uma visita ao local com os técnicos envolvidos onde de acordo com os procedimentos do *walkthrough* definidos por Rheingantz et al. (2009, p. 12)¹⁰ foram identificados sob o ponto de vista técnico os aspetos positivos e negativos do espaço e elaborado um mapa de diagnóstico¹¹ (anexo III).

¹⁰ [...] percurso dialogado abrangendo todos os ambientes, complementado por fotografias, croquis gerais e gravações de áudio e de vídeo, possibilita que os observadores se familiarizem com a edificação, com a sua construção, com seu estado de conservação e com seus usos. (Rheingantz et al., 2009, p. 23).

¹¹ designado por Rheingantz et al. (2009) como "Matriz de Descobertas"

A análise seguiu uma avaliação qualitativa considerando nove parâmetros, designadamente:

A. IDENTIDADE / IMAGEM PRÓPRIA

O espaço tem identidade própria conferida pelas características dos seus elementos físicos (contexto paisagístico: vegetação, água, solo; contexto arquitetónico: rede de espaços exteriores de circulação e estada, edificações, elementos de arte pública) e humanos (valores históricos e culturais)?

1. O espaço projeta uma imagem atrativa sem desrespeitar a envolvente natural e social?
2. O património material/imaterial e a memória histórica são valorizados?
3. Os significados locais (históricos, simbólicos, políticos) são reconhecidos pelos utilizadores?

B. CONTINUIDADE/PERMEABILIDADE

O espaço integra-se no contexto urbano envolvente?

1. A articulação física com a envolvente (redes viárias, pedonais, cicláveis, automóveis; estrutura verde; serviços) é assegurada?
2. A articulação visual com a envolvente é assegurada?
3. É possível identificar visualmente as zonas de acesso e articulação entre os percursos e espaços?

C. SEGURANÇA/CONFORTO/APRAZIBILIDADE

O espaço oferece condições adequadas aos requisitos de conforto e segurança no uso?

1. A segurança pessoal dos utilizadores é garantida no período diurno e no período noturno? (relação segura entre os ambientes pedonais e rodoviários, defesa visual dos espaços, etc.)
2. São tomadas medidas de segurança eficazes no funcionamento dos equipamentos e mobiliário urbano? (manutenção, informação de utilização, características físicas dos materiais)
3. É garantido o conforto ambiental (climático, visual, acústica e qualidade do ar)?
4. As medidas de limpeza e conservação do espaço são eficientes?

D. MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE

O espaço oferece condições adequadas de mobilidade aos utilizadores?

1. Incorpora soluções/sistemas de apoio a pessoas com mobilidade reduzida? (invisuais e amblíopes; pessoas que se deslocam em carreiras de rodas, empurram carrinhos de bebé; idosos e crianças)
2. A oferta de transportes e serviços responde às necessidades e usos dos utilizadores de forma eficaz?
3. É possível o acesso e bom desempenho de veículos de serviço (veículos de bombeiros, ambulâncias, proteção civil, recolha de lixo)?

E. INCLUSÃO/COESÃO SOCIAL

O espaço promove condições de utilização generalizadas e garante a inclusão de grupos diferenciados?

1. É um espaço que satisfaz as necessidades específicas de grupos diferenciados? (recém-chegados, migrantes, pessoas com deficiências, grupos autóctones, idosos, minorias étnicas, grupos religiosos...)
2. Existem profissionais com formação específica que apoiam crianças, adolescentes, jovens, idosos, pessoas com diversidades funcionais?
3. As condições físico-espaciais facilitam as dinâmicas sociais de apropriação do espaço?

F. LEGIBILIDADE

O espaço é facilmente percebido e compreendido pelos utilizadores?

1. Facilita a orientação do utilizador através do reconhecimento de marcos visuais (vistas, pontos focais, referências paisagísticas, comunicativas, artísticas, arquitetónicas), no período diurno e noturno?
2. Estabelece uma definição clara das delimitações?
3. Disponibiliza informações para a leitura e orientação no espaço (sinalética, iluminação, qualidade da arte pública)?

G. DIVERSIDADE E ADAPTABILIDADE

O espaço promove a adaptação a usos diversos e a possíveis mudanças futuras (sociais, tecnológicas e económicas)?

1. As características físico-espaciais possibilitam a adaptação a outras funções/usos para além dos preestabelecidos?
2. É possível a prática das atividades formais, não formais e informais (festivais ao ar livre, mercados, concertos musicais, etc.)?
3. Existem espaços multifuncionais que possibilitam a utilização simultânea por pessoas de várias idades, interesses e motivações?

H. RESISTÊNCIA/DURABILIDADE

O espaço é resistente a condições climatéricas e ao uso?

1. Os materiais, equipamentos e infraestruturas respondem às solicitações do uso e desgaste (intensidade de utilização)?
2. Os riscos de vandalismo dos equipamentos e infraestruturas são reduzidos?
3. Verifica-se a disponibilização das regras de utilização e o acompanhamento das atividades para a prevenção da deterioração dos materiais e equipamentos?

I. SUSTENTABILIDADE

O espaço promove uma resposta sustentável e viável nas valências económica, ambiental, social e cultural?

1. Os recursos naturais e construídos são utilizados de forma racional e equilibrada?
2. São utilizadas medidas sustentáveis na gestão dos recursos consumidos (fontes energéticas alternativas, materiais endógenos, recicláveis e não poluentes, apoio das economias regionais, etc.)?
3. A fruição do espaço contribui para o aumento da responsabilidade ambiental da comunidade?

ETAPA 2: Levantamento de usos e tipos de utilizadores

Nesta etapa realizou-se um levantamento dos usos e dos tipos de utilizadores por meio de observações *in loco*, onde se registaram as atividades desenvolvidas pelos utilizadores bem como se observaram o modo como se relacionavam com o espaço construído.

Para a realização do mapeamento das atividades estacionárias recorreu-se à abordagem metodológica de observação e registo dos comportamentos humanos no espaço baseada em *The Public Life Diversity Toolkit* (Ghel Institute, 2016, p. 54-55) e no Mapa de Atividade Estacionária disponibilizado em Gehl People¹². Assim, com o intuito de identificar os tipos de utilizadores, as atividades realizadas e os seus tempos de estadia, foram realizados mapas comportamentais a partir da planta do espaço onde eram identificadas as posições dos utilizadores, a atividade realizada (distinguindo a atividade sentada e em pé) e ainda o tempo decorrido pela marcação de circunferências em redor da posição do utilizador a cada 5 minutos observados. Foi realizada uma atribuição prévia de atividades e símbolos que acompanhavam o mapa e guiavam as observações, admitindo novas entradas à medida que se ia observando a realização de novas atividades.

As observações para identificação dos tipos de utilizadores e aferição de usos e modos de apropriação decorreram entre os meses de abril e agosto, com alguns registos espaçados de grandes intervalos. Foram realizadas 9 observações em diferentes dias da semana e horas do dia divididas em três horários de observação – manhã (8h–13h), tarde (13h–18h) e noite (18h–20h). Note-se que o espaço foi maioritariamente observado em meses de Primavera e Verão, o que pode resultar numa interpretação não coerente da utilização do espaço em estudo nas restantes épocas do ano, Outono e Inverno.

Em complemento aplicou-se um questionário online aos utilizadores e foram ainda realizadas conversas informais com os utilizadores no próprio espaço e registos fotográficos durante as observações para posterior avaliação. Como resultado, foi elaborada a construção de perfis de utilizadores-tipo e mapas comportamentais que refletem de um modo sintético os usos, estadias e fluxos predominantes observados.

¹²Retirado dos recursos online disponibilizados em <https://gehlpeople.com/>.

QUESTIONÁRIO ONLINE

O questionário online (anexo V) foi realizado com o intuito de recolher dados sobre a população de utilizadores e posterior avaliação das condições espaço-funcionais do caso de estudo, com uma amostra de 35 inquiridos entre os quais 9 residentes próximos do JME, 7 trabalhadores na proximidade e 19 visitantes (de evento, ocasião, ...).

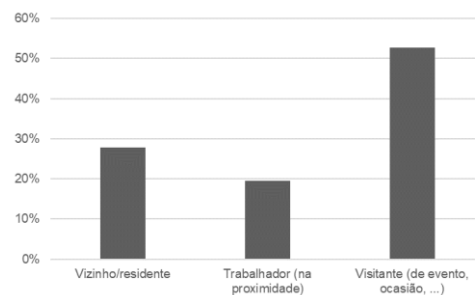


Figura 51: Caracterização da amostra

O questionário divide-se em três partes: (1) caracterização dos inquiridos e a sua relação com o JME - idade, proximidade com o espaço, modo de deslocação, atividades realizadas, tempo médio e períodos de estadia; (2) caracterização das condições espaço-funcionais na ótica do utilizador, com base nos parâmetros anteriormente estabelecidos; (3) comentários finais, questionando melhorias e sugestões a realizar no espaço bem como a opinião dos inquiridos sobre o potencial do JME como espaço educativo, para entender o conhecimento do movimento das Cidades Educadoras e como o espaço é percecionado enquanto espaço educativo pelos utilizadores. As questões realizadas foram orientadas para que houvesse coerência nas respostas dadas e um tratamento dos dados mais eficiente e rigoroso, optando por perguntas de escolhas múltiplas e com respostas estruturadas em: *Muito mau / Mau / Bom / Muito bom* ou ainda *Sim / Não / Não sei*. Ainda assim, foram feitas perguntas de resposta aberta de forma a obter uma compreensão mais individualizada da perceção dos inquiridos e o impacto do uso do JME sobre as mesmas assim como as suas necessidades específicas.

O questionário foi disponibilizado na internet entre os meses de junho e agosto através da partilha por parte dos técnicos da CMS, a partir das redes sociais, por exemplo pela página do Facebook do Jardim Multissensorial das Energias, e da distribuição de panfletos com *QR Codes* no decorrer das observações *in loco*.

ETAPA 3: Diagnóstico de usos e estratégias de intervenção

Nesta última etapa procedeu-se à análise e tratamento dos dados recolhidos nas etapas anteriores, procurando compreender a relação entre a forma do espaço e os usos que proporciona, assim como sistematizar a opinião dos utilizadores ao nível das condicionantes morfológicas ao uso e fatores potencialmente geradores de problemas. Com isto, procedeu-se à realização de uma matriz de descobertas bem como propostas de intervenção de modo a transformar os requisitos dos utilizadores em linhas orientadoras de projeto no âmbito dos espaços educativos.

3.2.2. Caracterização do Jardim Multissensorial das Energias (JME)

3.2.2.1. Contexto geral / Modo de produção

ENQUADRAMENTO DO CASO DE ESTUDO

O Jardim Multissensorial das Energias (JME) é um projeto científico-pedagógico desenvolvido pela CMS entre 2016 e 2018 para a dinamização do antigo Jardim Camilo Castelo Branco. O JME está localizado na freguesia de São Sebastião, a nascente do bairro do Troino, perto de Apeadeiro de Fontainhas – Sado, antiga gare da Linha do Sul, de acesso à zona das Fontainhas, numa zona de transição entre o centro histórico de Setúbal e a periferia nascente da cidade, também designada por Escarpa Santos Nicolau. É delimitado a norte por edifícios habitacionais e edificado devoluto correspondente a antigos armazéns e fábricas, a nascente pela Avenida Belo Horizonte e o Bairro Santos Nicolau, a sul pela Estrada da Graça e a poente pela rua Camilo Castelo Branco. Pelo seu acentuado desnível topográfico, a escarpa constitui uma barreira entre o Bairro Santos Nicolau (cota mais alta) e a Estrada da Graça (cota mais baixa), pelo que o jardim constitui uma zona de ligação entre as mesmas.



Figura 52: Vista a partir da zona do posterior Jardim Camilo Castelo Branco, década de 1940 (Fonte: Fotógrafo Artur Pastor)



Figura 53: Vista sobre a cidade antes das obras do porto, a partir do jardim. As chaminés antigas das fábricas, hoje em dia só resta a chaminé do centro da imagem (Fonte: CMS)



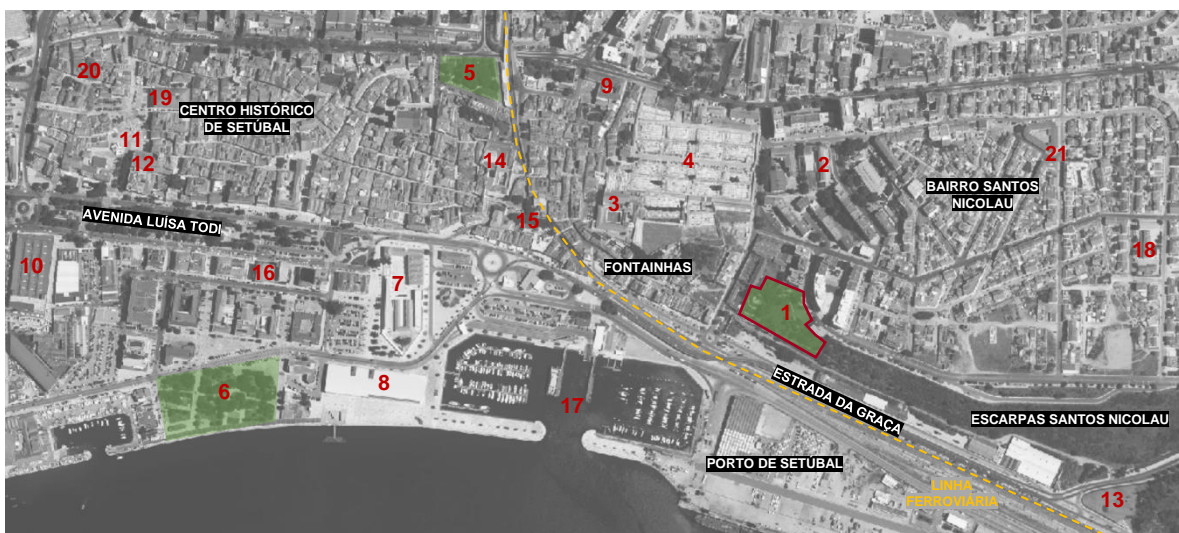
Figura 54: Avenida Luísa Todi, 1930 (Fonte: CMS)

O Bairro das Fontainhas é um dos bairros mais antigos da cidade de Setúbal estando associado à atividade piscatória e à indústria conserveira. É marcado por um acentuado declive N-S e por uma malha de configuração irregular com ruas estreitas e inclinadas, numerosas travessas e poços. O seu processo de formação remonta ao século XIV, tendo-se desenvolvido sobretudo a partir de século XVI. Começou por albergar os emigrantes das regiões do norte, pescadores que vinham, nos seus próprios barcos o chamado "peixe graúdo" mas também para trabalhar nas fábricas de conservas à semelhança do que se passava com os trabalhadores algarvios que se fixaram no bairro do Troino. No final do século XIX e início do século XX são aí instaladas fábricas de conserva de sardinha em azeite, que, entretanto, foram desativadas sendo possível observar algumas das suas antigas chaminés. O Bairro Santos Nicolau é construído na década de 1940 por iniciativa estatal, como resposta às novas dinâmicas sociais da cidade industrial e crescente procura de habitação por parte da população de pescadores e operários que trabalhavam nas fábricas de conservas. Tal como no bairro das Fontainhas a população era conhecida por ovarinas por serem originalmente de Aveiro e litoral centro. Neste bairro, à semelhança do Bairro do Troino, as habitações construídas eram caracterizadas por casas de piso térreo, abarracadas e por vezes com um quintal.



Figura 55: Localização do Jardim Multissensorial das Energias e enquadramento nos Bairros Fontainhas e Bairro Santos Nicolau (Google Maps)

Pela sua localização nas imediações do centro histórico da cidade, o JME está perto de alguns dos pontos de interesse mais importantes da Cidade, (e.g. Fórum Luísa Todi e a Casa da Cultura, edifícios marcantes na produção cultural setubalense, e a Praça do Bocage, Igreja de São Julião e a Câmara Municipal) (figura 56). Nas proximidades do JME localiza-se a Escola Básica das Areias e a Escola EB 1 nº7, que servem os alunos do 1º ciclo de escolaridade, e a Escola de Hotelaria e Turismo de Setúbal, situada no Baluarte de Nossa Senhora da Conceição - antigo Quartel do 11- edifício histórico da cidade e exemplar da arquitetura militar, compreendido nas antigas muralhas da cidade do século XVII. O JME é também acessível às escolas localizadas a norte do centro histórico, (e.g. Escola Secundária do Bocage, a Escola Secundária Sebastião da Gama, Escola EB 2/3 da Aranguez) ou a nascente (e.g. Escola Secundária da Bela Vista ou Escola Secundária Dom Manuel Martins).



- | | | |
|--|--|--|
| 1 – JARDIM MULTISSENSORIAL DAS ENERGIAS | 8 – PORTO DE SETÚBAL/ATLANTIC FERRIES – CATAMARANS | 15 – MIRADOURO SÃO SEBASTIÃO |
| 2 – ESCOLA BÁSICA 1º CICLO DAS AREIAS | 9 – GNR – COMANDO TERRITORIAL DE SETÚBAL | 16 – FÓRUM LUÍSA TODI |
| 3 – IGREJA SÃO SEBASTIÃO | 10 – MAERCADO DO LIVRAMENTO | 17 – DOCA DO COMÉRCIO/ATLANTIC FERRIES |
| 4 – CEMITÉRIO DA PIEDADE | 11 – PRAÇA DO BOCAGE | 18 – ESCOLA EB 1 Nº7 |
| 5 – PARQUE DO QUEBEDO | 12 – IGREJA DE SÃO JULIÃO | 19 – CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL |
| 6 – JARDIM ENGENHEIRO LUÍS DA FONSECA | 13 – PEDRA FURADA | 20 – CASA DA CULTURA |
| 7 – ESCOLA DE HOTELARIA E TURISMO DE SETÚBAL | 14 – IGREJA DE SANTA MARIA DA GRAÇA | 21 – USCP SANTOS NICOLAU |

Figura 56: Localização do Jardim Multissensorial das Energias e principais pontos de interesse na cidade (Google Maps)

HISTÓRICO DO PROJETO

O projeto do JME está inserido no programa PEDU – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano/PAICD 04 - Plano de Ação Integrada para Comunidades Desfavorecidas e foi financiado em 50% por fundos comunitários através do Lisboa 2020 – Programa Operacional Regional de Lisboa. O projeto foi aprovado em março de 2017 e a obra decorreu entre 2017 e 2018.

O JME foi inaugurado no dia 5 de junho de 2018, Dia Mundial do Ambiente, com uma cerimónia de abertura que contou com a presença da Presidente da CMS, da equipa de técnicos e da comunidade local. Devido à pandemia de Covid-19, e por recomendação da Proteção Civil Municipal, esteve fechado cerca de 1 ano e meio e só voltou a reabrir dia 19 de abril 2021.

A iniciativa está ainda inserida no plano de ação educativa no contexto das Cidades Educadoras e integrada na Rede de Centros de Educação Ambiental do Concelho de Setúbal e outras regiões, surgindo ainda como resultado da adesão ao Programa do Pacto de Autarcas para a Energia e Clima e o Plano de Ação para a Energia Sustentável. Segundo Orlando Paraíba, o projeto surge com o intuito de “disponibilizar aos cidadãos de Setúbal e respetiva península arredores uma ferramenta de educação ambiental”:

Desde o primeiro momento quer as estações quer o circuito foram pensados desde um ponto de vista inclusivo, eliminando barreiras à utilização e ao acesso, disponibilizados recursos e múltiplos estímulos para que todos, sem exceção, possam disfrutar e aprender sobre as energias renováveis. (Orlando Paraíba)¹³

Entre os agentes envolvidos no projeto encontram-se: a Agência de Energia e Ambiente da Arrábida (ENA), entidade gestora e promotora do espaço, dando destaque ao Eng. Orlando Paraíba, responsável pela conceção de equipamentos e conteúdos promovidos; o Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), que contribuiu na conceção de equipamentos; o Grupo Concelhio para as Deficiências que contribuiu com o seu conhecimento, em fase de conceção do projeto, para adequar o espaço às necessidades específicas de pessoas com deficiências; e, ainda, da Câmara Municipal de Setúbal (CMS) o arquiteto Sérgio Dias e a equipa de técnicos (Ambiente/DOM/DISOC¹⁴), onde a Dra. Cristina Coelho teve um papel fundamental como moderadora entre as várias partes.

Durante as fases de planeamento e de projeto da intervenção, foram realizadas várias visitas para a identificação de problemas e oportunidades, entre eles, a necessidade de resolução do declive e estado do piso, que não era adequado a pessoas com mobilidade reduzida, ou ainda a sugestão de incluir momentos estimulantes aos sentidos humanos. Foram alertadas questões relacionadas com o som da água como elemento estimulante auditivamente ou ainda o estímulo dos cheiros e da cor para pessoas com deficiências. Deste modo, o JME torna-se um espaço apto à resposta das necessidades de pessoas com deficiências e alterações do processo sensorial, deficiências motoras, visuais ou auditivas, doenças mentais e perturbações de desenvolvimento ou ainda Perturbações do Espectro do

¹³ Entrevista realizada dia 22 de junho de 2021 (anexo IV)

¹⁴ Departamentos da CMS: Ambiente (Departamento de Ambiente e Atividades Económicas) / DOM (Departamento de obras municipais) / DISOC (Divisão dos Direitos Sociais)

Autismo (PEA). O jardim é capaz de estimular os sentidos, proporcionando relaxamento e estimulação através do contacto com o ambiente e das experiências sensoriais (aromas, texturas e sons), nomeadamente, as plantas aromáticas, os elementos de água – canais, lago, repuxo, os efeitos sonoros, e ainda os equipamentos visualmente atrativos e coloridos.

Segundo a memória descritiva do projeto, pretendeu-se dinamizar o espaço com criação de estações dinâmicas direcionadas para as energias renováveis e o arranjo dos diferentes espaços do jardim. Assim, a intervenção envolveu a reabilitação dos espaços já existentes – substituição e adição de mobiliário urbano e iluminação pública do jardim; e melhoria dos espaços e percursos pedonais (muros, escadas e rampas) - e a manutenção das áreas naturais envolventes e seus elementos verdes – definição dos revestimentos vegetais e inertes ornamentais assim como um furo e rede de rega. A nível programático foi adicionado um circuito interpretativo com estações de aprendizagem sobre as energias renováveis e equipamentos de apoio – instalações sanitárias adaptadas e zona de lazer/descanso.

O jardim está inserido num plano urbanístico mais amplo que procura a reabilitação do espaço e bairros envolventes assim como a promoção de uma lógica urbanística contínua a partir dos espaços urbanos centrais, nomeadamente Avenida Luísa Todi e Fontainhas. De um ponto de vista urbanístico, o JME promoveu a requalificação da zona, dos bairros tradicionais e Fontainhas, assim como se tornou num pólo de desenvolvimento para investidores futuros dos espaços envolventes, nomeadamente a frente ribeirinha, a estrada da Graça e a ligação entre o centro e a Mitrena (zona mais a este da cidade). Espera-se então que o JME seja um elemento promotor da requalificação da zona industrial e que contribua para uma melhoria do espaço urbano setubalense e da qualidade de vida dos seus habitantes.

O JME veio a substituir um espaço degradado, inseguro e com problemas relacionados com droga e prostituição, ainda que o Bairro de Santos Nicolau, onde se situa, continue a apresentar uma imagem aparentemente degradada, com carência tanto de espaços verdes e de estar como de serviços desportivos e culturais. Após a sua inauguração, o jardim tornou-se um espaço habitável, dinâmico e seguro, utilizado pela população e pela comunidade escolar. O JME está acessível a uma zona com vários pontos de interesse e com uma dinâmica cultural e socialmente atraente, no entanto pode apresentar alguma dificuldade na relação física com a mesma devido á sua localização na escarpa, que pelo seu relevo acidentado pode constituir uma barreira significativa.

3.2.2.2. Condições morfológicas

CARACTERÍSTICAS DA PAISAGEM

TOPOGRAFIA, ORIENTAÇÃO E VISTAS

O JME está integrado na área de Reserva Ecológica Nacional (REN) no extremo da Escarpa de Santos Nicolau, contribuindo para a proteção e estabilização desta zona. É nesta escarpa que se encontra a formação geológica da Pedra Furada, um geomonumento considerado património cultural e de interesse público.

O JME tem uma área de cerca de 8 175 metros quadrados e uma configuração em polígono irregular, resultante da configuração espacial dos edifícios e ruas envolventes – Avenida Belo Horizonte (norte) e Estrada da Graça (sul). Tal como referido, o JME situa-se numa zona REN – Reserva Ecológica Nacional – e na Escarpa Santos Nicolau, pelo que é caracterizado por terrenos protegidos e de grande valor geológico assim como possui um declive muito acentuado. Está implantado num terreno à cota 11,65m a sul (entrada poente) e 30,60m a norte (entrada nascente), com um desnível gradual de cerca de 19 metros.

O JME está orientado a sudoeste, debruçando-se sobre o Estuário do Sado e Tróia. A sua orientação solar e o facto de não ter elementos de obstrução significativos na sua envolvente, permitem que a sua exposição solar seja favorável durante todo o ano e beneficie de maior tempo de incidência solar no decorrer do dia. A sua vegetação proporciona momentos de sombreamento que equilibram a exposição solar intensa assim como contribui para a proteção dos ventos fortes provenientes da zona litoral, criando um microclima no interior do JME. O sistema de vistas do JME é um dos fatores que o mais caracteriza. Por se localizar numa encosta e junto à zona ribeirinha, o jardim tem uma vista privilegiada sobre o Estuário do Sado, o Porto, a cidade de Setúbal, a Arrábida e Tróia. O ponto mais alto, o miradouro do jardim, ou a escadaria/passadiço à sua direita, são os espaços que proporcionam uma vista panorâmica de excelência (figura 57) mas tantos outros no seu interior permitem uma visão mais focada em certos pontos da paisagem, emoldorados pelas árvores que possui.

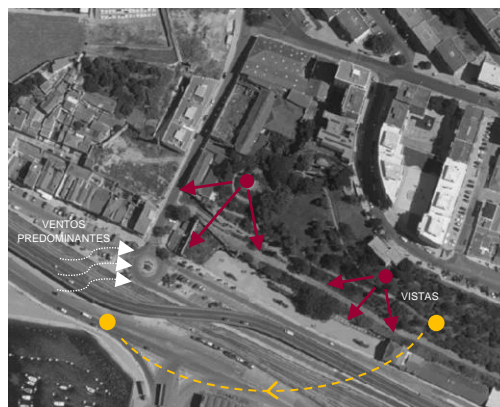


Figura 57: Sistema de vistas panorâmicas e orientação do JME (Fonte: Geoportal de Setúbal)

VEGETAÇÃO

Na figura 58 podem-se identificar três áreas principais que apresentam características naturais distintas, quer a nível da vegetação como do terreno. Destaca-se a área ajardinada do jardim (zona 1) que se demonstra como a única zona ajardinada habitável, apesar do seu declive um pouco acentuado, é caracterizada por uma maior densificação da vegetação na zona mais baixa e na zona superior uma área menos ocupada, com pontuação de árvores que fornecem abrigo da exposição solar. É esta zona superior que por ser mais alta constitui uma das zonas com melhor vista para o rio. A zona 2 refere-se aos terrenos junto ao miradouro que, naturalmente, apresentam uma inclinação muito mais acentuada e a instalação de taludes para fortalecer o solo. São caracterizados por algumas árvores de grande porte, mas maioritariamente arbustos, flores e vegetação rasteira densa, o que impossibilita a sua ocupação. A zona 3 é uma zona ajardinada murada com um declive acentuado, constituída pelo jardim das Aromáticas e por uma das estações das energias. No seu centro não apresenta vegetação significativa, pelo que esta se demonstra mais densa e robusta através de árvores localizadas nos seus extremos – junto à entrada do jardim e do edifício da ENA.

O JME caracteriza-se pela sua densa vegetação composta por variadas espécies de árvores, entre elas o pinheiro, o sobreiro e a oliveira; flores de várias espécies e cores (figura 59); e um espaço dedicado ao cultivo de plantas aromáticas e medicinais, o “Jardim das Aromáticas”, onde estão presentes o rosmaninho, alecrim, hortelã, manjerição, coentros e orégãos.



Figura 58: Planta de identificação de áreas verdes principais no interior do JME



Figura 59: Variedade de algumas flores e ervas aromáticas presentes do JME

ELEMENTOS DA COMPOSIÇÃO URBANA

O perímetro do JME é delimitado por uma vedação de ferro, pintado à cor verde-escuro, com quatro portões, com o objetivo de servir como recinto que é fechado durante o período noturno (horários de fecho e abertura variáveis ao longo da época do ano). Estas quatro entradas estão localizadas na (1) zona Nascente do jardim, pela Av. Belo Horizonte, (2) zona Este, que se encontra com o passadiço, (3) na zona Sul, que vai em direção à Av. Luísa Todi e ao centro da cidade, (4) e a zona Poente que vai ao encontro da Estrada da Graça.

Como percurso alternativo nas horas de fecho do JME, foi projetado um passadiço adjacente que faz a ligação entre a Av. Belo Horizonte (zona norte) e a Estrada da Graça (zona sul), para vencer cerca de 16 metros de altura. Ao situar-se numa zona REN - Reserva Ecológica Nacional, optou-se por uma solução construtiva leve, com material reciclado - o EXTRUPLÁS, que exigisse, portanto, pouca intervenção no terreno. O passadiço foi então construído acompanhando a forma do desnível de terreno, mas com uma sobrelevação para não danificar o terreno natural existente, e foi ainda necessário nivelar parte do terreno (zona mais baixa) para assentar a escadaria (figura 60).

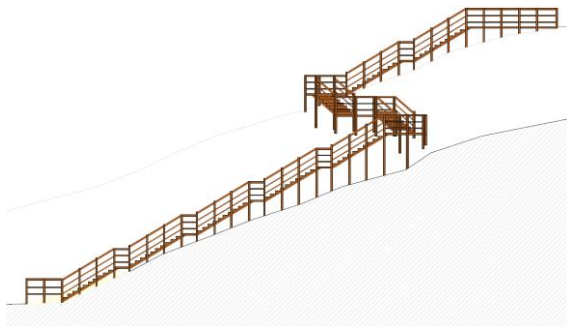


Figura 60: Desenho técnico da escadaria – alçado
(Fonte: CMS)

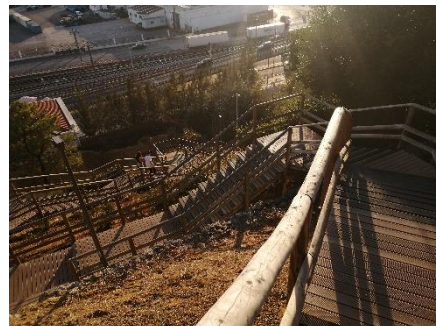


Figura 61: Percurso alternativo – passadiço

REDE DE ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO

A rede de espaços de circulação é marcada por percursos pedonais que interligam os espaços de permanência do jardim e intersejam os espaços verdes de forma labiríntica e orgânica, ao acompanharem o natural desnível do terreno (figura 61). Deste modo, observam-se três tipo de espaços

de circulação: os percursos em rampa, os percursos em escadaria e um passadiço que faz parte do percurso pedonal alternativo.

Os percursos pedonais em rampa foram nivelados e o pavimento regularizado, através da colocação de cimento de assentamento colocado a frio e betão betuminoso finalizado com pintura à cor vermelha (figuras 62 e 63) e nos percursos em escadaria utilizou-se o mesmo material que o passadiço – o EXTRUPLÁS – que é um material de plástico reciclado e semelhante à madeira (figura 64).

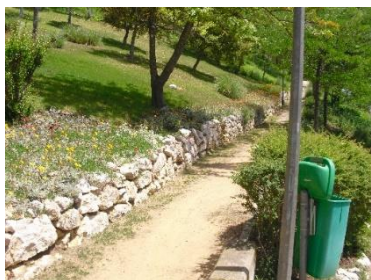


Figura 62: Percursos pedonais antes da requalificação (Fonte: CMS)



Figura 63: Percursos pedonais depois da requalificação (Fonte: CMS)



Figura 64: Escadaria junto à entrada a sul do jardim



Figura 65: Rede de espaços de circulação do JME

ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE / MOBILIDADE

O projeto contempla a criação e adaptação dos percursos pedonais em função das necessidades de pessoas com mobilidade reduzida (figuras 66 e 67), nomeadamente a requalificação dos percursos em rampa, ao nível do pavimento regulado e com uma inclinação favorável, e a adição de rampas de acesso para facilitarem o percorrer tanto de pessoas com deficiências motoras como de crianças, famílias com bebés ou idosos. O pavimento das estações em deck compósito foi utilizado como auxílio

a invisuais, por se diferenciar dos percursos pedonais e, portanto, facilitar o seu reconhecimento ao toque (da bengala ou do andar) entre a zona informativa e o resto do circuito interpretativo (figura 68). Para além disto, dentro do edifício da ENA, existe uma cadeira de rodas elétrica, oferecida pela EDP, que pode auxiliar o percurso do circuito interpretativo e sua fruição.



Figura 66: Rampa de acesso ao miradouro



Figura 67: Percursos pedonais em rampa – entrada nascente



Figura 68: Estação Biomassa. Diferença entre os pavimentos dos percursos e estações

REDE DE ESPAÇOS DE PERMANÊNCIA / ESTADA

O JME é permeado por um conjunto de espaços de permanência / estada destinados a descanso, contemplação, lazer, convivência e aprendizagem.

Como se observa na figura 69, o espaço verde é o elemento dominante do espaço e está acompanhado pela pontuação de espaços para sentar e pequenas plataformas destinadas às estações do percurso das energias. Num dos espaços mais altos do JME (representado pela estação de maior área), destaca-se o miradouro que serve em simultâneo uma das estações do circuito interpretativo das energias e de ponto panorâmico de excelência pelas vistas que proporciona sobre o rio Sado, a serra da Arrábida, Tróia e os espaços da cidade de Setúbal como o centro histórico e frente ribeirinha.



Figura 69: Rede de espaços de permanência do JME

O jardim possui uma zona de lazer/descanso, resultante da reabilitação de um edifício devoluto pré-existente, prevista para a localização de um café/bar e provida de instalações sanitárias adaptadas e zona de arrumos (figuras 70 e 71). A zona de lazer tem uma área de estar interior, uma cozinha assim como uma área exterior de esplanada sob uma pérgula de madeira e uma oliveira que proporcionam sombreamento. Apesar de ter sido pensada para a fruição de todos os visitantes do JME, esta parte do projeto não foi concretizada na sua plenitude devido à pandemia. Neste momento, estas instalações são para uso exclusivo dos vigilantes do JME e as instalações sanitárias não estão a funcionar para o público. Adjacente ao jardim, está localizado o edifício da Agência de Energia e Ambiente da Arrábida (ENA), que se compromete como entidade gestora e dinamizadora do JME.

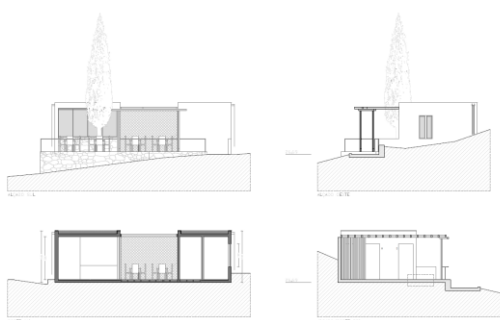


Figura 70: Desenhos técnicos – alçados e cortes
(Fonte: CMS)



Figura 71: Zona de lazer/descanso

MOBILIÁRIO URBANO

O Mobiliário urbano é constituído por bancos, caixotes do lixo, bebedouros, placas informativas e sinais direcionais.

No projeto procurou-se substituir o mobiliário urbano em pedra, por equipamentos constituídos de plástico reciclado, semelhante à madeira, o EXTRUPLÁS (figuras 72 e 73). Os bancos inseridos são do modelo Ribatejo, bancos comuns sem encosto, e estão acompanhados por caixotes do lixo, do modelo Cidade, feitos com o mesmo material. As placas informativas situam-se junto a cada estação de energia, procurando informar o utilizador sobre a energia renovável em questão e ainda o funcionamento do equipamento, para além disto o jardim também possui sinais direcionais que indicam o caminho do circuito interpretativo. Note-se que a informação das placas informativas é apresentada em simultâneo em inglês.

Ao longo dos percursos pedonais foram ainda acrescentados pontos de iluminação que procuram aumentar a visibilidade no período noturno (figura 74). O sistema de iluminação acompanha a rede de espaços de circulação, tanto percursos em rampa como escadarias, e é caracterizado pela instalação de elementos metálicos com 60 cm no pavimento.

No JME não existem postos de WiFi.



Figura 72: Mobiliário urbano antes da requalificação (Fonte: CMS)



Figura 73: Mobiliário urbano após a requalificação



Figura 74: Sistema de iluminação (Fonte: CMS)

CIRCUITO INTERPRETATIVO - ESTAÇÕES DAS ENERGIAS

O circuito interpretativo é constituído por um percurso pedonal que interliga de forma continua sete estações que procuram conscientizar a população para o ambiente, cada estação representando uma energia renovável. São realizadas visitas de estudo a este percurso, que está dividido em duas etapas: a etapa exterior que trata as várias estações do jardim e a etapa interior que decorre na sala de formação da ENA. O percurso interpretativo tem como objetivo a promoção da interatividade e experimentação como forma de aprendizagem, estando adaptado para que vários grupos etários possam tirar o máximo partido da experiência educativa. De seguida, na figura 75, são apresentadas e descritas as várias estações de aprendizagem sobre o ambiente e as energias sustentáveis.



1- Estação Biomassa

A Estação Biomassa inclui um equipamento gaseificador de biomassa que pretende ilustrar a fonte de calor gerada por este tipo de combustível.



2- Estação da Energia Geotérmica

Esta estação é caracterizada pela maquete de um vulcão interativa. Através de um sensor que deteta movimento, é acionado um mecanismo que pretende simular uma erupção de um vulcão, tanto a nível sonoro na geração de infrassons como na libertação de vapor de água e na vibração do equipamento.



3- Estação das Energias do Mar

Localizada no miradouro do jardim, a estação das Energias do Mar é constituída por um tubo de descarga com puxador que gera a criação de uma onda de água que contorna o perímetro da estação através de um canaete em mosaico azul claro. A onda criada é conduzida para uma pequena cascata e depois acompanha os percursos pedonais do jardim até à seguinte estação. Pretende-se alertar para a energia contida nos mares.



4- Estação Solar

A Estação Solar situa-se no centro do JME, na zona ajardinada, e é caracterizada por um pequeno lago que possui um jato de água controlado por um painel fotovoltaico. Este painel é movido pelo utilizador para que se ajuste à direção de maior ou menor exposição solar, que irá produzir um maior ou menor repuxo de água, respetivamente. Esta estação aborda a produção energética proveniente da energia solar.



5- Estação Hídrica

A água proveniente da estação anterior, é conduzida por um canal até uma roda hidráulica que é girada através de ação gravítica. Este movimento é ainda controlado pelo utilizador por um manípulo, que controla um elemento que impede ou não a passagem da água. Aborda-se aqui o aproveitamento energético a partir da energia hídrica.



6- Estação Eólica

Esta estação é caracterizada pela observação de um conjunto de 7 girândolas, em chapa e tubos metálicos e pintadas com cores vivas, que rodam com a ação do vento. Durante a noite, observa-se a iluminação dos projectores LED contidos nas girândolas.



7- Estação da Eficiência Energética

O espaço interior da ENA assume o papel de uma das estações que pretende alertar para a questão da eficiência energética através de uma apresentação multimédia.

Figura 75: Descrição das estações contidas no percurso interpretativo das energias (Fonte: CMS e autor)

3.2.2.3. Condições de uso e tipos de utilizadores

OBSERVAÇÃO DE USOS E MODOS DE APROPRIAÇÃO

Pelas observações realizadas verificou-se que o JME é maioritariamente utilizado por residentes locais praticantes de jogging / caminhada desportiva, passeadores de cães, estudantes, casais, famílias, adultos, jovens e adolescentes que aí realizam diferentes atividades.

A maioria dos **praticantes de jogging / caminhada desportiva** utiliza o jardim como local de percurso, procurando os traçados em rampa como circuito preferencial para corrida. A qualidade do pavimento e a disponibilização de equipamentos como bebedouros e instalações sanitárias são complementos essenciais a este tipo de utilização. Verifica-se que há preferência pelas horas mais tardias entre as 16h e 19h. A partir do questionário, os inquiridos realçaram a vontade de participar em atividades coletivas de desporto. Com efeito, nota-se que devem ser fomentadas as estadias deste tipo de utilizador.

O **passeador do cão**, é em regra um utilizador frequente que reside nas imediações do jardim e o utiliza como parque tanto para passear como para brincar com os seus cães. Utilizam em regra brinquedos que trazem com eles ou em alternativa outros objetos como paus e pinhas que encontram no jardim. Para passear os cães, recorrem aos percursos em rampa, enquanto que para brincar com os cães, recorrem à zona mais plana do desnível. Verifica-se que há preferência pelas horas mais tardias (pelas observações realizadas entre as 17h e 20h) em dia de semana, coincidente com o horário de regresso do trabalho dos utilizadores. A regularidade desta atividade permite que os utilizadores se conheçam nas suas rotinas, o que cria uma dinâmica de socialização entre a comunidade. Foi ainda observado um cão a beber água da estação da energia solar, o que pode indicar a falta de bebedouros para os animais.

Observou-se que este espaço é utilizado por residentes locais para **pausas para comer** ou até **alimentar bebés e crianças, e por pais e famílias tanto para um passeio como para a descoberta das estações em conjunto**. Recorrem frequentemente ao núcleo de bancos junto à escadaria e aos bancos/muros do miradouro para descansar assim como aos espaços das estações das energias, fazendo o percurso do circuito e paragem nas plataformas respetivas. Verifica-se que há preferência pelas horas da manhã (entre as 11h e 13h) e início de tarde (entre as 15h e 17h). Foram observados vestígios de restos de comida no chão. Neste sentido, e com o apoio dos comentários do questionário online, verificou-se a necessidade de mesas de apoio e a utilização inadequada dos dispositivos para resíduos alimentares.

O JME é também utilizado por **estudantes**. São em regra jovens e adolescentes que utilizam o jardim como ponto de passagem nos seus percursos escola-casa, mas que também encontram neste espaço um ambiente de tranquilidade e concentração favorável ao estudo. Utilizam preferencialmente os percursos pedonais e a escadaria interior como espaços favoráveis à passagem mais rápida e ao encontro nos espaços junto às entradas e no núcleo de bancos junto à escadaria. Verifica-se que há preferência pelo final do dia (entre as 16h e 18h), coincidente com o horário escolar. Também aqui se

verifica a utilidade das mesas de apoio assim como a disponibilidade de fonte WiFi ou tomadas e bancos com encosto para aumentar o conforto dos utilizadores.

O JME também revelou ser um espaço procurado por **jovens** residentes nas imediações, para passeios, convívio ou namoro. Alguns dos seus espaços – os bancos junto à entrada poente, o miradouro e o percurso pedonal adjacente - proporcionam a privacidade necessária para os encontros de namorados e um ambiente calmo propício à conversa e lazer. Neste ambiente de tranquilidade e quietude, é também um local escolhido para praticar **atividades de relaxamento** como a meditação ou realizar um **picnic** na zona ajardinada. Verifica-se que há preferência pelas horas da manhã (observações realizadas entre as 11h e as 13h) para tirar partido dos momentos mais calmos do jardim.

O jovem local é o utilizador que procura um espaço calmo onde possa ouvir música com os amigos e conversar, aproveitando o ambiente do jardim. No mesmo sentido, o **residente local** procura no JME um refúgio para passear e relaxar. Observou-se com frequência **adolescentes** em convivência em grupo sendo corrente situações de distúrbio, incomodando outros utilizadores com o ruído (que se demonstra contrastante em relação à tranquilidade do JME) e/ou não respeitando os percursos predefinidos. Estes utilizadores maioritariamente encontram-se de passagem durante as horas do final de tarde e ocasionalmente recorrem aos espaços junto às entradas sul e nascente.

Enquanto espaço verde, o JME é também procurado pelo utilizador **Naturalista** que procura aprender sobre a natureza e as plantas que o jardim contém. Neste sentido, também se destacam o **fotógrafo** e o **turista** que encontram no espaço um bom local para fotografar um momento ou experiência, capturando as potencialidades que o JME tem para oferecer, como a vista privilegiada sobre a cidade e o rio e a envolvimento dos seus espaços verdes. Estes utilizadores recorrem preferencialmente às plataformas das estações e miradouro, onde encontram as melhores vistas sobre os espaços do jardim e as vistas panorâmicas sobre a envolvente. Destaca-se ainda presença do utilizador **imigrante** que aqui procura um espaço de apoio, onde para além de relaxar e aproveitar a vista sobre a sua nova cidade, mas também interagir com a comunidade e aprender com ela.

Tal como foi referido anteriormente, o JME é muitas vezes utilizado como **local de passagem** e, portanto, verificou-se ao longo do dia que muitos utilizadores paravam para descansar, beber água e aproveitar a sombra nos bancos ou muretes do jardim. Da mesma forma, o utilizador que percorre o espaço com sacos de compras, também estando de passagem, prefere o jardim pelos seus percursos pedonais que, sendo em rampa, ajudam a percorrer mais facilmente o desnível da zona. Estes utilizadores recorrem ainda ao núcleo de bancos junto à escadaria, mostrando ser uma boa zona para o descanso e paragem ao longo do percurso pedonal interior.

ATIVIDADES E USOS

Período de utilização

De acordo com os questionários online, os inquiridos responderam que o tempo médio de estadia se prende essencialmente entre os 15 a 30 minutos e 30 a 60 minutos (figura 76). A partir das observações, pode-se confirmar que os utilizadores usufruem do jardim praticando atividades que requerem tranquilidade e algum tempo, o que pode explicar tal facto. Para além disto, as curtas estadias poderão estar associadas ao mobiliário urbano disponibilizado no jardim, nomeadamente os bancos não terem encosto ou a falta de mesas de apoio.

O período de estadia preferido dos inquiridos é o fim de semana e pela tarde. Nas observações ao JME, verificou-se ainda uma grande utilização do espaço aos domingos de manhã, procurado principalmente para o passeio e estadia tranquila. Foram observadas várias famílias com crianças pequenas a passear e usufruir das estações do circuito interpretativo das energias. Também foi verificada uma estadia de menor tempo assim como uma grande frequência de pessoas apenas de passagem durante a noite, em dia de semana. Tendo as observações *in loco* como referência, foi registada a frequência de estadia no JME e apenas a passagem pelo mesmo (figura 77).

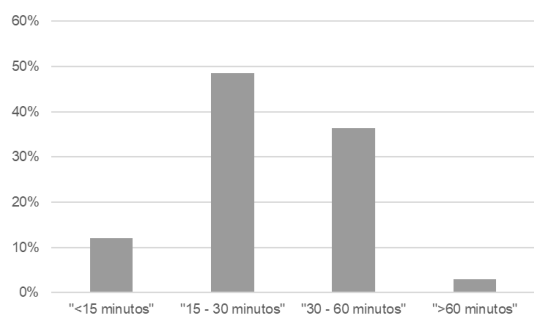


Figura 76: Tempo médio de estadia (questionário online - percentagem de respostas)

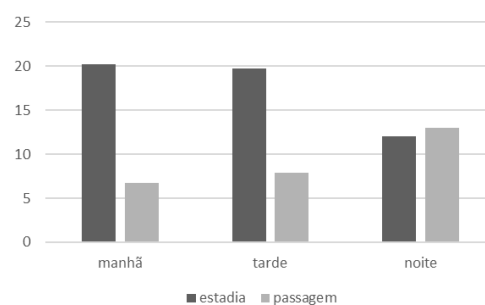


Figura 77: Frequência de estadia e passagem (observações *in loco* – número de pessoas observadas)

Atividades e usos

Entre os inquiridos, verificou-se que as atividades mais apreciadas são passear, ver a vista e estar/relaxar/descansar (figura 78). Ainda assim, as atividades mais observadas foram o passear o cão, passear pelo jardim e conversar/conviver com a família e amigos. Destaca-se aqui a presença de grupos com variado número de pessoas. Observou-se também a presença de atividades como tirar fotografias, ver a vista, estar/descansar, namorar e fazer desporto; assim como várias pessoas que se serviam do JME como um local de paragem e descanso do percurso que fazem na cidade.

Durante as observações, não se verificou que a utilização ativa das estações de energia fosse a principal atividade realizada. No entanto, observou-se que as mesmas despertam a curiosidade de muitos utilizadores de várias idades, entre famílias, crianças, idosos e jovens.

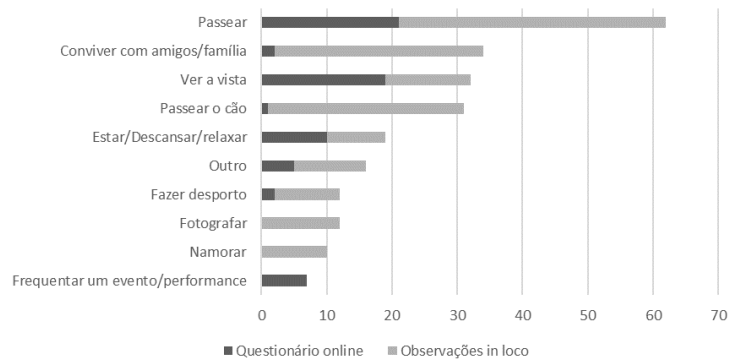


Figura 78: Atividades e usos principais do JME (número de pessoas observadas e questionadas)

De modo a entender melhor o comportamento humano, foram realizados dois diagramas conceptuais representativos das zonas de atividades estacionárias, tanto no período da manhã (figura 79) como da tarde (figura 80). As estadias em pé (tirar fotos, ver a vista, interagir com as estações, passear o cão...) e sentadas (conversar, descansar, namorar...) estão representadas de acordo com a sua cor, rosa e laranja, respetivamente; e intensidade da mesma, isto é, quanto mais intensa a cor, mais afluência de utilizadores foi observada. É importante afirmar que o movimento registado e os mapas comportamentais que surgem das várias observações, não registam um aspeto importante que são os momentos em que não se encontrava ninguém no JME, tanto em atividades estacionárias como apenas de passagem.

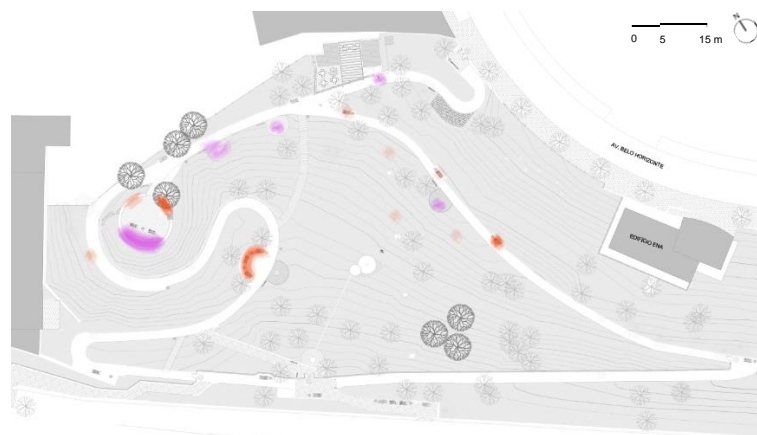


Figura 79: Atividades estacionárias (observação *in loco* – período da manhã)

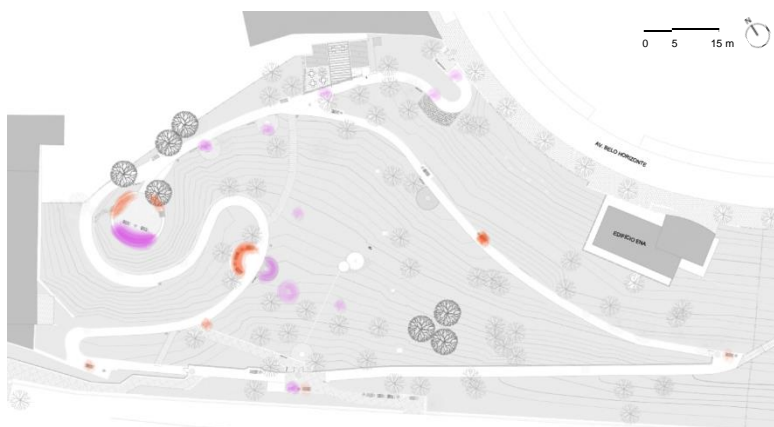


Figura 80: Atividades estacionárias (observação *in loco* – período da tarde)

Verifica-se uma intensificação da atividade estacionária de sentar no miradouro, no núcleo de bancos no centro do jardim e nos bancos dispersos pelos percursos pedonais durante todo o dia. No miradouro (estação das energias do mar), os muretes que o delimitam são muitas vezes apropriados como bancos (figura 81), tanto para descansar como para uma conversa com os amigos. E, ainda, os muros em pedra que acompanham os percursos pedonais (figura 82) também podem ser apropriados como lugares para sentar pela forma e disposição das pedras que os constituem. O núcleo com bancos proporciona um ótimo local para sentar (figura 83). É um espaço abrigado e tem vista para as outras atividades do jardim. Os bancos são colocados lado a lado, o que incentiva a conversação entre as pessoas. É um espaço pequeno dentro de outro espaço, um nicho, o que permite privacidade e sentimento de segurança ao mesmo tempo que não isola dos outros utilizadores e atividades.

No período da manhã, destacam-se os utilizadores que se sentam na parte superior do desnível, aproveitando a sombra das árvores e a vista sobre o jardim e vegetação. Observa-se uma afluência mais acentuada da zona superior do JME, por um lado porque é onde se situam a maior parte das estações de energia e, por outro, porque ao estar a uma cota mais elevada permite uma melhor vista sobre o jardim e a sua envolvente. Já no período da tarde, observa-se uma mudança das estadias para as zonas mais baixas do jardim, nomeadamente a utilização dos bancos dos percursos pedonais, que poderão estar relacionados com a falta de sombreamento na zona mais alta; e da parte mais baixa do desnível, que é utilizada por utilizadores que passeiam e brincam com os seus cães.



Figura 81: Muro que delimita o miradouro



Figura 82: Muro que acompanha os percursos pedonais



Figura 83: Zona de estar/núcleo de bancos junto à escadaria central

Fluxos

Tal como já referido, o JME é muito utilizado como local de passagem e para passeio. Neste sentido, foi estudado o fluxo e movimentação predominantes dos utilizadores do jardim (figura 84). Foram observados dois fluxos principais: as escadas (figura 85), para quem procura uma passagem mais rápida pelo espaço; e os percursos em rampa (figura 86), para quem passeia pelo jardim ou possui carrinhos, compras, bicicletas, etc. Ainda, também é utilizado o percurso do passadiço para quem não pretende passar pelo interior do jardim, uma passagem mais rápida e sem o encontro com outras pessoas.

É aqui confirmada a utilização dos percursos pedonais que naturalmente vão dando lugar às estações das energias, onde os utilizadores param para ver tanto os equipamentos como as vistas proporcionadas pelas plataformas onde estes se encontram. Mesmo com o intuito de só atravessar o

jardim para os destinos pretendidos dos utilizadores, observam-se algumas pessoas a pararem junto dos equipamentos e olhá-los com curiosidade.



Figura 84: Fluxos e zonas de maior movimentação (observação *in loco*)



Figura 85: percurso em escadaria central



Figura 86: Percursos em rampa

TIPOS DE UTILIZADORES

Como resultado das observações e visitas de campo ao JME e inquéritos, foi elaborado um quadro-síntese dos perfis dos utilizadores do espaço (figura 87) das suas expectativas e exigências espaciais necessários à realização plena das mesmas.

LEGENDA¹⁵:

	Superfície macia		Mesa		Espaço para sentar		Espaço para relaxar
	Superfície dura		Ar fresco		Espaço aberto populado		WC
	Ruído intenso – gritar		Abrigo		Espaço aberto pouco populado		Ponto de resíduos
	Ruído moderado – falar		Natureza		Espaço privado e isolado		WiFi, eletricidade
	Pouco ou sem ruído		Água fresca		Estacionamento		

¹⁵ Ícones retirados de flaticon.com



[1] DESPORTISTA PRATICANTE DE JOGGING / CAMINHADA DESPORTIVA

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço ao ar livre para correr num piso confortável e sem muitas pessoas, espaços e percursos desportivos

Exigências espaciais:

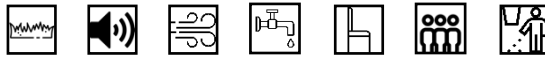


[2] PASSEADOR DE CÃO (DOG WALKING)

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço para passear, brincar com o cão ou sentar tranquilo, local para colocar as fezes e água para o cão

Exigências espaciais:

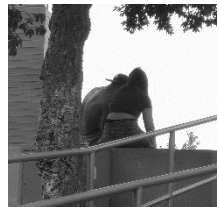


[3] ESTUDANTE

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço para comer e/ou estudar, local de passagem para casa/escola

Exigências espaciais:

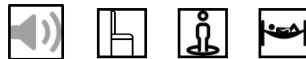


[4] CASAL

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço íntimo e privacidade para namorar e passear

Exigências espaciais:

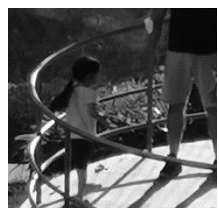


[5] ADULTO COM BEBÉ

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço seguro e abrigado para brincar e alimentar o bebé

Exigências espaciais:



[6] CRIANÇA

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço para brincar e correr à vontade, interagir com os elementos físicos e outras pessoas

Exigências espaciais:





[7] ENTUSIASTAS DE PICNIC

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço para relaxar, jogar, conversar e comer em grupo com tranquilidade

Exigências espaciais:



[8] ADULTO

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço para estar a apreciar a natureza e a vista, relaxar e passear

Exigências espaciais:

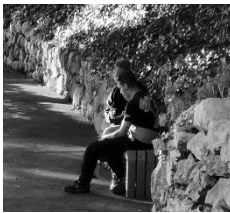
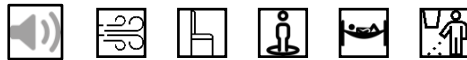


[9] JOVEM

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço para relaxar, ouvir música e fumar sossegado, conversar com os amigos

Exigências espaciais:

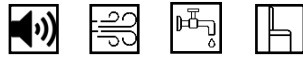


[10] ADOLESCENTE

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço para socializar com os amigos, liberdade para fazer o que quiser

Exigências espaciais:

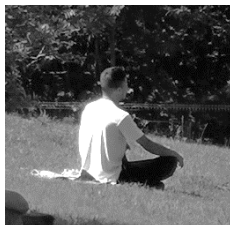


[11] FAMÍLIA

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço tranquilo e estimulante para passarem o tempo a conviver e brincar

Exigências espaciais:



[12] PRATICANTE DE MEDITAÇÃO

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço confortável e tranquilidade para meditar e relaxar

Exigências espaciais:





[13] IMIGRANTE

RESIDENTE LOCAL FREQUENTE

Expectativa: espaço onde possa conhecer pessoas, relaxar e disfrutar das características locais

Exigências espaciais:



[14] VISITANTE/ RESIDENTE LOCAL OCASIONAL (DE PASSAGEM)

Expectativa: espaço para descansar no seu percurso pela cidade

Exigências espaciais:



[15] TURISTA

VISITANTE OCASIONAL

Expectativa: fotografar o espaço visitado para recordação, uma experiência, envolvimento na dinâmica local

Exigências espaciais:

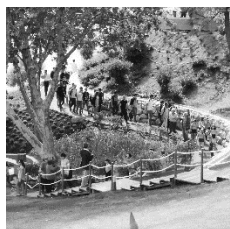


[16] FOTÓGRAFO

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL OCASIONAL

Expectativa: espaço com vista atrativa

Exigências espaciais:

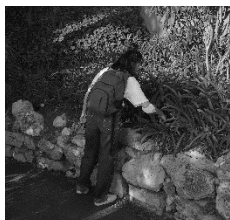


[17] TURMA DE ALUNOS

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL OCASIONAL

Expectativa: espaço para aprender, visitar o circuito educativo

Exigências espaciais:



[18] NATURALISTA

VISITANTE / RESIDENTE LOCAL OCASIONAL

Expectativa: espaço onde possa estar rodeado da natureza e aprender sobre a mesma

Exigências espaciais:



Figura 87: Quadro-síntese dos perfis dos utilizadores do JME

3.2.3. Síntese da Análise / Propostas de intervenção

3.2.3.1. Ponto de vista dos utilizadores

A. IDENTIDADE

As intervenções da requalificação do jardim não foram de carácter muito invasivo, ou seja, as características dos seus elementos espaciais não só foram preservadas como a sua atratividade e valor foram promovidos. Como descrito anteriormente, as intervenções tiveram em atenção as pré-existências, respeitando e valorizando a envolvente natural. Assim, o projeto do JME veio a requalificar de forma significativa a imagem anterior do espaço, pelo que 100% dos inquiridos considera que a imagem atual (após a requalificação do jardim) é boa ou muito boa (figuras 88 e 89).



Figura 88: JME antes da requalificação (Fonte: CMS)



Figura 89: JME depois da requalificação

A partir do questionário realizado, 28 inquiridos reconhecem ainda que o JME contribui para a preservação da identidade da cidade. Pode-se afirmar que o património e identidade urbana são valorizados através da projeção que o JME tem sobre o rio, a cidade e a serra (figura 90), elementos que remetem à memória histórica e que constituem o património tanto material como imaterial da cidade de Setúbal. Ainda assim, 5 inquiridos responderam que têm memórias ligadas ao passado, quando questionados se tinham alguma ligação emocional com o espaço. E, quando interrogados sobre o que simbolizava este espaço para os próprios, responderam que relembavam as suas infâncias: “a minha infância e adolescência na quinta da avó”. Outras respostas destacaram o carácter sustentável, educativo e estimulante do espaço, assim como todas as sensações que lhes eram despertadas, a nível auditivo, visual ou olfativo, é um ambiente que “pode ser ‘sentido’ pelos cidadãos”. Neste sentido, o jardim também contribui para a identidade, pois promove uma imagem educativa e consciente que tanto representa a cidade.

Para além disto, pode-se também identificar elementos que se destacam e marcam a identidade do JME. Entre as várias respostas do questionário, repara-se que há elementos físicos do jardim que determinam a sua caracterização, entre os quais, o grande vulcão (figura 91), o moinho de água, a vegetação e o terreno inclinado onde está implantado.



Figura 90: Vista do miradouro sobre o rio e cidade



Figura 91: Vulcão da Estação Geotérmica

B. CONTINUIDADE/PERMEABILIDADE

A partir do questionário, 27 inquiridos consideram que o JME está bem integrado no contexto urbano envolvente. Uma das atividades mais observadas é a utilização deste espaço como local de passagem, o que pode confirmar o sucesso da intervenção a nível urbanístico na resolução da permeabilidade e acessibilidade da zona envolvente. Para a maioria dos inquiridos todas as entradas são fáceis de identificar, sendo que a entrada nascente (pela Avenida Belo Horizonte, junto ao edifício ENA) é a mais fácil de identificar entre todas.

Apesar da forte presença dos elementos arbóreos e da organização dos espaços que poderão afetar o acesso visual, 31 inquiridos consideram que a visibilidade dos vários espaços e percursos interiores é boa. Por estar implantado num terreno com uma acentuada inclinação, o JME poderá facilitar a identificação das zonas de acesso como dos espaços e percursos interiores.

C. SEGURANÇA/CONFORTO/APRAZIBILIDADE

Todos os critérios avaliados no questionário realizado, relativamente à segurança, conforto e apazibilidade, tiveram a maior percentagem na classificação “BOM” pelo que se conclui que, em geral, são resultados positivos. No entanto, ao nível da segurança pessoal no período noturno não foi possível realizar uma avaliação conclusiva com base nas respostas dadas. Isto pode ser justificado pela experiência pessoal de cada inquirido, não permitindo aferir da real segurança do espaço. Tome-se em atenção que o JME tem um horário de funcionamento fixo, sendo fechado durante as horas da noite, e, para além disto, o espaço também possui um sistema de videovigilância e um vigilante que controla o funcionamento do espaço. Para além disto, verificou-se alguma dificuldade em encontrar um local que fosse ideal para observar todos os pontos do JME em simultâneo. Nesta perspetiva, como observadora da investigação, conclui-se que o facto de não ter muita visibilidade não é eficiente em termos de segurança do espaço.

A partir do questionário realizado, conclui-se que os elementos físicos que o JME oferece são suficientes, nomeadamente, lugares para sentar, pontos de recolha de lixo e bebedouros. No entanto, as respostas relativas à quantidade e eficácia dos pontos de abrigo e das instalações sanitárias não

foram claras, pelo que não permitiram retirar uma conclusão. Podem-se justificar as respostas de carácter negativo relativamente às instalações sanitárias pois apesar de existirem, neste momento não se encontram em funcionamento. Segundo a opinião dos inquiridos, o espaço carece de elementos de apoio a novas tecnologias, como pontos com eletricidade, WiFi, etc.

Pode-se afirmar que uma das principais características deste espaço público é a sua tranquilidade, sendo descrito como um espaço que “traz energia, paz de espírito, sensação de relaxamento”, “excelente espaço para reflexão”, “Nirvana” (respostas retiradas do questionário). De facto, os sons predominantes são o vento nas folhas das árvores, a água a correr e os pássaros a chilrear, sons associados ao relaxamento. Ocasionalmente ouve-se o ruído proveniente dos carros a passarem na estrada da Graça, as máquinas do porto, os funcionários que limpam o espaço a limpar as folhas, o comboio a passar... No entanto, este ruído é abafado com a disposição e densidade da vegetação do jardim (figura 92) e, portanto, é o pouco ruído resultante desta barreira que permite a tranquilidade, reflexão e a conversa entre as pessoas. A existência de várias árvores também possibilita uma boa zona de sombreamento, especialmente nos dias de muito calor, e abrigo do vento assim como a água pode ser um elemento refrescante. Apesar de estar situado numa encosta, podemos considerar que o JME possui um microclima.

Ao conter vários elementos naturais como árvores, plantas, flores e espelhos de água, e sendo frequentado por animais, o espaço encontra-se sujo (figura 93); necessitando, portanto, de uma maior manutenção.



Figura 92: Barreira sonora – vegetação



Figura 93: Fonte da Estação Solar

D. MOBILIDADE/ACESSIBILIDADE

Ao serem observadas várias pessoas com carrinhos, compras, bicicletas, carrinhos do lixo, crianças e idosos a percorrerem o jardim, concluiu-se que os percursos em rampa auxiliam tanto a atravessar como a vencer a grande diferença de cotas do local. Para além disto, 26 utilizadores inquiridos consideraram que a movimentação no interior e atravessamento do local/ligação a outros locais é um aspeto bem-sucedido.

A oferta de transportes públicos para o JME verificou-se não servir as necessidades dos utilizadores, com 64% de taxa de insucesso entre as respostas dos inquiridos. No entanto, observa-se uma oferta de estacionamento para veículos positiva com uma taxa de sucesso de 80%. A nível da oferta de serviços, 13 respostas referem não ser suficiente e 16 ser suficiente, assim, por serem resultados muito próximos, não se obteve uma avaliação conclusiva.

O desempenho dos veículos de serviço (veículos de bombeiros, ambulâncias, proteção civil, recolha de lixo) não foi observado. No entanto, pode-se prever que a existência de rampas facilita o transporte dos pacientes e de carros de limpeza utilizados por funcionários e que, por estar localizado entre duas vias rodoviárias, o acesso dos veículos é possibilitado.

E. INCLUSÃO/COESÃO SOCIAL

Pode-se entender que o facto de ser um espaço público implicaria a garantia do acesso a toda a comunidade, assim, quando questionados sobre o espaço ser disponível a todos, independentemente das suas características, crenças e ideologias, 100% dos inquiridos respondeu afirmativo.

Apesar de alguma falta de conhecimento por alguns dos inquiridos (15 respostas), mais de metade (17 inquiridos) concorda que o JME promove a coesão social entre os bairros. E, ainda, 27 utilizadores inquiridos afirmam que se sentem incluídos na comunidade quando usufruem do JME. Pode-se considerar que o sentimento de inclusão na comunidade pode ser explicado por ser um espaço que estimula o convívio e a interação espontânea entre as pessoas, ainda que não se conheçam. Por ser um espaço pequeno e com vários subespaços que vão sendo intersetados por percursos pedonais contínuos e, naturalmente provocam o encontro de estranhos, pode-se considerar que as dinâmicas sociais são fomentadas. Também foram observados grupos de pessoas que se encontravam e descobriam em conjunto o espaço, especialmente as crianças que interagem entre elas e incentivavam a interação entre os seus cuidadores.

A ENA disponibiliza técnicos profissionais e formados para dar apoio aos participantes nas visitas guiadas ao circuito interpretativo, assim como foi garantida a formação dos vigilantes do jardim sobre as várias estações e o seu funcionamento.

F. LEGIBILIDADE

Os utilizadores inquiridos têm facilidade em orientar-se no interior do JME, tanto no período diurno como noturno, com taxa de sucesso de 93% e 70%, respetivamente. Entre os elementos do jardim que mais são retidos na memória dos inquiridos encontram-se a paisagem e vista sobre a cidade e o rio; os vários espaços interiores, como as estações das energias com os seus elementos característicos ou os seus “caminhos labirínticos”; e a variedade de espécies de plantas do espaço verde. É então natural que, a partir do questionário, se verifique que os elementos e marcos visuais mais são utilizados para a leitura e orientação no espaço são as vistas, a sinalética (figura 94), e as referências paisagísticas.

Podemos referir também a ajuda do pavimento, iluminação, qualidade da arte pública e pessoal responsável, descritas por ordem decrescente de preferência. O jardim para além de possuir várias placas informativas e sinais direcionais, também permite, pelas suas características espaciais e físicas, uma boa orientação visual tanto dos espaços interiores como exteriores.

A delimitação física do espaço público (figura 95) é considerada uma mais-valia em comparação a espaços abertos, com 27 repostas afirmativas, e podendo contribuir para um sentido de segurança. Ainda, 28 inquiridos afirmam terem facilidade em compreender os limites do JME, no período diurno, sendo um aspeto de sucesso. No período noturno, houve uma opinião menos difusa, com 12 respostas positivas (57%) e 9 respostas negativas (43%).

Ainda assim, deve-se ter em conta que foi destacada a importância de melhorar a sinalética e direções na cidade para indicar com mais eficiência a localização do JME.



Figura 94: Sinalética. Placas direcionais e informativas

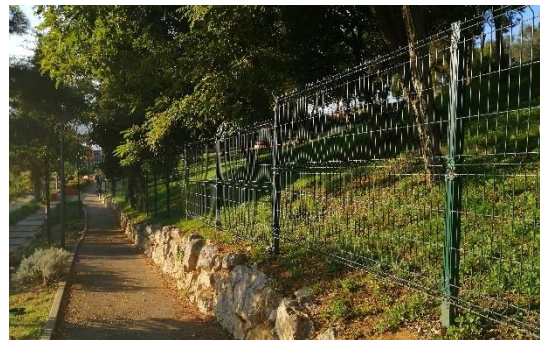


Figura 95: Vedação do JME

G. DIVERSIDADE E ADAPTABILIDADE

Relativamente aos parâmetros de adaptabilidade a outras funções/ usos e oferta de espaços multifuncionais, a taxa de sucesso foi de 77% e 76%, respetivamente. Pode-se concluir que há uma concordância na possibilidade de adaptação do JME, tanto observada atualmente como no futuro.

Ainda que não tenha sido muito explorada a sua adaptação a outros usos, Orlando Paraíba afirma que “pela sua configuração [o JME] adequa-se à realização de pequenos espetáculos de música ou teatro, eventos públicos e sessões de debate.”

O jardim já teve a oportunidade de acolher atuações de teatro ao ar livre, tal como a peça “Sonho de uma noite de verão”, organizado pelo teatro TOMA. Neste evento, os espetadores estavam sentados na zona do desnível que, tal como um anfiteatro, possibilitou a visão para o palco que se situava na plataforma em frente (figura 96). Mesmo em situação de pandemia, o evento decorreu dentro das normas recomendadas, sendo ao ar livre ajudou a assegurar a qualidade do ar como também permitiu manter o distanciamento social.

Outras atividades que se destacam são a apresentação de um concerto de fado (figura 97), com a mesma disposição espacial do teatro acima descrito, ou a realização de aulas de Educação Visual (figura 98), onde a professora procurou a interação artística entre os alunos e os elementos naturais através da observação e registos gráficos da natureza do JME. Numa perspetiva mais formal, podemos também referir a apresentação do projeto EnerNetMob, um plano de mobilidade elétrica da Arrábida (figura 99).



Figura 96: Teatro “Sonho de uma noite de verão” (Fonte: Facebook JME)



Figura 97: Concerto Fado Bicha (Fonte: www.teatroestudiofontenova.com)



Figura 98: Aula de Educação Visual (Fonte: <https://blogdaprofessoradeev.home.blog>)



Figura 99: Apresentação do projeto EnerNetMob (Fonte: <http://www.ena.com.pt>)

No seguimento das observações realizadas, ressalta que o JME é um espaço que consegue acolher várias atividades, mas, por exemplo, ouvir concertos ou manifestações artísticas semelhantes em espaços distintos e em simultâneo não seria agradável e não funcionaria. Isto pode ser explicado por ser um espaço pequeno e pela acústica que seria amplificada e misturada.

Destacam-se também as visitas de grupo ao circuito interpretativo das energias, acompanhadas por um guia e sem qualquer custo. Em breve, estas visitas serão complementadas por um filme interativo que aborda o tema da eficiência energética.

O JME, por ser aberto ao público de todas as idades, é um espaço que pode ser utilizado por todos. Para além disso, o facto de ter vários subespaços que têm alguma privacidade e com características diferentes, contribui para a possibilidade de apropriações de acordo com as necessidades e vontades dos diferentes utilizadores, e em simultâneo. Assim, pela sua morfologia e características dos seus elementos, o jardim possibilita apropriações e usos variados.

H. RESISTÊNCIA/DURABILIDADE

De acordo com os inquiridos, verificou-se uma boa qualidade dos elementos do JME, nomeadamente o mobiliário urbano, iluminação artificial, pavimento, sinalética e os equipamentos das estações de energia. Apesar de estarem preparados para a redução de riscos de vandalismo, os equipamentos apresentam por vezes algumas falhas que têm que ser reparadas, derivadas do uso regular e/ou inadequado dos mesmos. Ainda assim, o risco de vandalismo é reduzido, por um lado pelo fecho do recinto durante as horas da noite, e por outro pelo cuidado na gestão dos equipamentos das estações.

As várias estações são acompanhadas por placas informativas que, além das informações sobre as energias renováveis, também disponibilizam as regras de utilização dos equipamentos. Ainda assim, a estação da biomassa requer o cuidado especial de ser guardada na sede da ENA e, por questões de segurança, quando utilizada é sempre acompanhada por um guia.

O material de construção de muitos dos elementos do JME, como o mobiliário urbano e pavimento das estações, são do tipo EXTRUPLÁS, que é um material resistente ao vandalismo, à corrosão e ao choque, assim como são antiderrapantes. Este material também permite que os equipamentos sejam de fácil manutenção e lavagem.

I. SUSTENTABILIDADE

Como foi referido, a construção do JME teve em atenção o respeito pelo pré-existente. A intervenção no terreno foi pouco intrusiva e foram respeitados tantos os elementos naturais já existentes como alguns dos espaços, por exemplo a zona do miradouro que foi mantida e melhorada. Ainda, o material utilizado no pavimento das estações, nas escadas, caixotes do lixo, bancos, passadiço e setas direcionais, o EXTRUPLÁS, é um material sustentável, semelhante à madeira e feito de plástico 100% reciclado (figura 100).

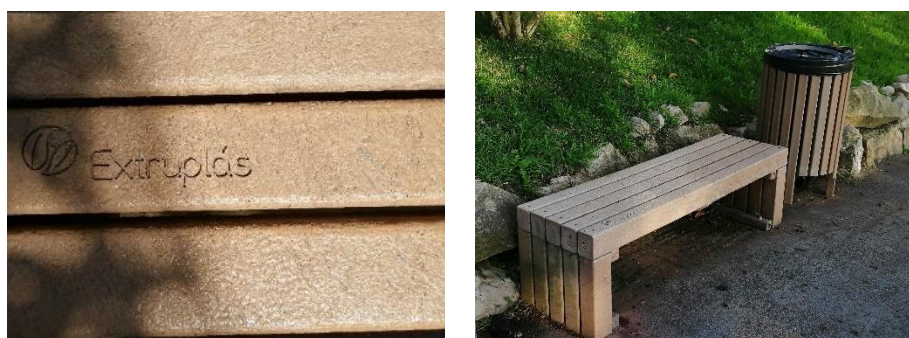


Figura 100: Material EXTRUPLÁS, aplicado em pavimentos e mobiliário urbano

Assim, em relação ao critério da sustentabilidade, o JME é um caso exemplar. Para além de ter sido construído com o propósito de promover as energias renováveis, todos os dias fomenta a educação nesse sentido. Quando colocada a questão “Considera que a usufruição do jardim contribuiu para um aumento da sua responsabilidade ambiental?”, 15 inquiridos responderam afirmativo. Foi destacado

que para além das informações que disponibiliza, o JME tem ainda a capacidade de fomentar a responsabilidade de preservar e respeitar o ambiente e os espaços verdes. Para além disso, contribui para o aumento do conhecimento sobre as energias renováveis e “alerta para a importância deste tipo de espaços”.

As placas informativas contribuem para o aumento do conhecimento dos processos de energias renováveis. Este estímulo também pode ser feito através de formas mais interativas, o que torna a informação orientada para os vários níveis de aprendizagem. Para uma pessoa sensível ao tema, este projeto torna-se uma esperança no aumento da consciência ambiental. (Estudante, resposta do questionário online)

3.2.3.2. Diagnóstico

De seguida, apresenta-se a avaliação efetuada de natureza qualitativa que procura reunir e sintetizar as oportunidades e problemas detetados. Tendo como apoio as conclusões retiradas dos instrumentos da APO aplicados – *walkthrough*, observações *in loco*, questionário – foi realizada uma matriz de descobertas e recomendações¹⁶ bem como um mapa síntese de intervenções educativas direcionadas às especificidades encontradas no JME.

PONTOS FORTES

Entre os pontos positivos do JME encontra-se, em destaque, o seu valor como iniciativa das Cidades Educadoras no âmbito do princípio da sustentabilidade – promovendo-o tanto a nível físico-construtivo, a sua construção e composição dos elementos físicos que apresenta, como a nível da aprendizagem que procura incentivar a partir dos mesmos. Os seus espaços didáticos são ainda orientados a todas as idades e níveis de aprendizagem. É salientada a acessibilidade e adequação do espaço a mobilidade reduzida e pessoas com deficiências, tanto a partir da experiência educativa adaptada como da facilidade de fruição dos seus espaços. Apesar de ainda não ter sido muito explorado, verifica-se a adaptabilidade do espaço a outras funções e usos.

Pode-se considerar que o JME contribui para o reforço da identidade e imagem urbana através da promoção dos elementos característicos da cidade de Setúbal – património material e imaterial – e o seu poder de reminiscência verificado nos utilizadores. Caracteriza-se por ser um refúgio natural, um nicho na malha urbana, pela sua confortabilidade, relaxamento, envolvência com a natureza e consequente microclima. Os seus elementos arbóreos são essenciais como barreira sonora das ruas envolventes, especialmente a zona do porto e ruas rodoviárias adjacentes; ou ainda elementos de abrigo da exposição solar e vento. O JME melhorou significativamente a interligação física das zonas urbanas adjacentes e verifica-se ainda a vontade de melhorar a sua ligação com a envolvente – eliminando barreiras e requalificando os espaços urbanos.

PONTOS FRACOS

Destacam-se problemas na limpeza e manutenção das zonas verdes e equipamentos educativos – necessários pela existência de animais e uso regular do espaço (pessoas com comida, tabaco, mau uso dos equipamentos, etc.). Também é evidenciada a escassez de mesas de apoio, de bancos mais confortáveis bem como de elementos de proteção aos elementos naturais. Os espaços de apoio – as instalações sanitárias e o café (agora zona técnica) – não se encontram em funcionamento e é verificada a necessidade dos mesmos pelos utilizadores. Em relação à divulgação do espaço verifica-se uma falha na promoção do espaço a nível urbano e na realização de eventos no próprio jardim. Ainda que se adeque a deslocações a pé ou veículo ligeiro, verifica-se a carência de oferta de transportes públicos e serviços atraentes nas proximidades ao jardim.

¹⁶ Tendo como base definição e exemplos apresentados em Rheingantz, et al. (2009): “A Matriz de Descobertas foi concebida por Helena Rodrigues e Isabelle Soares para registo gráfico dos resultados e descobertas de uma Avaliação Pós-Ocupação, de modo a facilitar a leitura e a compreensão dos resultados e descobertas por parte dos clientes e usuários.” (p. 91)

MATRIZ DE DESCOBERTAS

TÓPICOS		DESCOBERTAS	RECOMENDAÇÕES
Legibilidade / Sinalética	Q	Os utilizadores procuram a aprendizagem sobre a natureza e elementos do jardim	Identificação das espécies de plantas e flores que se encontram no JME, através da colocação de placas informativas junto às mesmas
	Q	Falha na divulgação do espaço	Investimento na publicidade e sinalética de orientação na cidade
	O	O sentido do circuito interpretativo é dificilmente percebido, apesar da sinalética e identificação do número da estação nas placas informativas	Introdução de novas setas direcionais e elementos numéricos mais visíveis para reforçar o sentido do percurso
Estações das Energias	W	A Estação Biomassa é perigosa para as crianças por sobreaquecer e poder ferir alguém. Verificou-se que era necessário substituí-la e encontrar uma solução mais adequada. Neste momento é necessário que esteja guardada na ENA	Substituição do equipamento por algo mais seguro e adequado a estar permanentemente na estação
	W	Remoção do som e vibração do solo no vulcão da Estação Geotérmica por assustar as pessoas	Considerando que ainda assim pode ser um elemento estimulante, sugere-se a criação de um segundo sensor que possa realizar a vibração e som
	W + O	Verificou-se que por vezes o sistema de água encontra-se desligado, o que impede o funcionamento das estações das ondas, energia solar e hídrica	Garantir que o sistema de água permanece ligado nas horas de funcionamento do JME
	W + Q + O	Falhas no funcionamento dos equipamentos das estações e alguma degradação dos mesmos - nomeadamente a estação das ondas (falha no sistema de autoclismo/corda); a estação da energia solar (falha no sistema da fonte/repuxo) e a estação energia hídrica (elemento giratório não roda bem e falta o manípulo)	Reparação do sistema de autoclismo e repuxo/fonte, manípulo e roda e realização de manutenção regular para prevenir novas falhas de funcionamento
	O	A água da fonte da Estação da Energia Solar é utilizada por crianças que brincam com água e cães que bebem da mesma, o que pode gerar problemas de higiene	Garantir a limpeza regular dos equipamentos com água; colocar sinalização que proíbe a utilização da fonte por animais; criar zona que dispõe de bebedouros para animais e sacos do lixo para apanhar os resíduos
	O	Estação da Energia Eólica difícil de detetar – verificou-se pouca ou inexistente interação com a mesma	Tornar a estação mais interativa e/ou mudar a posição da placa informativa para ser mais facilmente associada à estação
Mobiliário urbano	Q	Inexistência de elementos de apoio a novas tecnologias (postos de eletricidade, WiFi, etc.)	Introdução de postes de WiFi e tomadas integradas, por exemplo, através de um sistema de energia renovável para a produção de energia elétrica
	Q + O	Falta de bancos mais versáteis e confortáveis e mesas de apoio para atividades como comer/estudar	Introdução de mesas de apoio e bancos mais confortáveis, com apoio para as costas, estimulantes e adaptáveis (para estar, escrever, comer, etc.), utilizando a sua morfologia, ergonomia e cor
	Q	Falha na eficácia do sistema de iluminação	Reforçar os pontos de luz, podendo-se investir em simultâneo na experiência visual dos espaços e elementos em período noturno

	Q + O	Revelou-se a existência de poucos bebedouros	Introdução de mais um bebedouro perto da entrada sul e melhoria da identificação dos bebedouros
Espaços interiores	Q	Revelou-se pouca dinamização do miradouro como ponto de vistas panorâmico	Instalação de um binóculo para observação (sugerido nos questionários) + maquete a 3 dimensões do estuário do Sado como contextualização tátil apta a invisuais (sugerido na memória descritiva)
	Q + O	Verificou-se que a inclinação da zona ajardinada central considera-se ser perigosa e que não permite a realização de atividades. Por outro verificou-se a realização de eventos que tiram partido desse declive	Criar pontos de apoio no pavimento para percorrer a zona ajardinada em segurança (por exemplo, pequenos blocos antiderrapantes embutidos) e fomentar a realização de eventos nessa área
Segurança	Q	Preocupação com a segurança – principalmente nas horas mais tardias - e pedido de maior vigilância	Colocar sinalética de indicação de vigilância de vídeo e reforçar a presença mais visível dos seguranças do espaço
Aprazibilidade	W + O	Foi encontrada a presença de graffitis	Remoção dos graffitis
Conforto	Q + O	Mau estado dos espelhos de água e percursos pedonais com galhos, folhas e raízes salientadas que podem prejudicar o percurso de mobilidade reduzida, idosos, crianças, carrinhos, etc.	Limpeza dos percursos pedonais e elementos/espelhos de água
	Q + O	Verificou-se a necessidade de cinzeiros para fumadores, a pedido dos inquiridos, e a permanência de fumadores no espaço através das visitas de campo	Colocar cinzeiros junto aos caixotes do lixo ou limitar o acesso a fumadores com placas de proibição
	Q	Falta de pontos de abrigo da chuva e sol muito intenso, apesar do grande contributo das árvores	Melhorar a cobertura do edifício da zona técnica/I.S. para servir como ponto de abrigo
	O	Mau estado dos pavimentos ajardinados com fezes de animais	Limpeza mais frequente dos espaços ou criar zona de parque para esses fins
	O	Insegurança dos utilizadores devido à presença dos animais mais agressivos ou donos menos cuidadosos	Criar zona de parque para cães caso o jardim esteja mais frequentado, possibilitando maior segurança para os visitantes ou sinalizar medidas de segurança para a utilização do espaço por donos de animais
Programa	W + Q + O	Verifica-se a falta de espaços de apoio (tipo bar/cafetaria). O edifício que estava programado ser um café/zona de lazer não está em funcionamento, agora funcionando como zona técnica de apoio onde se situam os seguranças	Construir um edifício adjacente como zona técnica/dos vigilantes e tornar o espaço atual um espaço multifuncional e dinâmico
	Q + O	Verificou-se a falta de dinamização de iniciativas e pouca exploração do parque na sua temática. O JME é mais utilizado como passagem logo surge a necessidade de fomentar as estadias	Consultar figura 103 –mapa de iniciativas educativas propostas para o JME
	Q + O	Inexistência de instalações sanitárias disponíveis	Disponibilizar o uso das instalações sanitárias
	O	Pouca estadia para atividades desportivas, o JME é utilizado mais como local de passagem e como percurso de corrida (raramente observado)	Dinamização de atividades desportivas e/ou introdução de algum mobiliário urbano desportivo

W – Walkthrough Q – Questionários O – Observações / Diagnóstico de uso

Figura 101: Matriz de Descobertas e Recomendações

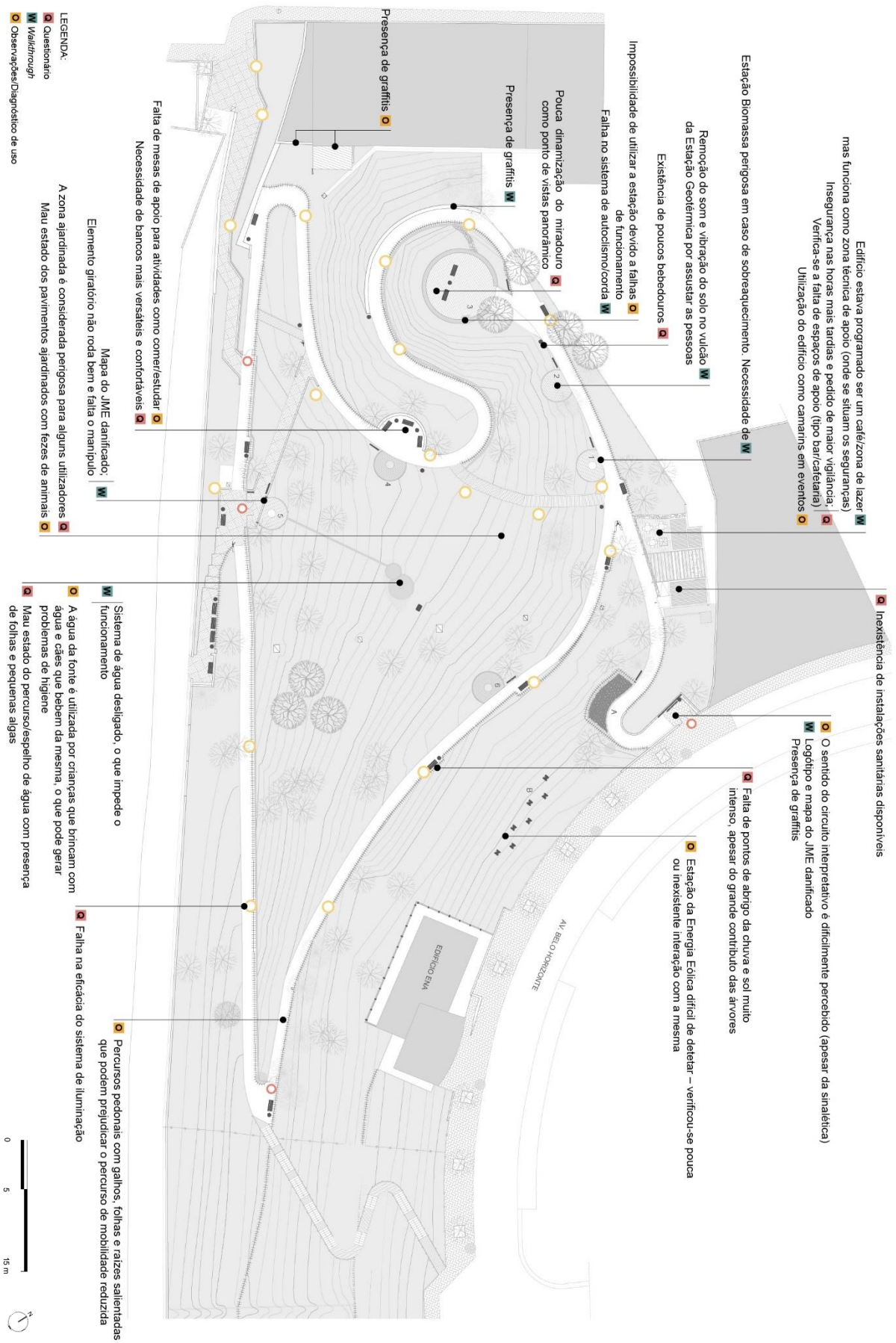


Figura 102: Mapa-síntese da Matriz de Descobertas dos resultados obtidos

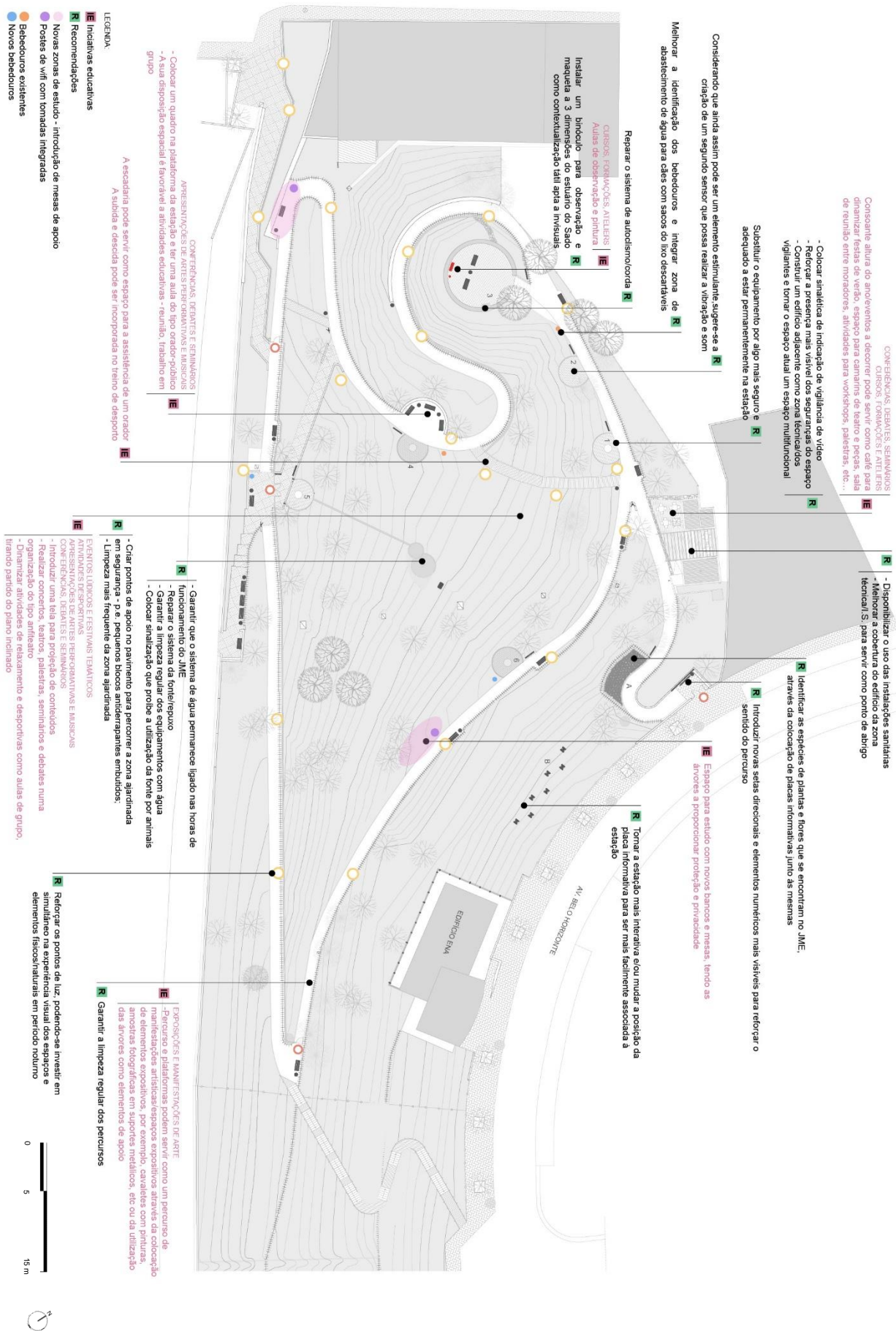


Figura 103: Mapa-síntese das estratégias e iniciativas educativas propostas

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação apresentada teve como objetivo aprofundar o potencial educativo inerente aos espaços públicos e explorar como estes podem refletir a nível das condições morfológicas e espaço-funcionais os princípios das Cidades Educadoras, tomando como exemplo a Cidade de Setúbal e como estudo de caso o Jardim Multissensorial das Energias.

Para o efeito explorou-se o carácter educativo da cidade de Setúbal compreendido nas três dimensões propostas por Trilla Bernet (1990; 1993): **(I) Aprender na cidade**, a cidade como contexto educativo, i.e. olhar para a cidade como um ambiente para a educação através da articulação das suas estruturas educativas quer a nível dos equipamentos escolares como das ofertas culturais; **(II) Aprender da cidade**, a cidade como veículo da educação, i.e. a cidade como um agente educativo informal, onde os espaços urbanos são elementos geradores de formação por si próprios; e **(III) Aprender a cidade**, a cidade como conteúdo educativo, i.e. as relações e atividades quotidianas realizadas em ambiente urbano que são capazes de gerar informalmente conhecimento.

Nesta perspetiva realizou-se uma compilação das iniciativas educativas realizadas na cidade de Setúbal de modo a entender o âmbito da ação educativa nos espaços públicos dentro das dimensões da Cidade Educadora. Tal revelou ser uma abordagem importante para compreender numa primeira fase a abrangência do plano educativo da cidade e o papel dos espaços públicos na concretização do mesmo. No sentido de obter uma análise mais profunda no tema, estudou-se uma das iniciativas educativas da cidade – o Jardim Multissensorial das Energias – inicialmente a nível da sua caracterização do contexto geral e condições morfológicas; dos seus usos, atividades e tipos de utilizadores; e por fim a avaliação e formulação de estratégias educativas em conformidade com a análise realizada.

Verificou-se que a metodologia aplicada foi adequada para a avaliação dos espaços públicos educativos. Confirma-se a utilidade dos questionários e observações *in loco* para a avaliação da opinião, usos e requisitos dos utilizadores; e o *walkthrough* na identificação de problemas e oportunidades do espaço a nível físico e funcional. Ainda assim, na presente investigação não foram aprofundados alguns dos métodos e técnicas da APO, como os mapas mentais, que poderiam ter resultado numa caracterização mais atenta e detalhada da visão dos utilizadores. Verificou-se, contudo, a falta de uma maior aproximação da comunidade, o que certamente iria produzir estratégias mais coerentes e significativas para a mesma. Ainda que isto não pudesse ter sido realizado devido ao contexto de pandemia (Covid-19) e ao tempo disponibilizado para a realização da investigação, apela-se à importância deste aspeto em futuras aplicações deste método e investigações relativos a este tema. É também necessário mencionar que a avaliação decorreu dos resultados obtidos das observações realizadas, o que pode não refletir integralmente a coerência da realidade visto que estas ocorreram em apenas alguns momentos de observação do espaço. O facto de a avaliação ter sido executada numa época de pandemia (Covid-19) também pode ter tido influência nos resultados e conclusões obtidos.

Planear os espaços públicos numa perspetiva educadora é transformar e ativar os espaços para as pessoas – é melhorar a imagem urbana da cidade; facilitar a apropriação dos espaços; e ainda atrair a comunidade, envolvidas em atividades e espaços à sua medida. Para tal, o envolvimento e compromisso das administrações públicas torna-se essencial na realização dos projetos e iniciativas bem como o envolvimento da comunidade e parcerias com instituições, empresas e organizações. É necessário discutir e entender como os espaços públicos são geridos e tomados pelas administrações públicas e profissionais urbanistas, assim como entender qual o benefício do envolvimento da comunidade na gestão dos mesmos. A criação de destinos e pontos nos espaços urbanos que motivam as pessoas a frequentarem os lugares da cidade, contribui para a reafirmação do espaço público urbano enquanto polo educador, dinâmico e estimulante. Tome-se que as várias modalidades educativas – educação formal, não formal e informal – podem ocorrer nos espaços públicos de forma interligada e, no contexto das Cidades Educadoras, todas devem ser fomentadas. No entanto, devem ser também consideradas as características físicas necessárias à realização das mesmas. Considere-se que se pessoas atraem pessoas e o uso do espaço é conseqüentemente otimizado (Gehl, 1989), desta forma a ação educativa das cidades e dos seus espaços públicos também é potenciada, não só pelo ambiente construído como também pelo uso do espaço.

A partir da investigação conclui-se que os espaços públicos enquanto espaços de aprendizagem assentam essencialmente em cinco premissas: (1) garantir a sua disponibilidade a todos os indivíduos assim como os atributos básicos de segurança e acessibilidade; (2) responder de forma bem sucedida as necessidades da comunidade a nível programático e morfológico, o que implica a melhoria regular e avaliação tendo em consideração os utilizadores do espaço; (3) promover os valores e conhecimento que o espaço por ele próprio transmite; (4) valorizar o impacto que o espaço público tem nas pessoas e na cidade; (5) incentivar oportunidades para a aprendizagem formal, não-formal e informal.

Conclui-se ainda que o desenho do espaço público educativo está relacionado com os seguintes contextos dos espaços públicos: (i) o espaço público que através da sua regeneração/redesenho educa; (ii) o espaço público enquanto espaço já configurado que facilita a apropriação dos utilizadores; e (iii) o espaço público que é educativo a partir da sua capacidade de responder aos requisitos dos seus utilizadores.

Com esta investigação entende-se a importância da avaliação dos espaços tendo como base a consideração da perspetiva da comunidade que efetivamente os utiliza, bem como a sua tradução a partir da perspetiva técnica do especialista. Os exemplos de iniciativas educativas apresentados demonstram o poder das comunidades como agentes educativos, cuja ação e iniciativa não depende só do poder público, deve também partir das comunidades e em sinergia com outras instituições e entidades. A Carta das Cidades Educadoras não aborda o papel do espaço público como agente educador pelos seus aspetos e características inerentes. Neste sentido, esta dissertação tenta apelar à importância do contributo do arquiteto na exploração dos espaços públicos como espaços de aprendizagem junto das administrações e comunidade local, entre outros tantos agentes educativos.

Um espaço educativo é um espaço que dá lugar à diversidade e inclusão não descuidando a sua capacidade de se identificar com cada um de nós. É a capacidade de conseguir captar a nossa atenção

e levar-nos a refletir, quer a nível das suas características físicas como do ambiente que estas proporcionam. Todos nós somos agentes educativos, mesmo que não o saibamos. Com isto, alerta-se à transformação de mentalidades e mudança do olhar sobre a cidade, reconhecendo que tudo tem relação com a educação.

BIBLIOGRAFIA

- AICE. (2020). *Carta das Cidades Educadoras*. https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT_Carta.pdf
- Barroso, A.B. (2020). *À margem dos tecidos urbanos consolidados. Integração da zona Nascente da cidade de Setúbal*. [Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Especialização em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/20478>
- Benevolo, L. (2003). *História Da Cidade*. Editora Perspectiva.
- Brandão, P. (2002). *O Chão da Cidade – Guia de Avaliação do Design do Espaço Público*. Centro Português do Design.
- Bruno, A. (2014). Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. *Medi@ções*, 2(2), 10–25.
- Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In L. Lima, A. Pacheco, M. Esteves & R. Canário (Eds.), *A educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação*, 195-254. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Câmara Municipal de Setúbal. (2020) *Plano Diretor Municipal de Setúbal: Relatório Síntese*.
- Câmara Municipal de Setúbal. (2021) *Plano Diretor Municipal de Setúbal: Relatório Síntese - Revisão*.
- CCDR-LVT. (2001). *CrITÉrios de Avaliação de Projetos de Desenho de Espaço Público*. <http://www.ccdr-lvt.pt/files/54ef121756e234aaec998d8782bcd05b.pdf>.
- Chism, N. V. N. (2006). Challenging Traditional Assumptions and Rethinking Learning Spaces. In D. G. Oblinger (Ed.), *Learning Spaces*. EDUCAUSE e-book. <https://www.educause.edu/research-and-publications/books/learning-spaces>
- Coachman, N. I. V. (2020). *Planning Child-Friendly, Educating, and Learning Cities: An Urban Framework for Sao Paulo*. [Dissertação de Mestrado em Planeamento Urbano, Massachusetts Institute of Technology]. <http://dspace.mit.edu/handle/1721.1/7582>
- Florenzano, M. B. B. (2015). *A Cidade Grega Antiga Em Imagens: Um Glossário Ilustrado*. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo. https://mae.usp.br/wp-content/uploads/sites/467/2021/01/A_cidade_grega_antiga_em_imagens_um_glos.pdf

- Freitas, C. L. S. (2018). A Influência Da Concepção de Educação Grega Na Constituição Histórica Da Paideia Cristã. *Filosofia e Educação*, 10 (2), 287–309. <https://doi.org/10.20396/rfe.v10i2.8653602>.
- Gadotti, M. (2005). *A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO FORMAL / NÃO-FORMAL*. Institut International Des Droits De L'enfant (IDE), 1–11.
- Gadotti, M. (2012). Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos*, 18 (1), 10-32.
- Gehl, J. (1989). *Life Between Buildings: Using Public Space* (Vol. 8). ISLAND PRESS. <https://doi.org/10.3368/lj.8.1.54>.
- Gehl Institute. (2016). *The Public Life Diversity Toolkit*. https://gehlinsstitute.org/wp-content/uploads/2017/02/20160301_Public-Life-Diversity-Toolkit-V2_HighQuality-1.pdf
- Gohn, M. G. (2006). Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação, 14 (50), 27-38. <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>
- Gohn, M. G. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. In *Investigar em Educação - IIª Série, Número 1*, 35–50.
- Hertzberger, H. (2008). *Space and Learning: Lessons in Architecture 3*. 010 Publishers.
- INE. (2021). *Censos 2021*. Lisboa, Portugal: INE, Instituto Nacional de Estatística.
- Merlin, J. R., & Queiroga, E. F. (2011). *Sobre espaços públicos potencialmente educadores*. CD-Quapa-Sel.
- Merlin, J. R., & Queiroz, A. N. (2014). *Espaços Públicos: suas potencialidades educadoras e a construção da cidadania*. EANPARQ.
- Minea, E. (2012). Back to Agora. *Transylvanian Review Of Administrative Sciences*, 8(SI), 98-108. Retrieved from <https://rtsa.ro/tras/index.php/tras/article/view/323>
- Mourão, A. R. T., & Lopes, C. V. A. (2020). A CIDADE COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO AMPLA E PRÁTICAS EDUCATIVAS INTEGRADORAS. *Interfaces Científicas – Educação*, 9 (3), 27-40.
- Portella, J. C. (2012). *Cidade Educadora (Território Educador): Valores para o DEL*. 10ª Expo Brasil. <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12709089/territorio-educador-expo-brasil-desenvolvimento-local>
- Preiser, W. F. E., Rabinowitz, H. Z., & White, E. T. (1988) *Post-Occupancy Evaluation*. Van Nostrand Reinhold.

- Preiser, W. F. E et al. (2002). *Learning from Our Buildings: A State-of-the-Practice Summary of Post-Occupancy Evaluation*. The National Academies.
- Rheingantz, P. A., Azevedo, G. A., Brasileiro, A., Alcantara, D. de, & Queiroz, M. (2009). *Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. <https://doi.org/10.4237/sbqp.09.199>
- Sardenberg, A. & Ribeiro, R. (Orgs.). (2015). *Territórios Educativos: Trilhas da cidadania, educação e refúgio na cidade* (Vol 3). Associação Cidade Escola Aprendiz. Moderna.
- Scott-Webber, L. (2004). *In Sync: Environmental Behavior Research and the Design of Learning Spaces*. The Society for College and University Planning. <https://doi.org/10.4324/9781315726410-4>.
- Silva, G. C., Lopes, W. G. R., & Lopes J. B. (2011). Evolução, Mudanças de Uso e Apropriação de Espaços Públicos Em Áreas Centrais Urbanas. *Ambiente Construído*, 11 (3), 197–212.
- Singer, H. (Org.). (2015). *Territórios Educativos: Experiências Em Diálogo Com o Bairro-Escola* (Vols. 1, 2). Associação Cidade Escola Aprendiz. Moderna.
- Trilla Bernet, J. (1990). *Introdução. E. A. Educadores. La Ciudad Educadora = La Ville Éducatrice Barcelona*, 6-21. Ajuntament de Barcelona.
- Trilla Bernet, J. (1997). La educación y la ciudad. *Revista Educación Y Ciudad*, (2), 6-19. <https://doi.org/10.36737/01230425.n2.256>
- Trilla Bernet, J. (2003). *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social*. Ariel.
- UNESCO Institute of Lifelong Learning. (2015). *UNESCO Global Network of Learning Cities: Guiding Documents*. <https://uil.unesco.org/fileadmin/keydocuments/LifelongLearning/learning-cities/en-unesco-global-network-of-learning-cities-guiding-documents.pdf>

ANEXOS

ANEXO I. MAPA ESQUEMÁTICO DA CIDADE DE SETÚBAL

ANEXO II. MAPA ESQUEMÁTICO DAS INICIATIVAS EDUCATIVAS APRESENTADAS

ANEXO III. MAPA DIAGNÓSTICO – WALKTHROUGH

ANEXO IV. ENTREVISTAS REALIZADAS

ANEXO V. MODELO DO QUESTIONÁRIO ONLINE

ANEXO I. MAPA ESQUEMÁTICO DA CIDADE DE SETÚBAL



LEGENDA:

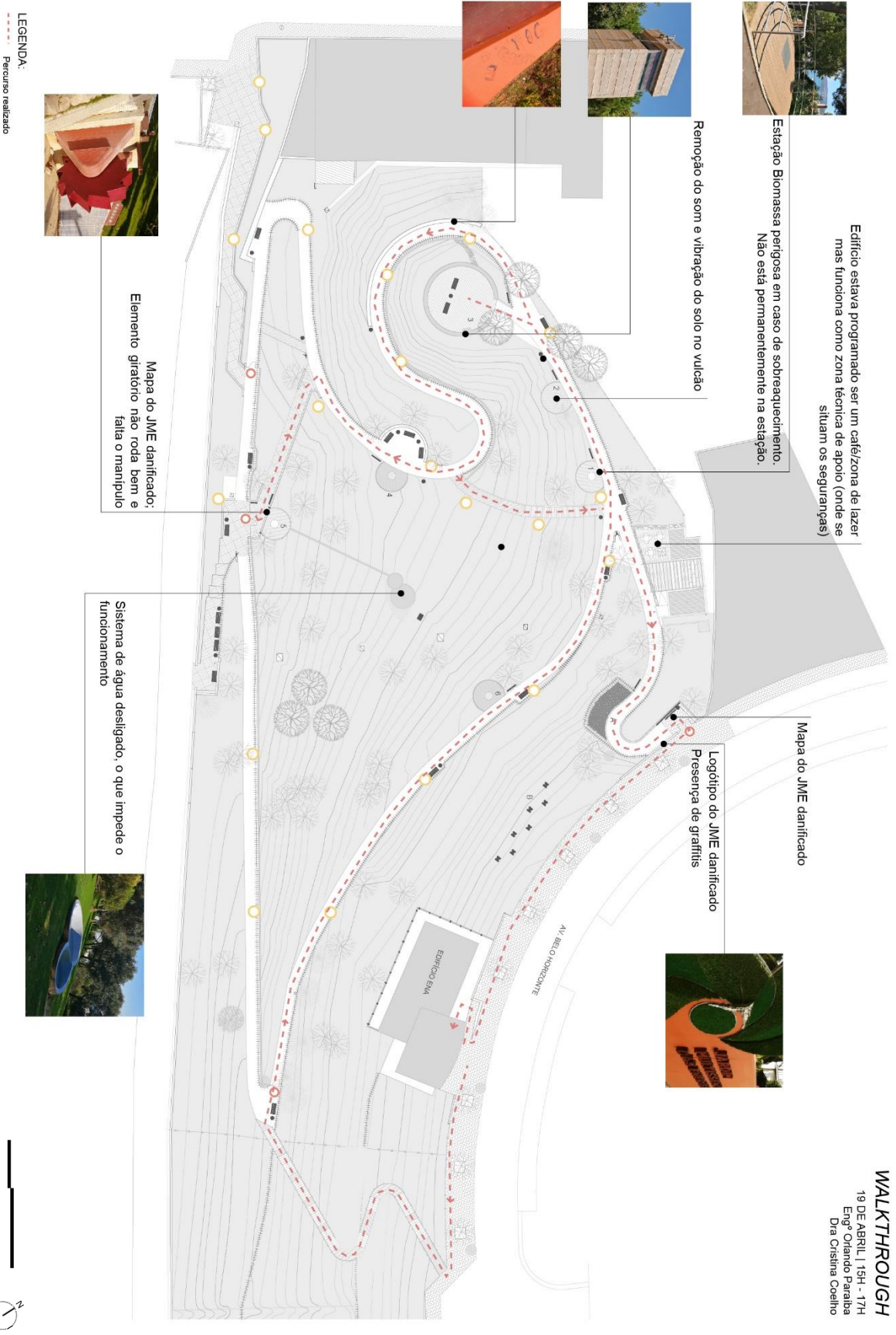
- EQUIPAMENTOS ESCOLARES
 - 1 - Escola Básica Barões do Boccoje
 - 2 - Escola Secundária do Boccoje
 - 3 - Conservatório Regional de Setúbal
 - 4 - Escola Secundária da Gama
 - 5 - Escola Secundária do Cosme
 - 6 - Casa Santa Ana
 - 7 - Escola Básica de 23 de Avezaniz
 - 8 - Escola Básica nº 1 de Setúbal
 - 9 - Escola Básica nº 2 de Setúbal
 - 10 - Escola Básica nº 3 de Setúbal
 - 11 - Escola Básica nº 4 de Setúbal
 - 12 - Escola Básica nº 5 de Setúbal
 - 13 - Escola Básica nº 6 de Setúbal
 - 14 - Escola Básica nº 7 de Setúbal
 - 15 - Escola Básica nº 8 de Setúbal
 - 16 - Escola Básica nº 9 de Setúbal
 - 17 - Escola Secundária Dom Manuel Mendes
 - 18 - Escola de Habilitação e Turismo de Setúbal
 - 19 - Academia de Música e Ballet Aires Lúlia Tod
 - 20 - Escola Básica do Viso
 - 21 - Escola Básica do Viso
 - 22 - Escola Básica nº 10 de Setúbal
 - 23 - Escola Básica São Oshelri
 - 24 - Escola Básica do Bairro Azevedo
 - 25 - Escola Básica do Bairro Azevedo Casa
- EQUIPAMENTOS CULTURAIS E RELIGIOSOS
 - 26 - Paróquia do Espírito de Maria
 - 27 - Igreja de São José
 - 28 - Igreja de São João Baptista
 - 29 - Capela do Senhor do Bonfim
 - 30 - Igreja de São João Baptista
 - 31 - Igreja de São Sebastião
 - 32 - Museu do Trabalho Militar (MTEM)
 - 33 - Museu do Trabalho Militar (MTEM)
 - 34 - A-Gênes - Centro de Criação Artística
 - 35 - Museu do Trabalho Militar (MTEM)
 - 36 - Igreja de Santa Maria da Graça do Bairro do Bairro
 - 37 - Museu de Arqueologia e Etnografia
 - 38 - Museu de Arqueologia e Etnografia
 - 39 - Museu de Arqueologia e Etnografia
 - 40 - Museu de Arqueologia e Etnografia
 - 41 - Galeria Municipal de Arte do Banco de Portugal
 - 42 - Fórum Municipal Aires Lúlia Tod
 - 43 - Igreja de São João
 - 44 - Mercado do Livramento
 - 45 - Igreja de São João
 - 46 - Despedeza - Lota de Setúbal
 - 47 - Auditório José Afonso
 - 48 - Igreja de Nossa Senhora da Anunciada
 - 49 - Forte de São Filipe
 - 50 - Igreja de São João
 - 51 - Convento de Jesus e Museu de Setúbal
 - 52 - Igreja de São Paulo
- EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS
 - 53 - Campo Municipal de Várzea - "O's Pelézinhas"
 - 54 - Academia de Futebol de Setúbal
 - 55 - Academia de Futebol de Setúbal
 - 56 - Academia de Futebol de Setúbal
 - 57 - Sítio Park / Campo do Club de Rugby de Setúbal
 - 58 - Academia de Futebol de Setúbal / Clube Naval Setúbalense
 - 59 - Estádio do Bonfim / Várzea Futebol Clube
 - 60 - Estádio do Bonfim / Várzea Futebol Clube
 - 61 - Estádio do Bonfim / Várzea Futebol Clube
 - 62 - Grupo Desportivo Amanteiras
 - 63 - Pavilhão de Piscinas Municipais das Mantegadas
 - 64 - Clube Naval Setúbalense
- EQUIPAMENTOS DE APOIO SOCIAL
 - 65 - GNR - Posto Territorial de Setúbal
 - 66 - Sede Segurança Social de Setúbal
 - 67 - Tribunal Judicial de Setúbal
 - 68 - Câmara Municipal de Setúbal
 - 69 - Câmara Municipal de Setúbal
 - 70 - Direção de Iniciação Social de Setúbal
 - 71 - GNR - Comando Territorial de Setúbal
- ESPAÇOS VERDES
 - 72 - Jardim Multigeracional das Energias
 - 73 - Jardim Engenheiro Luís de Feresca
 - 74 - Avenida Lúlia Tod
 - 75 - Avenida Lúlia Tod
 - 76 - Praça de Saúde
 - 77 - Praça de Saúde
 - 78 - Jardim do Bonfim
 - 79 - Jardim do Bonfim
 - 80 - Parque Urbano da Várzea
 - 81 - Parque Urbano da Várzea
 - 82 - Parque Urbano Costa
 - 83 - Parque da Lancha
 - 84 - Parque Verde da Bela Vista
 - 85 - Parque de Santa Rita

ANEXO II. MAPA ESQUEMÁTICO DAS INICIATIVAS EDUCATIVAS APRESENTADAS



- LEGENDA:**
- 1 - Escola de Hotelaria e Turismo de Setúbal
 - 2 - Museu do Trabalho Michel Giacometti
 - 3 - Museu do Corpo Sano - Museu do Barrico
 - 4 - Igreja de Santa Maria da Graça
 - 5 - Igreja de Santa Maria da Graça
 - 6 - Igreja de Santa Maria da Graça
 - 7 - Parque do Sertão
 - 8 - Feira Municipal dos Antigos Bancos de Portugal
 - 9 - Galeria Municipal Lusa Todi
 - 10 - Igreja de São João
 - 11 - Igreja de São João
 - 12 - Docapescas - Lota de Sertão Mercado do Rio Azul
 - 13 - Auditório José Afonso
 - 14 - Igreja de Nossa Senhora da Anunciada
 - 15 - Igreja de Nossa Senhora da Anunciada
 - 16 - Cemitério de Nossa Senhora da Piedade
 - 17 - Skate Park
 - 18 - Jardim Multisensorial das Energias
 - 19 - Praia da Saúde
 - 20 - Praia da Saúde
 - 21 - Jardim do Borlim
 - 22 - Praça do Bocage
 - 23 - Praça do Bocage
 - 24 - Largo da Ribeira Velha
 - 25 - Bairro da Bela Vista
 - 26 - Alameda das Palmeiras
 - 27 - Parque de Santa Maria
 - 28 - Parque de Santa Maria
 - 29 - Manilhegata
 - 30 - Parque de Santiago
 - 31 - Bairro dos Pescadores e Orla do Povo
 - 32 - Escola EB 3A Azeda
 - 33 - Avenida José Mourinho
 - 34 - Parque de Vencedos
 - 35 - Avenida José Mourinho
 - 36 - Escola EB 3A Azeda
 - 37 - Rua das Barracas e Rua do Povo com Fomilhas
 - 38 - Avenida Manuel Maria de Pórtela

ANEXO III. MAPA DIAGNÓSTICO - WALKTHROUGH



WALKTHROUGH
 19 DE ABRIL | 15H - 17H
 Engº Orlando Paraíba
 Dra Cristina Coelho

ANEXO IV. ENTREVISTAS REALIZADAS

[1] Eng.º Orlando Paraíba, Diretor da ENA

1. Poderia falar-me mais sobre o processo da criação do JME e quais as intenções pretendidas para este espaço?

O desenvolvimento do projeto do JME pretendia disponibilizar aos cidadãos de Setúbal e respetiva península arredores uma ferramenta de educação ambiental constituída por um percurso interpretativos sobre as energias renováveis constituído por 6 estações (uma dedicada a cada energia renovável). Cada uma destas estações foi pensada para uma utilização/interpretação autónoma ou guiada e capazes de proporcionar uma experiência lúdica e interativa com a utilização das energias renováveis, potenciando o seu carácter formativo. Desde o primeiro momento quer as estações quer o circuito foram pensados desde um ponto de vista inclusivo, eliminando barreiras à utilização e ao acesso, disponibilizados recursos e múltiplos estímulos para que todos, sem exceção, possam disfrutar e aprender sobre as energias renováveis. Por fim esta intervenção visou também a valorização de um espaço da cidade que se encontrava degradado. Como resultado, a cidade ganhou um novo espaço de fruição potenciado pela aprendizagem sobre as energias renováveis.

2. Qual o seu papel no funcionamento do jardim?

Fui o responsável pelo desenho das várias estações que constituem o circuito de interpretação das energias renováveis bem como pelos conteúdos aqui disponibilizados, mas este trabalho só foi possível graças à colaboração do IPS, na conceção de alguns equipamentos, de diversas associações que lidam de perto com grupos de pessoas com necessidades especiais, dos técnicos municipais. Foi um trabalho multidisciplinar que congregou múltiplas visões e preocupações.

3. Como é feita a gestão do espaço? Como funciona a vigilância e manutenção? Quantas pessoas trabalham no Jardim?

A visita ao jardim está disponível para todos bem como todas as estações que constituem o circuito interpretativo (com exceção da estação de biomassa cujo equipamento, por questões de segurança, obriga à presença de um guia). Qualquer pessoa pode, portanto, passear pelo jardim e realizar autonomamente o circuito de interpretação. Mas é também possível organizar visitas de grupo, devidamente acompanhados por um guia através do email geral@ena.com.pt. A visita guiada não tem qualquer custo.

No jardim existe em permanência um vigilante que controla o funcionamento do jardim, existe um sistema de videovigilância instalado e sempre que necessário a ENA - Agência de Energia e Ambiente da Arrábida disponibiliza um técnico para acompanhamento das visitas guiadas. A manutenção dos espaços verdes é assegurada por uma empresa contratada para o efeito.

4. Existem profissionais que garantem um apoio específico a crianças, adolescentes, jovens, idosos e pessoas com diversidades funcionais?

Sim, aos vigilantes do jardim foi ministrada formação sobre as estações e sua utilização, sendo que a ENA disponibiliza um técnico sempre que solicitada uma visita guiada. Dado o desnível a vencer para realizar o percurso de visitação, nas instalações da ENA, contíguas ao JME, está também disponível uma cadeira de rodas elétrica para aqueles que dela necessitarem.

5. Para além das visitas guiadas, também realizam outros eventos?

Sim o JME, pela sua configuração adequa-se à realização de pequenos espetáculos de música ou teatro, eventos públicos e sessões de debate.

6. Sente que a pandemia teve implicações no uso deste espaço pela comunidade? Teve um impacto positivo ou negativo? De que forma?

Sim pelas restrições no acesso e pela dificuldade em organizar com as escolas visitas guiadas.

7. Existem alguns problemas que considera pertinentes? E como pensa que podem ser resolvidos?

O JME não é um projeto morto, mas antes evolutivo, neste sentido é ainda necessário colmatar a dificuldade da descrição das estações para os invisuais, pelo que se aguarda a disponibilização de fundos através de uma candidatura já submetida, para a audiodescrição das estações. Por outro lado, esta mesma candidatura prevê o desenvolvimento de um filme interativo que será apresentado aos grupos que visitam o jardim, abordando a questão da eficiência energética.

Por fim há que reforçar a comunicação com as escolas para dinamizar as visitas guiadas, agora que se perspetiva um retorno às atividades normais, pós-pandemia.

8. Enquanto utilizador, está satisfeito com o JME?

Apesar na minha falta de parcialidade nesta análise, considero que o JME proporciona um conjunto de experiências enriquecedoras pelo que, enquanto utilizador, sim estou satisfeito.

9. De um modo geral, considera que o JME cumpre os requisitos de um espaço público educativo? Porquê?

Sim, porque do contacto com os visitantes (quer os que participam em visitas guiadas quer os que o visitam autonomamente) percebo que o JME não lhes é indiferente, que as estações suscitam curiosidade, interação e discussão, e que ficam ensinamentos sobre as energias, adquiridos num contexto lúdico e de experimentação.

[2] Dra. Cristina Coelho, Funcionária da CMS

1. Poderia falar-me mais sobre o processo da criação do JME e quais as intenções pretendidas para este espaço?

O projeto inicial tinha sobretudo dois objetivos: a requalificação do espaço do Jardim Camilo Castelo Branco – Escarpas de São Nicolau e a criação de um equipamento educativo dedicado às Energias Renováveis através da implementação de um percurso interpretativo. A temática das energias renováveis surgiu como resultado da adesão da CM Setúbal ao Programa do Pacto de Autarcas para a Energia e Clima. A CM Setúbal desenvolveu, em parceria com a ENA, um Plano de Ação para a Energia Sustentável com várias ações, sendo uma delas a criação do Jardim das Energias. Neste sentido, a CM Setúbal e a ENA iniciaram uma parceria para elaboração do projeto e busca de possíveis financiamentos. Elaborámos projeto e uma candidatura ao PEDU – Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano. Entretanto, durante a elaboração do processo de candidatura aos fundos, os colegas da Divisão de Inclusão Social questionaram-nos sobre a possibilidade de contemplar aspetos de inclusão. Foi mediante este processo que o projeto evoluiu de Jardim das Energias para Jardim Multissensorial das Energias, mediante os valiosos contributos do Grupo Municipal para as Deficiências.

2. Pode descrever-me como era o espaço antes da requalificação e qual foi a importância da mesma?

O espaço estava consolidado enquanto jardim, mas o mobiliário, equipamentos e piso estavam degradados. Havia, também, um problema com a fruição do espaço: sendo o jardim um local de passagem/travessia entre a zona portuária e o Bairro Santos Nicolau, os recantos existentes acolhiam frequentemente atividades ilícitas.

3. De um modo geral, considera que o JME cumpre os requisitos de um espaço público educativo? Porquê?

Sim, os painéis explicativos sobre as energias renováveis foram produzidos com o cuidado de serem visualmente apelativos, com textos de contextualização científica e tecnicamente corretos, mas não herméticos, recorrendo frequentemente a esquemas e/ou imagens ilustrativas. Por outro lado, a interatividade dos equipamentos presentes nas estações também permite uma aprendizagem ativa, associada a uma componente lúdica.

4. Existem alguns problemas que considera pertinentes? E como pensa que podem ser resolvidos?

Sim, a manutenção do espaço, sobretudo no que concerne aos equipamentos das estações. A interatividade dos equipamentos tem subjacente o seu desgaste, pelo que, por forma a garantir a seu pleno funcionamento é necessário fazer manutenções regulares.

5. Enquanto utilizador, está satisfeito com o JME?

Sim. Todo o espaço foi requalificado. As suas características cénicas foram potenciadas – tem uma vista fabulosa sobre a Cidade e a Baía de Setúbal, a Serra da Arrábida, o Estuário do Sado e Troia. A utilização de equipamento e mobiliário em material reciclado da Extruplas elevou a qualidade dos materiais presentes. A construção da levada e do lago permitiram a acentuação de anfiteatro natural do espaço – em 2020 a Abertura do Festival de Teatro realizou-se no JME tirando partido desta característica (foram distribuídos pequenos bancos pela relva) – trazendo uma dinâmica nova ao espaço de acolhimento de eventos.

6. A pandemia teve implicações no uso deste espaço pela comunidade? Teve um impacto positivo ou negativo? De que forma?

Sim, houve implicações. O Jardim Multissensorial das Energias foi fechado durante os períodos de confinamento da pandemia por recomendação da Proteção Civil Municipal: a interatividade/manipulação dos equipamentos das estações de energias renováveis não se coadunava com a necessária proteção da população perante a situação da COVID-19. Houve manutenção minimalista do espaço durante o período de confinamento, pelo que, foram necessárias reparações e manutenções mais profundas nas reaberturas.

7. Existe acompanhamento e avaliação reflexiva para melhorar o espaço e ir ao encontro das necessidades evolutivas dos utilizadores?

Existe acompanhamento e avaliação em duas componentes: na fruição do espaço enquanto jardim e enquanto equipamento educativo. Neste momento estão a ser realizadas ações de divulgação do JME junto da Comunidade Educativa do Concelhia por forma a promover o espaço. O JME foi inaugurado e após um ano entrámos em situação de pandemia e confinamentos, pelo que, foi identificada a necessidade de divulgação da existência deste equipamento, assim como, das suas valências.

ANEXO V. MODELO DO QUESTIONÁRIO ONLINE

Este questionário surge no âmbito de uma dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, do Instituto Superior Técnico (IST): "Educação e Cidade - o Espaço Público como Espaço Educativo".

A investigação tem como objetivo principal discutir o espaço público urbano sob o tema dos espaços de aprendizagem, enquadrado nos princípios e estratégias do movimento das Cidades Educadoras. Pretende-se explorar quais as condições morfológicas que permitem potenciar a oferta educativa urbana a nível da aprendizagem formal e informal. Como caso de estudo, é analisado o Jardim Multissensorial das Energias (JME), um dos espaços educativos oferecidos pela cidade de Setúbal.

Para tal é imprescindível a participação da comunidade que o frequenta!

Por favor, considere 15 minutos do seu tempo e responda às seguintes questões recordando a sua experiência e opinião sobre o espaço. O seu contributo é crucial!

Muito obrigada :)

Caso pretenda adquirir mais informações, contacte-me através de: mariana.sarmiento@tecnico.ulisboa.pt

PARTE 1

USOS

1. Pertence a algum destes grupos?

- Pessoa com deficiência motora
- Pessoa com deficiência intelectual
- Pessoa com deficiência auditiva/visual
- Migrante
- Não pertenço a nenhum destes grupos

2. Qual a sua idade?

- Até 17 anos
- [18 a 35[anos
- [35 a 65[anos
- Mais de 65 anos

3. Ocupação/profissão? _____

4. Em relação ao jardim, como se identifica?

- Vizinho/residente
- Trabalhador (na proximidade)
- Estudante (em escola próxima)
- Turista
- Visitante (de evento, ocasião, ...)
- Outro: _____

5. Como se desloca ao Jardim?

- A pé
- Bicicleta
- Autocarro
- Veículo ligeiro (mota/carro)
- Táxi
- Outro: _____

6. Porque frequenta este espaço? Que tipo de atividades costuma realizar?

- Passear o cão
- Fazer desporto
- Ler/Estudar
- Estar/Descansar/relaxar
- Ver a vista
- Conviver com amigos/família

- Passear
- Apenas como local de passagem
- Frequentar um evento/performance
- Participar nas visitas guiadas
- Outro: _____

7. O que procura no jardim?

Ex: Tranquilidade e uma boa vista; espaço sem pessoas para poder brincar com o meu cão; local calmo para estar com a família

8. Com que frequência visita o espaço?

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Raramente
- Só fui uma vez

9. Qual o tempo médio de estadia?

- <15 minutos
- 15 - 30 minutos
- 30 - 60 minutos
- >60 minutos

10. Qual o período de estadia?

- Manhã
- Tarde
- Noite
- Fins de semana
- Durante a semana

11. Em que altura visita mais este espaço?

- Inverno
- Primavera
- Verão
- Outono

PARTE 2

IMAGEM DO LUGAR

A_IDENTIDADE / IMAGEM PRÓPRIA

1. Quando ouve o nome Jardim Multissensorial das Energias (JME), de que se lembra imediatamente/o que simboliza o espaço para si?

2. Imagine que tem que descrever este lugar a um amigo que não conhece. O que diria?

3. Tem alguma ligação emocional com este espaço?

- Memórias ligadas ao passado (antepassados, história pessoal, familiar, local...)
- Memórias ligadas a hábitos culturais (festa, religião, desporto, gastronomia...)
- Memórias ligadas a alterações técnico-económicas (a fábrica, a energia, o transporte...)
- Não tenho sensações acerca do JME
- Outra: _____

4. Como descreve a imagem do JME?

	MUITO MAU	MAU	BOM	MUITO BOM
Antes da requalificação				
Após a requalificação				

5. Na sua opinião, o JME contribui para a preservação da identidade da cidade? SIM/NÃO

6. O que mais gosta neste jardim?

AMBIENTE DO LUGAR

C. SEGURANÇA/CONFORTO/APRAZIBILIDADE

7. Como avalia o ambiente do JME, quanto aos seguintes aspetos?

	MUITO MAU	MAU	BOM	MUITO BOM
SEGURANÇA				
Segurança pessoal no período diurno				
Segurança pessoal no período noturno				
Segurança na relação ambiente pedonal/rodoviário				
Defesa visual dos espaços				
Segurança dos equipamentos e mobiliário urbano				
CONFORTO				
Temperatura durante o verão				
Temperatura durante o inverno				
Qualidade do ar (odores/fumo de tabaco)				
Nível de ruído da envolvente				
Qualidade do som				
Qualidade da iluminação natural				
Qualidade da iluminação artificial				
Adequação/conforto do mobiliário urbano				
APRAZIBILIDADE				
Qualidade estética geral do lugar				
Elementos artísticos				
Elementos naturais				

8. Considera que há elementos físicos que o jardim não oferece e que são fundamentais para a prática das suas atividades?

9. Considera que o JME oferece os seguintes elementos de forma eficaz e suficiente?

	SIM	NÃO
Pontos de abrigo (exposição solar, chuva, vento...)		
Lugares para sentar		
Pontos de recolha de lixo		
Bebedouros		
Instalações Sanitárias		
Elementos de apoio a novas tecnologias (tomadas, WiFi, etc.)		

CONDIÇÕES DO LUGAR

B_CONTINUIDADE/PERMEABILIDADE

	SIM	NÃO
Considera que o JME está integrado no contexto urbano envolvente? (redes viárias, pedonais, cicláveis, automóveis; estrutura verde; serviços)		
A visibilidade dos vários espaços e percursos interiores é boa?		

10. Considere a seguinte imagem com a indicação das entradas do JME. Quais das entradas são fáceis de identificar?

- Entrada nascente (pelo Edifício ENA)
- Entrada poente (pelo lado da Av. Luísa Todi)
- Entrada sul (pelo lado da Est. da Graça)
- Percurso alternativo (passadiço junto à ENA)
- Todas são fáceis de identificar tanto pelo interior como pelo exterior
- Apenas identifico pelo exterior
- Nenhuma é fácil

H_RESISTÊNCIA/DURABILIDADE

11. Classifique os seguintes aspetos de acordo com as suas condições físicas, considerando o seu possível desgaste e deterioração.

	MUITO MAU	MAU	BOM	MUITO BOM
Mobiliário urbano (bancos, ...)				
Iluminação artificial				
Pavimentos e passeios				
Sinalética				
Equipamentos das estações de energia				

G_DIVERSIDADE E ADAPTABILIDADE

12. Avalie os seguintes aspetos considerando a diversidade e adaptabilidade dos espaços oferecidos.

	MUITO MAU	MAU	BOM	MUITO BOM
Adaptação a outras funções/usos				
Oferta de espaços multifuncionais				

13. Avalie os seguintes aspectos considerando a acessibilidade e mobilidade dos espaços oferecidos.

	MUITO MAU	MAU	BOM	MUITO BOM
Facilidade de movimentação no interior				
Facilidade de atravessamento do local/ligação a outros locais				
Oferta de transportes públicos				
Oferta de serviços na área envolvente				
Oferta de estacionamento de veículos				

F_LEGIBILIDADE

	SIM	NÃO
Tem facilidade em compreender os limites do JME, no período diurno?		
E no período noturno?		
Considera ser uma mais-valia em comparação a espaços abertos, sem limites físicos?		
Tem facilidade em orientar-se dentro do JME, no período diurno?		
E no período noturno?		

14. Quais dos seguintes marcos visuais e elementos utiliza para a leitura e orientação no espaço?

- Vistas
- Referências paisagísticas
- Sinalética (placas informativas, símbolos, sinais direcionais)
- Iluminação
- Qualidade da arte pública
- Pessoal responsável
- Pavimento
- Outro: _____

15. Para si, que elementos do JME considera mais distintivos, quais são os mais fáceis de reter na memória?

I_SUSTENTABILIDADE

16. Considera que a usufruição do jardim contribuiu para um aumento da sua responsabilidade ambiental? Se sim, porquê?

E_INCLUSÃO/COESÃO SOCIAL

17. É um espaço disponível a todos, independentemente das suas características, crenças e ideologias? SIM/NÃO

18. Promove a coesão social entre os bairros? SIM/NÃO/NÃO SEI

19. Quando usufrui do JME, sente-se incluído na comunidade? SIM/NÃO

20. Setúbal é uma das cidades educadoras a nível mundial. Conhece a Carta das Cidades Educadoras? SIM/NÃO

21. Imagina o JME como um espaço de aprendizagem ao ar livre? Porquê?

22. Quais das seguintes atividades acha que pode ser realizada no JME?

- Aulas, cursos e formações
- Aulas de desporto
- Eventos lúdicos
- Exposições de arte
- Seminários
- Festivais de música
- Teatro
- Todas as opções
- Nenhuma das opções

23. Dentro dos temas questionados, que tipo de melhorias sugere? Por exemplo: fonte de WiFi, limpeza pública regular, ter vigilância 24h, mais bancos e mesas, mais iluminação pública, etc.

24. Tem algumas sugestões de atividades que gostaria de encontrar no JME? Por exemplo: atividades coletivas de desporto (pilates), lugares para estudo, pontos com materiais para pinturas, etc.

Agradeço o seu contributo :)